

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Alexsandro dos Santos Machado

Intuições para uma Pedagogia da Intuição:
a Amizade enquanto uma Experiência Integral
pela Dinâmica das Cartas

Porto Alegre

2012

Alexsandro dos Santos Machado

Intuições para uma Pedagogia da Intuição:
a Amizade enquanto uma Experiência Integral
pela Dinâmica das Cartas

Tese de Doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do Título de Doutor em Educação.

Orientadora:

Prof^ª Dr^ª Malvina do Amaral Dorneles

Porto Alegre

2012

Para Virgínia, Luis Guilherme, Helena, Mariana e Maria Beatriz

Com toda a força do meu amor

Agradecimentos

Sinto-me profundamente agraciado pela vida durante este ciclo de doutoramento. São inúmeras pessoas e paisagens que compuseram o intenso movimento de experiências, estudos, trabalhos e descobertas que nos ajudaram na produção desta obra.

Primeiramente quero agradecer minha orientadora Professora Malvina do Amaral Dorneles. Mais do que minha orientadora acadêmica ela tem sido minha orientadora espiritual, no amplo e profundo sentido que isso possa ter. Educadora sábia, inúmeras vezes me desestabilizou com a firmeza e a ternura de quem sabe cuidar. Educadora paciente, soube respeitar meus ciclos, meus tempos e meus modos de produzir conhecimento. Educadora competente, me acompanhou, de fato, em todos os momentos de meu trabalho. Obrigado por tudo!

Ao meu amigo Rafael Arenhaldt, pelo companheirismo inspirador, pela parceria natural e alegria do encontro. De maneira especial, por ter me apresentado a Professora Malvina e me incentivado, desde os tempos de mestrado, a estudarmos juntos na mesma linha de pesquisa.

Minha reverência aos participantes da Dinâmica das Cartas que produziram esta obra comigo: Ana Paula, Anelise, Ari, Bruna, Camila Chiapetti, Camila Domingues, Clarissa Lorenzini, Clarissa Carvalho, Claudia, Derik, Eduarda, Fernanda, Fernando, Francelise, Jéssica, Laís, Laura, Leonardo, Letícia, Luana, Marcelo, Vitor, Mariana de David, Mariana Bock, Mariane, Melissa, Nathália, Paola, Pedro, Rafael, Renata, Rodrigo, Simone, Tatiane, Thais, Thiago e Vanessa. Muito obrigado pelas inúmeras aprendizagens e experiências integrais ao longo de todos esses anos. Com vocês descobri o sentido de minha docência. Espero que nossa amizade continue produzindo reflexões profundas pela vida a fora.

Um agradecimento todo especial à Professora Magda Costa Carvalho, da Universidade dos Açores. A sua abertura, disponibilidade e

acompanhamento foram determinantes para o estudo da obra de Henri Bergson. Espero continuarmos estudando e produzindo juntos!

Aos professores Adriano Nogueira, Débora Feitosa, João Souza e Norma Regina Marzola pela disposição em ler, avaliar e contribuir com este trabalho. As suas observações pertinentes sugeridas por vocês me levaram a rever e a aprofundar muitos aspectos desta tese.

À Professora Jaqueline Moll pelo convite para assessorá-la, ao longo de 2009, junto à Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação, em Brasília. O que poderia parecer uma parada no meu tempo de doutorado acabou se constituindo em uma incomensurável experiência, especialmente no âmbito das políticas públicas em Educação Integral no Brasil.

À Comunidade Educativa do Colégio La Salle São João por ter sido (e, de alguma forma, continuar sendo) o lugar onde me descobri educador. Meu muito obrigado por respeitar e acolher nosso trabalho, mesmo após minha saída da instituição, no final de 2005.

À Universidade Federal do Vale do São Francisco, que desde novembro de 2009, tem sido o *lócus* de minha vida acadêmica. De uma maneira toda especial, aos meus companheiros do Colegiado de Educação Física: Edmilson, Ferdinando, José Fernando, Lara, Lolo, Luciano, Marcelo, Marlo, Orlando, Rodrigo, Sérgio, Anderson e Leidjane. Agradeço a vocês por todo apoio e incentivo para que este obra se concretizasse. O meu trabalho está a serviço de nosso projeto comum! A todos os camaradas do Movimento UNIVASF Plural e Democrática, especialmente na figura do nosso Magnífico Reitor, Prof. Dr. Juliane Tolentino de Lima, pela coragem, alegria e compromisso que nos conduziram, com apoio de tantas pessoas, à missão de transformar uma universidade pública por meio de uma gestão comprometida com um projeto coletivo. Aos colegas do Colegiado de Psicologia, especialmente Marcelo, Darlindo, Elzenita, Alexandre, Kátia, Sílvia e Virgínia pela acolhida e amizade sincera. Ao Núcleo Temático de Práticas Integrativas do Vale do São Francisco por se constituir em uma incubadora de nossas ideias. E, principalmente, aos meus educandos. É, em última instância, com vocês e por vocês que me transformo diariamente como educador.

À cidade de Porto Alegre, minha terra natal, e a Faculdade de Educação da UFRGS, com a quais consegui manter uma espécie de cordão umbilical por meio do doutoramento. A Sapucaia do Sul, terra onde me criei, que me acolheu em meu retiro doutoral em 2008. A Brasília que, além de nos conectar com todo o país, nos serviu, ao mesmo tempo, de ninho para a chegada de meu primeiro filho, o Luis Guilherme, em 2009. E a Petrolina e a Juazeiro, que já se constituem como paisagens que compõem a minha alma. De maneira especial, ao Velho Chico, para o qual olho neste momento e para o qual mirei durante tantas e tantas horas, enquanto meditava sobre o que eu estava escrevendo, aqui na varanda de nosso apartamento.

Aos meus amigos que, como bons amigos que são, contribuíram na transformação cotidiana na trajetória de minha vida nesses últimos anos. De maneira especial, meu muito obrigado a Adriano Vieira, Camila Helena, Cleuson Caixeta, Gustavo Ferenci, Letícia Duarte, Luis Augusto Farinatti, Márcio Tascheto, Eris e Reginaldo César. Cada um no seu tempo e à sua maneira, me ajudaram e encontrar sentidos em minha vida e em meu trabalho por meio da amizade.

Um beijo muito especial à minha mãe Vani dos Santos Machado, pelo seu amor, que transcende distâncias; ao meu pai Valdir Machado, de presença cada vez mais forte, especialmente desde o dia em que virei pai; ao meu mano Wander dos Santos Machado, pelo carinho e admiração profunda; pela sua companheira Gisele Carvalho, a irmã que nunca tive; à minha dinda Eraci dos Santos, pelo amor materno presente em cada palavra de estímulo; e ao meu avô Otacílio dos Santos, de quem herdei a alma campeira. Além disso, seria injusto também não lembrar do companheirismo fiel, silencioso e carinhoso do Samuca.

À família maravilhosa que fui presenteado pela minha esposa: Ruy Carlos (*in memoriam*), Marleide, Patrícia, Otávio, Maria Eduarda, Júnior, Daniela, Camily e Mateus. É uma honra e uma alegria poder fazer parte da família com vocês!

À minha amada esposa Virgínia, companheira que me fez tocar ao fundo de mim mesmo e encontrar a alegria de viver. Em cada palavra desta obra habita a força do amor que sinto por ti.

Aos meus três amados filhos Luis Guilherme, Helena e Mariana; à Maria Beatriz, minha querida enteada, que também me chegou neste período. Há muitos que aconselham as pessoas a somente terem filhos após o doutorado. Não tenho como concordar com isso. Todos os meus filhos me chegaram durante o meu doutorado e esta foi a maior força e maior graça da minha vida. Eles fizeram com que eu lembrasse que minha vida inteira deve estar em cada letra da tese, mas que na tese não cabe minha vida inteira.

Resumo

A partir de uma de uma atividade denominada “Dinâmica das Cartas”, o autor convidou seus estudantes do Ensino Médio a escreverem cartas para si mesmos a serem recebidas cinco anos depois. Após esse período, conforme o combinado, tais cartas foram remetidas de volta aos seus autores pelo correio e houve um reencontro com todos os participantes. Trinta e oito voluntários aceitaram o convite do autor e continuaram um processo de aprofundamento de reflexões sobre a Dinâmica das Cartas por meio de e-mails, cartas e encontros presenciais. O produto desse processo foi analisado pelo autor a partir da obra de Henri Bergson, de maneira especial, por meio dos conceitos de intuição, memória, duração e experiência integral. Constatou-se que, sustentada pela amizade, as experiências escolares podem envolver a inteligência e a intuição, mediante um misto de processos da mente e da memória, que podem se entrelaçar em experiências integrais. Por fim, ao verificarmos que a intuição é o fio metodológico capaz de, em complemento à inteligência, transformar as vivências educativas em experiências integrais, apontamos a necessidade de se organizar pressupostos mais consistentes para uma Pedagogia da Intuição.

Palavras chave: Pedagogia da Intuição; Memória e Duração em Bergson; Experiência Integral com Jovens.

Abstract

From an activity called a "Dynamics of Letters", the author invited his high school students to write letters to themselves to be received five years later. After this period, as agreed, such letters were sent back to their authors by mail and there was a meeting with all participants. Thirty-eight volunteers accepted the invitation of the author and continued a process of deepening reflection on the dynamics of letters through e-mails, letters and meetings. The product of this process was analyzed by the author based on work of Henri Bergson, especially, through the concepts of intuition, memory, duration and integral experience. Thus, we conclude that through friendship, the dynamics of the Letters was formed as an integral experience. We see through this dynamic that the school experiences may involve intelligence and intuition, through a combination of processes of the mind and memory, which can be interwoven through the integral experiences. Finally, to verify that intuition is the thread methodological able to, in addition to intelligence, transform the educational experiences in integral experiences, highlighting the need to organize more consistent fundamentals for a Pedagogy of Intuition.

Word-keys: Pedagogy of Intuition; Memory and Duration in Bergson; Integral Experiences with youth.

Índice de Participantes

Participante 1: Ana Paula Andriotti.....	32
Participante 2: Anelise Valls.....	33
Participante 3: Ari Job Júnior.....	34
Participante 4: Bruna Graneto Menezes	36
Participante 5: Camila Barbieri Chiapetti.....	37
Participante 6: Camila Domingues	39
Participante 7: Clarissa Lorenzini	41
Participante 8: Clarissa de Souza Carvalho	44
Participante 9: Claudia Moraes Pêra.....	47
Participante 10: Derik Koubik	49
Participante 11: Eduarda Bonora Kern.....	55
Participante 12: Fernanda Nunes Henriques.....	57
Participante 13: Fernando Calvetti	59
Participante 14: Francelise Cappelaro	60
Participante 15: Jéssica Gonçalves.....	62
Participante 16: Laís Tissiane Dutra.....	65
Participante 17: Larissa Donini.....	66
Participante 18: Laura Azeredo	67
Participante 19: Leonardo Gonçalves	69
Participante 20: Letícia Festugato	70
Participante 21: Luana Barth.....	72
Participante 22: Marcelo Valêncio.....	74
Participante 23: Marcos Vinícius Vidor.....	76
Participante 24: Mariana de David	78
Participante 25: Mariana Rangel Bock	88
Participante 26: Mariane Amado de Paula	89
Participante 27: Melissa Martins.....	91
Participante 28: Nathália Vaz Andrade.....	92
Participante 29: Paola Graciela Santos Moraes	93
Participante 30: Pedro Gutierrez	98
Participante 31: Rafael Rafaelli	101
Participante 32: Renata Santos de Souza.....	103
Participante 33: Rodrigo Martini Monteiro	104
Participante 34: Simone Pemp Pereira	105
Participante 35: Tatiane Marques Cardoso	106
Participante 36: Thais Lopo.....	108
Participante 37: Thiago Canali	109
Participante 38: Vanessa Garcia	111

Índice de Fotos

Foto 1: Participantes da Dinâmica das Cartas	15
Foto 2: Uma das caixas da Dinâmica das Cartas.....	18
Foto 3: "Você me dá sua palavra?" - Obra de Élide Tessler	27
Foto 4: Bandeirinhas Tbetanas – foto de Adilia Belotti	28
Foto 5: Manuscrito primeira página de "Les deux sources de la Morale et de la Religion"	112
Foto 6: Fotograma da Cena do Café da película "A Liberdade é Azul"	123
Foto 7: A amizade enquanto experiência integral	142
Foto 8: A vida que brota na escola.....	151
Foto 9: Guri	163

Índice de Figuras

Figura 1: Cone da Memória de Henri Bergson - estilizado.....	117
Figura 2: Síntese Geral da Teoria de Plotino	119

Abreviaturas das Obras de Bergson

Utilizamos as seguintes abreviaturas para citarmos as obras de Bergson:

D.I. = BERGSON, Henri. **Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência**. Lisboa: Edições 70, 2011.

M.M. = BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

E.C. = BERGSON, Henri. **A Evolução Criadora**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

P.M. = BERGSON, Henri. **O Pensamento e o Movente**. In Cartas, Conferências e outros escritos. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 99-152. (Coleção Os Pensadores)

E.S. = BERGSON, Henri. **A Energia Espiritual**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

D.S. = BERGSON, Henri. **As Duas Fontes da Moral e da Religião**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

I.F. = BERGSON, Henri. **A Intuição Filosófica**. Lisboa: Edições Colibri - Universalia, 1994.

C.G. = BERGSON, Henri. **Cursos sobre a Filosofia Grega**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

D.S. = BERGSON, Henri. **Duração e Simultaneidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

I.M. = BERGSON, Henri. **Introdução à Metafísica**. In Cartas, Conferências e outros escritos. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 11- 39. (Coleção Os Pensadores)

E.P. = BERGSON, Henri. **Écrits et Paroles (I, II e III)**. Paris: PUF, 1957.

B.S. = BERGSON, Henri. **Le bons sens et les études classiques**. In *Écrits philosophiques*. Paris: PUF, 2011, p. 152-164.

Sumário

Prólogo	16
1. A Dinâmica das Cartas	17
A Dinâmica.....	17
As Cartas.....	29
2. Bergson: Memória, Duração e Experiência Integral	112
Uma fenomenologia da memória	114
Duração	123
Experiência Integral: Inteligência, Intuição e <i>Élan Vital</i>	127
3. A Dinâmica das Cartas e a Amizade	142
Uma breve genealogia da amizade	143
A Amizade enquanto uma experiência integral pela Dinâmica das Cartas .	151
4. Intuições para uma Pedagogia da Intuição	163
Referências Bibliográficas	168
ANEXOS	176



Foto 1: Participantes da Dinâmica das Cartas¹

*No damos pie entre tanto tic tac
entre tant big bang
solo un grano de sal en el mar del Cielo*

*Calma, todo esta calma
deja que el beso dure
deja que el tiempo cure
deja que el alma
tenga la misma edad que la edad del cielo*

Jorge Drexler

¹ Dois participantes da Dinâmica das Cartas contemplando o nascer do sol durante atividade em 22 de Outubro de 2004, na Casa de Formação Quinta São José – Nova Santa Rita – RS. Foto de Alexandro dos Santos Machado.

Prólogo

“Nem tudo o que ocorre em qualquer parte da alma é logo conhecido por nós, pois, para que tal conhecimento se dê, a coisa tem de estar presente para a alma inteira.”

Plotino - Enéada IV. 8:8 (PLOTINO, 2000, p.94)

“Há coisas que apenas a inteligência é capaz de procurar, mas que, por si mesma, não encontrará nunca. Essas coisas, apenas o instinto as encontraria; mas não as procurará nunca.”

HENRI BERGSON (BERGSON, E.C., p. 164)

1. A Dinâmica das Cartas

A Dinâmica

Quanto tempo dura uma aula?

A vida inteira, se conhecemos com a “alma inteira”... O conhecimento pode ser gerado mediante a *intuição* e pela *inteligência*. Ambos são processos presentes no cotidiano escolar. Agregar essas duas dimensões talvez seja o esforço metodológico principal para integrar a experiência humana por meio da educação. Mas como integrar esses modos de produzir conhecimentos? Seria algum deles mais significativo para a vida dos educandos? Eles ocorrem por processos distintos? Poderiam eles ser aprimorados? São vivências educativas que poderiam retroalimentar-se?

Parece-nos que, na maioria das vezes, a rotina² escolar transcorre sob a demarcação de um tempo mensurado e homogêneo. Tempo que se torna quantificável pelo seu desenvolvimento no espaço, frequentemente numa sala de aula. Contudo, concomitantemente, a educação escolar também pode durar sob um tempo vivenciado de uma multiplicidade qualitativa, experimentado de maneira profunda enquanto instantes indivisíveis. E isso pode ocorrer junto e ao mesmo tempo.

² Ribeiro (2012) desenvolveu uma interessante pesquisa, ainda inédita, sobre a rotina escolar. Nela o autor aponta que a palavra “rotina” tem a mesma origem etimológica que o termo “rota” (CUNHA, 2001, p.691-692). Ambos designam “caminho, direção, rumo” e advêm do latim “rupta”, que também é o prefixo da palavra “ruptura”. Ou seja, a rotina pode ser compreendida como caminho já aberto e traçado, que percorremos ordinariamente (aquele que fazemos sem pensar muito ou gastar muita energia); todavia também pode ser entendida enquanto ruptura de trajetórias, abertura de novas rotas, de novos caminhos.

Foi durante essas aulas que precisam existir no intervalo entre sinais estridentes cronometrados em 50 minutos, que realizei uma experiência insólita e intempestiva com algumas turmas do Ensino Médio³: convidei-os a escrever uma carta de si para si, a ser recebida pelo correio dali a cinco anos. Essa aula foi denominada “Dinâmica das Cartas”.

Nesta carta, cada um poderia escrever o que quisesse “dizer” para si mesmo, cinco anos mais velho. As cartas foram colocadas dentro de envelopes, devidamente lacrados e endereçados aos próprios remetentes. Os invólucros também poderiam ser recheados com fotos, bilhetes de outras pessoas ou o que mais o participante tivesse desejo de ali depositar. Todos os envelopes foram assentados dentro de uma caixa de papelão, que foi fechada e identificada com o número e o ano letivo de cada turma, bem como a data em que ela deveria ser aberta.



Foto 2: Uma das caixas da Dinâmica das Cartas

O meu compromisso era de zelar pela integridade das caixas, salvaguardando que ninguém teria acesso a seus conteúdos a não ser seus

³ Entre 1996 e 2000 e entre 2003 e 2005 trabalhei no Colégio La Salle São João, de Porto Alegre/RS. Nesses oito anos, eu fui Assessor de Grupos de Jovens, Jornadas de Formação, Professor de Ensino Religioso, Psicólogo e membro da Equipe Diretiva.

próprios autores. Além disso, eu me comprometia com cada turma a enviar as cartas pelo correio no prazo combinado e promover um encontro entre todos os participantes, cinco anos depois, quando só então conversaríamos sobre os sentidos dessa experiência.

De certa forma, eu intuía que tal experiência proporcionaria uma projeção de si e da experiência integral que tínhamos enquanto grupo numa outra textura de tempo. A continuação de uma ascense pela amizade.

A experiência da Dinâmica das Cartas acabou se constituindo num dos principais vínculos entre os estudantes após a conclusão do Ensino Médio. Realizei essa experiência no Colégio La Salle São João nos anos 2000, 2003 e 2004. Apenas no ano de 2003, 246 alunos escreveram suas cartas. No ano de 2008, como combinado, as enviei todas pelo correio. Poucas cartas voltaram para minha casa. Redes sociais também foram usadas pelos expectantes participantes para lembrar-se das cartas que chegavam a suas casas e para me informar algum endereço que havia sido alterado com o tempo.

Cinco anos depois de escrita, cada carta retirada das caixas foi colocada dentro de um envelope maior. Dentro deste também inseri uma carta de minha autoria⁴ convidando cada um para me escrever correspondências ou e-mails dizendo como tinha sido a experiência de se reencontrar com o que havia escrito cinco anos atrás.

A partir do pretexto do reencontro dos participantes da Dinâmica, os incentivei a escreverem sobre a experiência de lerem suas próprias cartas. Com eles troquei e-mails e nos encontramos presencialmente a fim de pensarmos sobre a experiência que estávamos a realizar. Assim, sistematizamos mais de quinhentas páginas de diálogos sobre a experiência das cartas, distribuídas em três cadernos. Alguns escreveram muito (uma única participante chegou a escrever trinta páginas em mais de dez e-mails!), enquanto outros redigiram apenas um parágrafo. Mas isso não significa que pequenos escritos sejam menos potentes e vivos do que os longos.

⁴ Anexo I.

No dia combinado previamente⁵, nos encontramos na escola aonde havíamos convivido há cinco anos. Cento e sessenta pessoas compareceram para nossa “conversa”. Assim Anelise Valls⁶, analisa a experiência do reencontro em e-mail enviado no mesmo dia de sua realização:

Sabe, a experiência de hoje foi plena demais, daquelas que horas depois ainda se tem reflexos e continua ecoando em ti, em mim, em mais vários. (eu to muita sentida nesse momento e não to considerando o fato de estar de tpm ou coisas do tipo. É pra lá da afetação da sensibilidade). Re-encontros são muito fortes (intensidade mesmo). A gente já costuma saber isso, ok?! É porque o tipo de re-encontro de hoje captura elementos excessivos e organizar tantas sensações, percepções, leva tempo e cuidado (CC 2008, linhas 2138-2147).⁷

Cada participante neste reencontro teve a oportunidade de compartilhar a experiência de “conversar consigo mesmo” de cinco anos antes. Muitas experiências foram relatadas. Alguns projetos realizados, outros frustrados, redimensionados. Mas aquele momento foi marcado, sobretudo, pela alegria do reencontro com amigos. Tratava-se da rememoração da vida experimentada naquele espaço escolar. Geralmente, apequena-se a experiência da amizade na escola. Ela é tratada como acessório, como bem-vinda, desde que contribua para o aprendizado dos “conteúdos” e não atrapalhe o curso planejado do currículo escolar.

A amizade experimentada na escola é uma espécie de concessão social. Amizade tutorada, domesticada, esvaziada de sua potência erótica e política. Mas a vida é teimosa em querer atualizar-se. O *élan vital* sopra como

⁵ Dia 21/06/2008.

⁶ Todos os participantes desta pesquisa concordaram em participar dele mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO II). Por meio deste, eles também expressaram se gostariam de usar pseudônimos ou seus próprios nomes nesta tese. Apenas uma participante desejou que seu nome não fosse divulgado, o que foi prontamente respeitado. Os demais participantes redigiram suas próprias apresentações, como a que segue, de Anelise Valls: “*Hoje sou uma filósofa formada pela UFRGS e mestranda em Filosofia (USP). Mas estou me entregando mais ao amor ao sabor do que ao amor ao saber. Após o mestrado, irei me dedicar mais à gastronomia.*”

⁷ Caderno de Correspondências com Participantes da Dinâmica das Cartas – Turma do ano 2003. Sapucaia do Sul, 2008. Doravante denominado de “CC, 2008”.

vento pelas frestas, contribuindo para que a vida busque transformar-se para ser ainda mais viva.

Pessoalmente, aquele reencontro também foi uma oportunidade de revisão de vida e de minha prática como educador. Como todos os presentes, eu também compartilhei meus projetos realizados, frustrados, redimensionados. Dentre os aspectos que destaquei, estava o fato de eu ter ingressado naquele semestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Passei na seleção para o doutoramento com um projeto construído a partir de minhas experiências de educador em Moçambique, onde trabalhei ao longo do ano de 2006. O nome da pesquisa (que ainda pretendo realizar) era “Esperança nas bordas do Império: O Sentido da Educação pela narração das Histórias de Vida de educadores tradicionais moçambicanos”.

Todavia, alguns dos próprios participantes da Dinâmica das Cartas me questionaram sobre a possibilidade de eu redimensionar minha pesquisa, doutorando-me a partir daquela experiência que estávamos a realizar. Podemos verificar isso, por exemplo, por meio do e-mail enviado por Eduarda Bonora Kern⁸:

(...) Sobre a ideia de mudança de foco de tese “bah”, como eu te disse, achei um grande questionamento. Porque analisar como se processa a leitura de nós mesmos, de ver como os laços que se criam na escola perduram ou são importantes, e querer construir coletivamente teu doutorado, eu realmente achei bem questionador. Isso vai contra toda a ideia acadêmica do intelectual detentor de saber. Reforçado pelas posturas individualistas nas quais nos inserimos, o pesquisador deve entrevistar seus informantes e recolher dados para pesquisa. Afinal, trocar e-mails, estimular teus antigos alunos a participarem contigo de uma ideia, isso é realmente uma construção, que normalmente não é o que se tem, o habitual é algo mais próximo de condicionamento, vamos reproduzindo e nos adaptando às regras que nos apresentam. Pelo menos esse está sendo meu entendimento nesse breve tempo de universidade que tenho. A escola entrou nisso tudo como uma

⁸ “Sou uma jovem professora de Sociologia, que continua aprendiz e, portanto, em constante busca e reconstrução. Espero que minhas dúvidas e angústias continuem motivando no prosseguimento de meus planos e sonhos.”

mediadora, entre nós alunos e tu professor, mas acho que ao reencontrar todo mundo, ao pensar outro reencontro e pensar nesse contato mais seguido pode mostrar que a escola tem mais funções do que apenas disciplinar e entregar um conhecimento pronto. Afinal, as lembranças que a gente tem, aquelas que nos são mais queridas do tempo de colégio normalmente são os recreios, as bagunças, os passeios, aquelas coisas que não envolvem muito a sala de aula, mas sim que envolvem a convivência e a socialização. Serão essas coisas boas que guardamos e das pessoas legais que encontramos e compartilhamos esses momentos conosco, que motiva todo mundo a se ver de novo e ver as mudanças de cada um. E falar com nós mesmos, olhar para nós mesmos, é uma atividade muito rica, pois é uma forma de pararmos para pensar um pouco na nossa vida, em tudo que aconteceu para realmente processar os rumos que tomamos. Afinal não é todo dia que damos atenção a nossa existência (CC, 2008, linhas 5092-5118).

Dessa forma, conversei com minha orientadora e agendamos uma atividade com todos aqueles que haviam respondido ao meu convite de escrever e-mails e cartas depois de terem lido suas próprias correspondências de cinco anos atrás. Este encontro inaugurou uma série de jantares entre os participantes da Dinâmica. Nascia ali a “Confraria de Pandora”⁹. Nesse momento, com a presença da Prof^a Malvina do Amaral Dorneles, redimensionamos o projeto de pesquisa. Todos os participantes da Dinâmica das Cartas foram convidados a fazer parte da pesquisa. Trinta e oito pessoas quiseram e/ou puderam construir juntos esta tese.

Desde o princípio, constatávamos que esta seria uma obra em aberto. Tornamo-nos co-produtores de uma tese que se constituiu, sobretudo, em um acontecimento prenhe de devires. Ao trocarmos e-mails e cartas, e ao nos encontrarmos presencialmente para conversarmos e cozinarmos, nós saboreamos releituras sensíveis de nós mesmos, evidenciando-se a construção desta obra.

⁹ A ideia de criarmos uma “Confraria” partiu da participante Clarissa de Souza Carvalho. A denominação “Confraria da Pandora” surgiu depois que Anelise Valls, em um de seus e-mails, comparou o ato de abrir a caixa de papelão das cartas como o gesto mitológico da abertura da Caixa de Pandora. Mas Valls insiste que seria uma “Pandora do Bem”, pois ao abrir a caixa de papelão, eu teria libertado todas as esperanças que os participantes tinham remetido a eles mesmos, cinco anos antes.

A partir do redimensionamento do Projeto de Doutorado foram realizados diversos estudos dirigidos e sugeridos pela Prof^a Malvina Dorneles e por outros educadores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Assim, progressivamente, construímos o projeto de doutoramento, apresentado e aprovado por banca examinadora no dia 09 de Agosto de 2010.

O projeto apresentado para qualificação partia de uma pergunta central: *Quanto tempo pode durar uma aula?* E, a partir das valiosas sugestões da banca examinadora de qualificação do projeto, procuramos aprofundar o referencial teórico, aprimorar a metodologia e delimitar com maior precisão a pergunta da pesquisa. Ou seja, distendemos esta pergunta e seus conceitos como quem amassa uma massa de pão para que ela cresça, transforme-se e alimente.

Durante a construção do projeto de pesquisa fomos criando a hipótese de que os aspectos relacionais vivenciados na escola pelos estudantes eram mais significativos para suas vidas, cinco anos depois, do que os conteúdos supostamente aprendidos em sala de aula. Tal hipótese era fortalecida pelo fato de praticamente inexistir referências a conteúdos aprendidos na escola nos e-mails e cartas recebidos pelos participantes da Dinâmica. Ao mesmo tempo, são abundantes as menções às relações humanas, especialmente à amizade. Contudo, essa hipótese tida como verdadeira na construção do projeto de doutorado foi sendo redimensionada e, aos poucos, refutada.

Progressivamente, esta pesquisa foi revelando que os conteúdos aprendidos em sala de aula e os acontecimentos vivenciados por meio das relações humanas, especialmente pela amizade, envolvem a *inteligência* e a *intuição*. Ambas se afastam e se entrecruzam em um misto de processos da mente e da memória que podem se entrelaçar por meio de *experiências integrais*. Verificamos ainda que tal integralidade não é privilégio de grandes inteligências ou almas, mas pode ser fruto de uma ascese, de uma *Pedagogia da Intuição*.

Ao longo de nossos estudos, nos aprofundamos, de maneira especial na obra de Henri Bergson¹⁰. Foi por meio do estudo de todos os seus escritos¹¹ que compreendemos que a intuição se constitui como o fio metodológico que integra conceitos bergsonianos como *memória*, *duração*, *élan vital* e *experiência integral*. O filósofo afirma que a grande força propulsora de uma grande obra científica e/ou filosófica encontra-se em uma energia que nem mesmo o cientista e/ou filósofo sabe ao certo dizer qual é. Se quisermos, por exemplo, compreender o pensamento profundo de um autor se faz necessário estudar com sensibilidade todo seu trabalho a fim de tentarmos nos aproximar da intuição que nem mesmo ele soube descrevê-la. “E é por isso que ele falou toda a sua vida” (*I.F.*, p.27).

Deleuze considera a intuição bergsoniana como “um dos mais elaborados métodos da filosofia” (DELEUZE, 1999, p.7). Todavia, é importante não abordá-la como um sentimento, nem uma inspiração, nem um instinto¹², nem uma simpatia confusa. Para Bergson, a intuição é um conhecimento da realidade “para o interior mesmo da vida” (*C.G.*, p. 191), uma “consciência, mas consciência imediata, visão que quase não se distingue do objeto visto” (*P.M.*, p114).

A intuição é, portanto, resultado de um processo em que o sujeito contraria voluntariamente as propensões naturais do seu pensamento de pensar a matéria, procurando a duração e a possibilidade de mudança.

¹⁰ Ao longo de sua vida (1859-1941), o pensador francês Henri Louis Bergson produziu uma consistente, profunda e ampla obra filosófica. Ele estudou na *Ecole Normal Supérieure* de 1877 a 1881 e passou os 16 anos seguintes como professor de filosofia. Em 1900 tornou-se professor no *Collège de France*. O filósofo entrou na Academia francesa em 1914, ganhando inclusive o Prêmio Nobel de Literatura em 1928. Bergson se constituiu como um grande filósofo porque criou novos conceitos que “dão às coisas uma verdade nova, uma distribuição nova, um recorte extraordinário” (DELEUZE, 1999, p.125).

¹¹ Mais uma vez precisamos explicitar nosso imenso agradecimento à Prof^a Dr.^a Magda Costa Carvalho, da Universidade dos Açores, que acompanhou nossos estudos em Bergson, fornecendo-nos, inclusive, diversos textos originais do filósofo, ou de seus comentadores, de difícil acesso no Brasil. A avidez com que estudamos tal autor nos conduziu, inclusive, à iniciação ao francês e ao grego arcaico para tentar melhor compreender a fascinante obra bergsoniana.

¹² É necessário distinguir instinto e intuição. O instinto é uma percepção inconsciente característica da vida animal e totalmente dirigido para a ação. A intuição é “o instinto tornado desinteressado, consciente de si mesmo, capaz de refletir sobre seu objeto e de ampliá-lo indefinidamente” (*E.C.*, p.191). Ou seja, é um conhecimento imediato, consciente e voluntário, direcionado para a essência da vida e para a duração. Trataremos melhor da intuição no “Capítulo 2 - Bergson: Memória, Duração e Experiência Integral”.

Somente o método da intuição é capaz de pensar *em duração*, exercício que surge da intersecção de nosso *eu profundo* e das necessidades da vida ordinária.

Nesse sentido, por acreditarmos que a Dinâmica das Cartas surgiu como um dispositivo de rompimento da rotina escolar para se pensar em profundidade a *duração* da educação, assumimos a intuição como método desta tese.

É muito importante destacar também que o formato¹³ desta tese é fruto do diálogo constante que fomos estabelecendo com os participantes da Dinâmica das Cartas ao longo do tempo de doutoramento. A opção de apresentarmos um e-mail ou carta de cada um no corpo da tese, por exemplo, foi tomada pelo próprio grupo, durante um dos encontros da Confraria de Pandora. Isso partiu da constatação de que, desta forma, os leitores poderiam experimentar melhor a energia vital expressada pelos autores dos escritos. A escolha das correspondências a serem aqui reproduzidas (dentre as mais de 500 páginas, distribuídas em três cadernos de correspondências) também foi uma escolha discutida com cada participante.

Acreditamos que a construção de uma tese é um processo de produção e criação literária. E como em toda literatura, cabe ao autor encontrar a melhor maneira de tecer a trama que compõe uma história, situando os cenários, desenvolvendo as ambiências para que as vozes dos personagens digam da composição de um enredo, conforme um gênero literário.

Contudo, ao optarmos pelo método da intuição, encontramos uma dificuldade adicional: ela, enquanto um modo de conhecimento imediato, é dependente da inteligência para se expressar. Ora, a inteligência e a intuição estão voltadas em dois sentidos opostos. “Aquela para a matéria inerte, esta para a vida” (E.C., p.191). Ao necessitarmos da construção de conceitos para expressar *os dados imediatos da consciência* pela intuição dependemos da “vocalização generalizadora e estabilizadora da inteligência que faz ordinariamente

¹³ Foi dialogando com Rafael Arenhaldt (2005; 2012) que aprendi que a forma é a outra face do conteúdo de uma obra. De outro modo, já exercitamos isso durante a produção da minha dissertação de mestrado (MACHADO, 2005).

do símbolo um instrumento de representação esquemática e redutora do processo movente que constitui a realidade” (LEOPOLDO e SILVA, 1994, p.96).

Como dissolveríamos essa problemática? Bergson, que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1928, propõe como solução o uso de imagens e metáforas, desde que elas não cristalizem um significado, mas sugiram uma visão (*P.M.*, p.122). Ele assim procede por compreender a literatura como

expressão imagética da fluidez do universo afetivo: assim como o escritor emprega palavras para que não reparemos nas palavras em sua simples opacidade, mas para que atravessemos as imagens na direção da coincidência com a personagem e a trama, assim também o metafísico recorrerá às imagens para que o *movimento metafórico* que ele estabelece na linguagem provoque o espírito a captar no jogo imagético uma realidade situada mais além” (LEOPOLDO e SILVA, p.97).

Assim, coerentes com o referencial teórico que embasa nossa obra, propomos uma metáfora (uma visão) para apresentarmos a estrutura da tese: um varal. De maneira especial, nos inspiramos no *work in progress* “Você me dá sua palavra?”, de Elida Tessler¹⁴.

¹⁴ Elida Tessler é artista plástica e professora do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Assim ela apresenta a sua obra: “*VOCÊ ME DÁ SUA PALAVRA?* é um *work in progress* iniciado em 1994. Este projeto desenvolveu-se a partir de uma conversa com um motorista de taxi, em Macapá. Na ocasião, o condutor informou que o prefeito da cidade havia sido preso por “faltar com a palavra”. A noção corrente do valor ético de uma palavra dita ou escrita é o primeiro elemento de *VOCÊ ME DÁ SUA PALAVRA?* A associação entre a prisão do político e a função de um ‘prendedor de roupas’, promoveu a escolha deste objeto doméstico como elemento de trabalho. O processo consiste em solicitar às mais diversas pessoas que escrevam uma palavra de sua escolha sobre um prendedor de roupas de madeira. Todos os prendedores estão fixados em único fio de varal. À medida que o tempo passa, aumenta o número de prendedores de roupa, como uma espécie de calendário. A cada instalação, o fio de varal é fixado de modo diferente, sempre mantendo a sua unidade linear. Por um princípio que segue o projeto “Falas inacabadas”, este trabalho deverá ser continuado infinitamente. Este trabalho já foi apresentado em diferentes cidades e países, tais como Macapá/AP, Umbertide/Itália, Paris/França, Petrópolis/RJ, Melbourne/Austrália, México DC/México, São Paulo/SP, Campinas/SP, Itajaí/SC.” (www.elidatessler.com)



Foto 3: "Você me dá sua palavra?" - Obra de Élide Tessler

Didaticamente, destacamos três elementos de nosso varal: 1) o *fil rouge*¹⁵ conceitual, a linha de pensamento que sustenta esta toda a obra; 2) Os e-mails e cartas enviadas pelos participantes da Dinâmica, dependurados em tal *fil rouge*; e 3) Uma Carta que escrevi¹⁶ intitulada “Intuições para uma Pedagogia da Intuição”, que também é sustentada pelo mesmo fio.

Desenvolveremos especialmente o referido *fil rouge* no “Capítulo 2 - Bergson: Memória, Duração e Experiência Integral” e no “Capítulo 3 - Amizade enquanto uma experiência integral”.

Ainda neste “Capítulo 1 – A Dinâmica das Cartas” evidenciamos as cartas escolhidas pelos participantes da Dinâmica. Elas são as palavras com as quais eles se oferecem e se prendem ao fio metodológico que sustenta esta tese. Tratam-se das próprias vozes dos participantes, produto do que foi vivido, imaginado, esperançado; mas também daquilo que poderia ter sido. Signo de um tempo grávido, de potências encharcadas de devires em educação.

¹⁵ *Fil rouge* é uma expressão idiomática da língua francesa que significa literalmente “fio vermelho”. Seria uma alusão a uma linha argumentativa de raciocínio e discussão.

¹⁶ Nada mais coerente com nossa proposta metodológica do que “concluir” nossa tese com uma carta que escrevi e que me será remetida daqui a cinco anos, pela minha orientadora.

Por fim, coerentes com nossa proposta de construção de um *work in progress*, ao longo do “Capítulo 4 – Intuições para uma Pedagogia da Intuição” prendemos ao fio deste varal uma carta que escrevi como fruto (e que, em si, carrega sementes) das reflexões que fizemos ao longo deste processo de doutoramento.

Em suma, construímos esta tese imbuídos da responsabilidade ética e estética de quem hasteia bandeirinhas de oração tibetanas¹⁷. Essa tradição manda que elas sejam penduradas no alto para que o vento sopra entre elas levando para todas as direções a força da vida contida em seus escritos e cores. Oxalá, tenhamos armado este varal de forma e em local adequados para que a força das mensagens das cartas dos participantes da Dinâmica e do *élan vital* que sopra entre elas (re) criem a vida em educação.



Foto 4: Bandeirinhas Tibetanas – foto de Adilia Belotti

¹⁷ Hastear bandeirinhas é um costume ainda mais antigo que o budismo no Tibet. Dizem que o povo Bön já as penduravam em mastros no alto das altíssimas montanhas para que oferecessem boa sorte aos nômades que as avistassem.

As Cartas

Universidade dos Morangos

*Um menino, sem querer, caiu para fora do mundo.
Por uma porta lateral, em um dia quente e chuvoso de verão, o menino caiu na
fronteira do horizonte.
Ninguém acreditava que um dia o menino pudesse chegar tão longe.
Tão longe quanto a fronteira do horizonte.
O tempo já ia tarde
num pôr do sol contínuo.*

A chuva pingava longa e grande quando o menino atravessou a fronteira do mundo.

*Sem saber
Entrava na Universidade dos Morangos.*

*Um mundo além do horizonte
Entre a fronteira e o menino.*

*Aprenderia o menino que a vida poderia ser tão inesperada quanto a existência da
Universidade dos Morangos.*

*Que o tempo era tudo o que temos
E que só existiam crianças nessa universidade.*

*Que o silêncio era um aprendizado difícil e exigia anos de morangos e concentração.
Que para olhar o mundo era preciso ter um pedacinho de vontade e outro de atenção.*

*Aprende com outros meninos caídos
Que aprender era uma questão de tempo sabor morango.*

*Que os mapas mudavam a cada viagem
Quando eram meninos e não homens que velejavam.*

*Que o vento trafica sonhos de um continente a outro
Soprando montanhas e os cabelos de outros meninos.*

*Que brincar com o mundo era o mais difícil dos aprendizados
Não exigia esforço nem dedicação
Somente a matrícula na Universidade dos Morangos.*

*Que as lágrimas eram necessárias para que os olhos regassem o rosto
E que lá cartas eram escritas entre meninos que não se conheciam.*

*Essas mesmas cartas escritas e recebidas por meninos desconhecidos
Eram os diplomas da Universidade
Sempre trocadas e em circulação
Pois esquecer o que se era fazia parte do aprendizado.*

*Dizem que uma dessas cartas levadas pelo vento
Carta vinda do horizonte
Chegou um dia até nós.*

*Encontrada por um velho e seus pássaros
À beira de uma antiga e desativada estação de trem.
Dizem também
Que o velho a leu, sorriu e foi embora
E que a carta
Permanece esquecida em algum canto da estação.*

Márcio Tascheto¹⁸

Alguns meninos e meninas seguem se exercitando em uma formação mútua e contínua por meio de troca de cartas. Eles não estão mais na escola, mas lá se conheceram. Após o tempo de colégio seguiram caminhos diversos. Porém há algo que os une. Existe outra dimensão formativa que segue ecoando e gerando devires em uma perspectiva de tempo não mensurável. Seria uma universidade? Talvez a dos morangos...

O tempo é tudo que possuem. Mas não qualquer tempo. Eles se *possuem em duração*. É na fronteira entre “o mundo” e eles próprios que habitam. *Somos* habituados por um tempo cronometrado e por uma rotina devoradora que nos leva a acreditar a olvidar que existem muitos mundos dentro disso que costumamos denominar simplesmente de “mundo”. Para além de psicologismos e individualismos, um *eu profundo* parece ecoar e se redimensionar quando ousamos nos pensar *em duração*.

É importante ainda explicitar o compromisso ético e estético de organizarmos tamanha produção e riqueza experiencial apresentando-a da melhor maneira possível a fim de evidenciar a força das mensagens das cartas e o *élan vital* que sopra entre elas. O desafio era organizar uma obra de maneira menos coercitiva possível a fim de que as reações e as reflexões de cada participante fossem demonstradas. Nossa preocupação foi a de permitir que as cartas “falassem por si”, considerando todas as suas vozes com o mesmo valor e importância.

¹⁸ Solicitei ao poeta que ele também se apresentasse: “*Meu nome é Marcio Tascheto da Silva. Sou gaúcho de Santa Maria/RS e estou em nascimento desde 1977. Sou poeta, graduado em História pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM/2001 e Mestre em Educação (2005) pela mesma universidade. Atualmente sou Professor da Universidade de Passo Fundo / RS.*”

A seguir apresentaremos as cartas e e-mails que os próprios 38 participantes da Dinâmica das Cartas escolheram para ilustrarem suas reflexões ao lerem suas cartas de cinco anos antes. Como já dissemos anteriormente, aqui apenas as apresentaremos, sem maiores análises da parte do pesquisador. Trata-se de uma grande caixa acústica polifônica. Escutar com inteligência e intuição tais escritos pode representar uma experiência integral também para você, prezado leitor. Como autor desta obra, agora eu também me calo. Deixo para os capítulos vindouros minhas reflexões e análises sobre o *fil rouge* que embasa esta tese e para evidenciar as pistas para uma Pedagogia da Intuição.

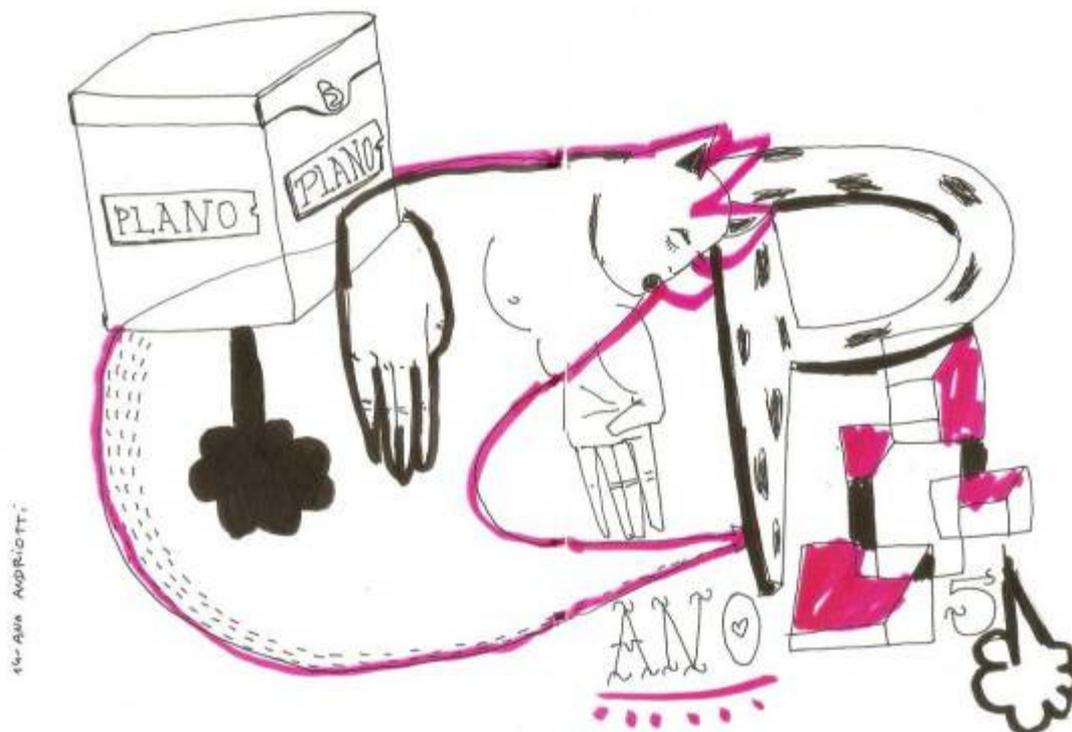
Silenciar é um exercício árduo, pois se trata de “*um aprendizado difícil*” que exige “*anos de morangos e concentração.*” Mas com um “*pedacinho de vontade e outro de atenção*” poderemos descobrir que aprender é “*uma questão de tempo sabor morango.*”

Cabe aqui também destacarmos que cada uma das seguintes cartas é ilustrada por uma obra artística singular. Esta importantíssima contribuição sensível a este tese foi dada pelo participante Pedro Gutierrez¹⁹. Ele produziu, a partir dos Cadernos de Correspondências (CC, 2008) uma obra para cada participante.

Boa Leitura!

¹⁹ “*Eu tenho 25 anos. Formei-me no Colégio São João onde aprendi muitas lições de vida. Sou designer e artista plástico, mas gasto grande parte de meu tempo com música também. Atualmente trabalho no escritório de design Box3 e sou fundador do grupo de arte e design Pomba Arts e do fanzine de arte-revolta S.I.M.. Pertencço à banda Rocartê e já tive meu trabalho de arte exposto em diversas galerias, inclusive em Hamburgo, Alemanha.*”

Participante 1: Ana Paula Andriotti²⁰



“Olá Alex,

Como está?

Foi muito bom receber esta carta, vi o quanto mudei e principalmente percebi que os nossos planos podem mudar muito, porém isso não me desanimou, pois tudo o que mudou foi muito perfeito e não me arrependo de nada que deixei de fazer e principalmente do que fiz.

Beijos

Ana Paula Andriotti Nunes” (CC, 2008, linhas 1615-1625).²¹

²⁰ *“Atualmente, tenho 23 anos, moro em Porto Alegre e sou casada. Sou estudante do 7º semestre de Enfermagem e do 2º semestre de Ciências Contábeis. Trabalho na área de auditoria hospitalar.”*

²¹ *Caderno de Correspondências com Participantes da Dinâmica das Cartas – Turma do ano 2003. Sapucaia do Sul, 2008. Doravante denominado de “CC, 2008”.*

Participante 2: Anelise Valls²²



“Sobre a experiência de escrever e receber nossas próprias cartas:

Do contato com as cartas assimilo como uma espécie de acolhida de nós próprios, como um lugar de parada e de reencontro, onde nos acolhemos e nos sentimos novamente. O material das cartas é um lugar que se abre, que criamos a abertura através do papel ao redigi-las e propor uma escrita a nós mesmos, dando vida nas escritas: primeiro a nós próprios numa nova perspectiva de esperança na releitura e, depois, às obras exprimidas no papel que passam a existir por si, que repousam em si mesmas e aguardam o seu momento de aparição novamente (depois de anos).

Esse lugar aberto, iluminado, Heidegger chama de clareira. Tal como é: um lugar claro num âmbito de escuro, de floresta, de fechamento ao redor. Ele usa esse termo no sentido de possibilidade histórica: é um lugar acolhedor iluminado para resguardar, abrigar, são caminhos que não levam a lugar nenhum. São espaços de parada, tal como um caminhar pela floresta que nos faz deter, que nos desloca para uma clareira, um meio que não é nada, no sentido de que é uma possibilidade que envolve esta posição aberta, um círculo no qual nós podemos nos colocar.

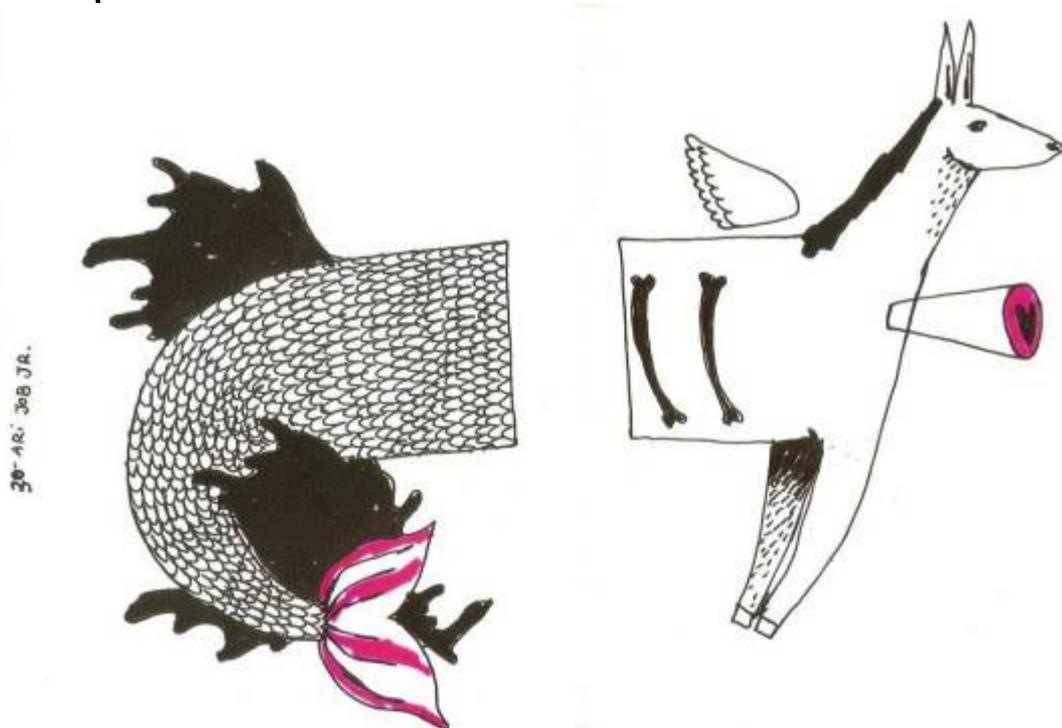
Num sentido profundo da experiência as cartas, enquanto nossas obras foram algo que tinham autonomia e se deram nesse espaço de abertura, elas erigiram-se, instauraram-se, levantaram-se, se apresentaram numa posição de abertura assumindo-se no campo da subjetividade.

Obrigada,

²² Anelise se apresentou na nota de rodapé 6.

Anelise” (CC, 2008, linhas 2199-2268).

Participante 3: Ari Job Júnior²³



“Grande Alex,

Infelizmente, não pude enviar esse email antes, mas agora posso e escrevo. A sensação que eu tive no momento da leitura da carta foi algo semelhante ao que a maioria sentiu. Aquela sensação de amadurecimento, algo natural, todavia, imaginável.

Já havia me esquecido de tudo que eu tinha escrito, isso foi bom, afinal surpresas sempre são construtivas. Quando recebi a carta, logo pensei, ‘...no mínimo, a carta deve ter frente e verso escritos...’, contudo, quando eu abri, havia meia folha escrita.

Isso foi triste, pois queria ler mais coisas sobre o que eu pensava naquela época. Por outro lado, foi interessante, pois reparei no meu amadurecimento, e no que isso me tornou diferente ou igual do que eu era ou pensava ser.

O tempo pode nos transformar ou não... me pergunto: é possível me transformar no oposto do que eu era?

Aquilo que estava escrito na carta aconteceu. Isso demonstra as poucas coisas escritas e sonhadas. Hoje sonho muito mais que antes, pois acredito muito mais em mim, acredito que poderei realizar os meus desejos. Agradeço pela oportunidade de receber depois de cinco anos algo que eu escrevi para mim.

²³ “Jovem, recém-formado, em busca de estabilidade e desenvolvimento profissional, atento aos amigos, nem tanto à família, apreciador do amor e do companheirismo. Sempre com dúvidas quanto à finalidade de sua vida, como aproveitá-la, como fazer diferença para o mundo. Frequente sensação de nostalgia, ao mesmo tempo, satisfação pelas conquistas atuais”.

Agradeço também pelo almoço organizado, momento único. Eu não pude ficar até o final, pois eu tinha um compromisso irremediável. Muito emocionante reencontrar pessoas que foram e são importantes na minha vida.

Gostaria muito que isso repetisse dentro de alguns anos. Há um sonho a ser sonhado junto. Eu e o Vidor²⁴ & F.²⁵ temos muita vontade de realizar um reencontro de algumas pessoas que caminharam juntas dentro do São João e dentro do grupo de jovens²⁶, e sem dúvida tu seria o “cabeça” do evento. Penso ser uma espécie de retiro, mas nada muito formal. Toquei nesse assunto para saber o que tu acha disso...

Você, realmente, mudou a sua tese de doutorado?²⁷ Espero que esteja tudo ótimo contigo, e espero jamais perdermos contato.

Abração, Querido.

Ari” (CC, 2008, linhas 4255-4292).

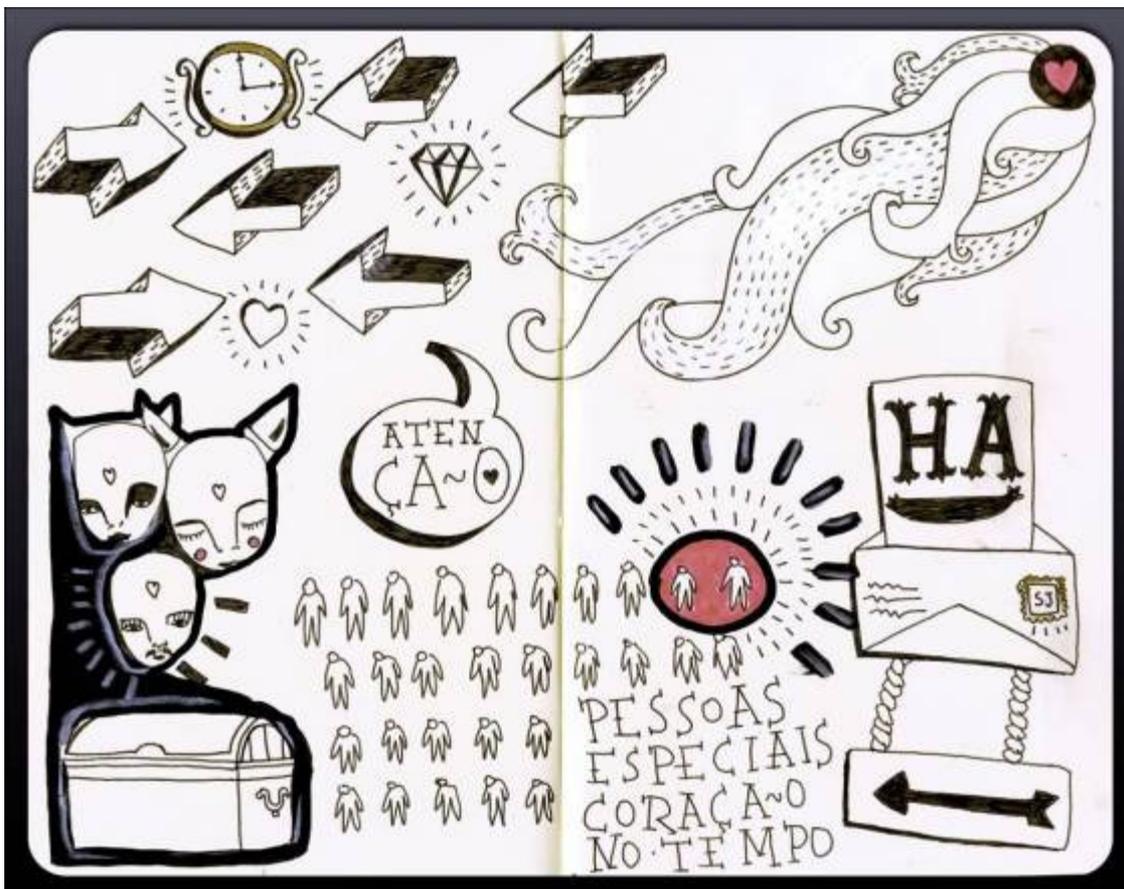
²⁴ Marcos Vinicius Vidor, que também é participante desta tese.

²⁵ Namorada de Vidor na época. Também foi aluna da escola.

²⁶ 14 dos 38 participantes desta tese participaram de algum Grupo de Jovens do Colégio. Tais grupos eram integrantes da Pastoral da Juventude Estudantil. O pesquisador, além de professor da Disciplina de Ensino Religioso, também era assessor desses grupos de jovens.

²⁷ Referência à mudança de foco do projeto de pesquisa.

Participante 4: Bruna Graneto Menezes²⁸



“Oi Alex!

Eu era da 213²⁹ e, nossa, adorei receber a carta!

Foi um mix de sentimentos, principalmente saudade porque o ano de 2003 foi de extrema importância e marcou muito pra mim, assim como o São João, pois aprendi muita coisa naquele colégio onde até hoje, quando entro, sinto um aperto no coração, uma nostalgia por não poder voltar num tempo tão maravilhoso - e sempre lembro de ti, nas festas, dizendo: atenção, servicinho de utilidade pública! hehehehe...

Foi lá onde conheci uma das gurias que virou praticamente minha irmã (a Caren) e um guri muito especial que, até hoje, está fazendo parte da minha história. Ri muito lendo a carta porque nada do que escrevi aconteceu. Mas é bom poder mudar completamente nossas escolhas.

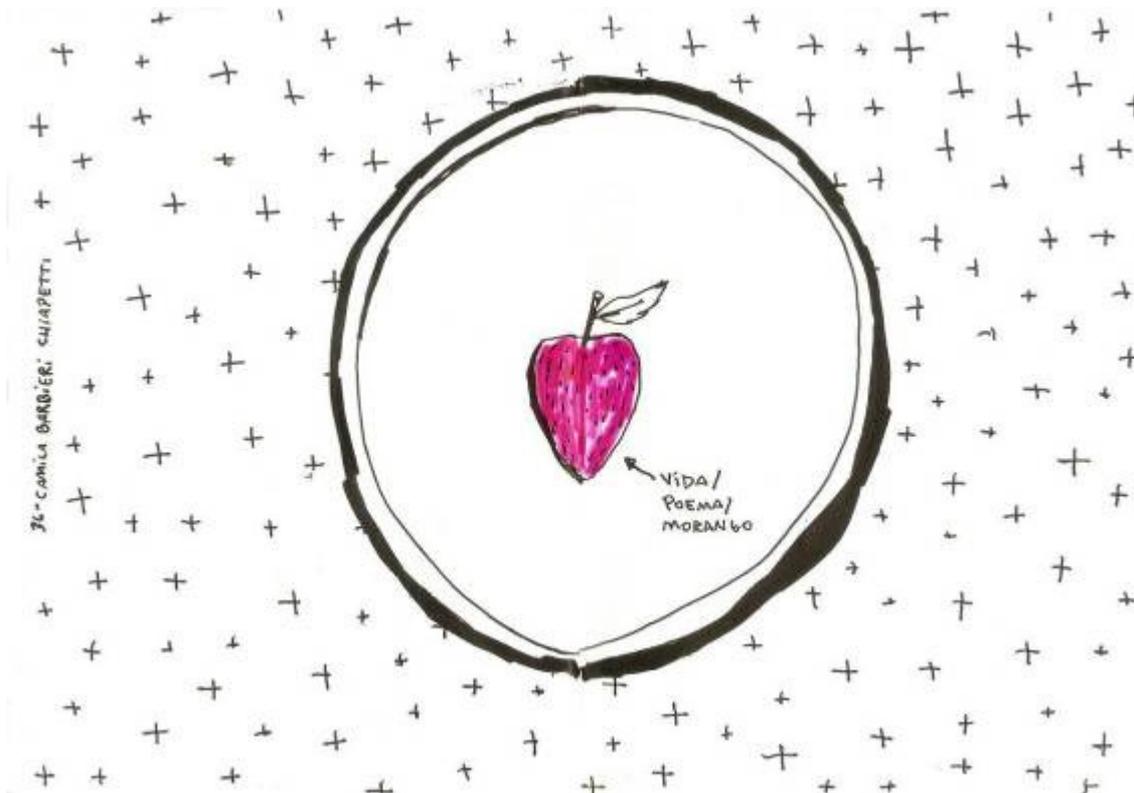
Só uma coisa não mudou: escrevi que minhas amigas são as mesmas, e elas realmente são! (pelo menos o mais importante continua igual).

Beijos” (CC, 2008, linhas 4-24).

²⁸ “Bruna. Nascida em Uruguaiana, filha do Paulo e da Salete e irmã do Cassiano. Formanda em Psicologia. Questionadora. Distraída, impaciente e indecisa. Gaudéria. Ex competidora de natação. Praticante do sincericídio. Gremista. Fã de Beatles. Acredita que o pensamento positivo tem muito poder e que nada é mais forte que seu santo. Otimista até demais. Humor ácido. “Às vezes o que eu vejo quase ninguém vê”. Adepta ao desapego. Julga a sensibilidade como um dom que todos têm, mas poucos sabem fazer bom uso. Paz, amor, serenidade e sabedoria: é o que ela quer.”

²⁹ Uma das turmas do primeiro ano do Ensino Médio de 2003.

Participante 5: Camila Barbieri Chiapetti³⁰



“Alex, na verdade eu tinha escrito há um tempo pra ti, mas ainda não tinha tido muito “coragem” (por falta de outra palavra) pra te mandar o que havia escrito, mas vamos nessa, então.

Bom, quando eu recebi a carta de ti eu realmente fiquei muito apreensiva, eu não lembrava do que tinha escrito nela nem o que tinha posto a mais nela, eu achei que eu tinha escrito muita besteira a respeito do que eu pensava na época e tal. O fato de eu ter escrito uma três vezes a palavra idiota na carta pode ajudar nesse entendimento.

O que eu realmente achei estranho foi que eu escrevi a primeira poesia que eu tinha feito nela, eu não lembrava dela, aliás eu nem sei onde ela pode estar guardada (provavelmente está a muito tempo no lixo) e fiquei um tanto quanto triste ao me lembrar das coisas que eu escrevia nessas poesias, na carta eu escrevi que eu queria me dedicar mais a ela, infelizmente, não sei o porquê, eu não fiz isso. Sabe, eu acabo me perguntando às vezes onde foi que eu desviei desse caminho.

Percebi outras coisas muito engraçadas também, eu realmente era muito inocente eu realmente achava que a vida era muito simples. Mas fiquei relativamente “contente” achei que o eu do meu 1º ano era muito superficial e coisas desse tipo, mas fiquei realmente surpresa com a profundidade de algumas coisas que eu tinha escrito.

Mas também, eu errei feio em algumas coisas:

³⁰ *“Eu sou estudante de Ciências Sociais da UFRGS. Fui pesquisadora/monitora (graduação) nas áreas de Antropologia, Sociologia e Ciências Políticas, já trabalhei na implementação de projetos sociais nas escolas públicas de Porto Alegre. Atualmente trabalho como estagiária em um instituto de pesquisa social. Fiz intercâmbio para trabalhar voluntariamente em uma escola turca e fiz mobilidade acadêmica para complementação de estudos na UFRJ. Estou, também, planejando a viagem de formatura para a América Central que farei junto com uma colega do São João.”*

- 1º) eu pensava que eu iria entrar direto pra alguma faculdade;
- 2º) eu pensava que queria fazer direito;
- 3º) eu achava que a vida era um moranguinho.

Um grande beijo,

Camila Barbieri Chiapetti” (CC, 2008, linhas 4878-4911).

Participante 6: Camila Domingues³¹

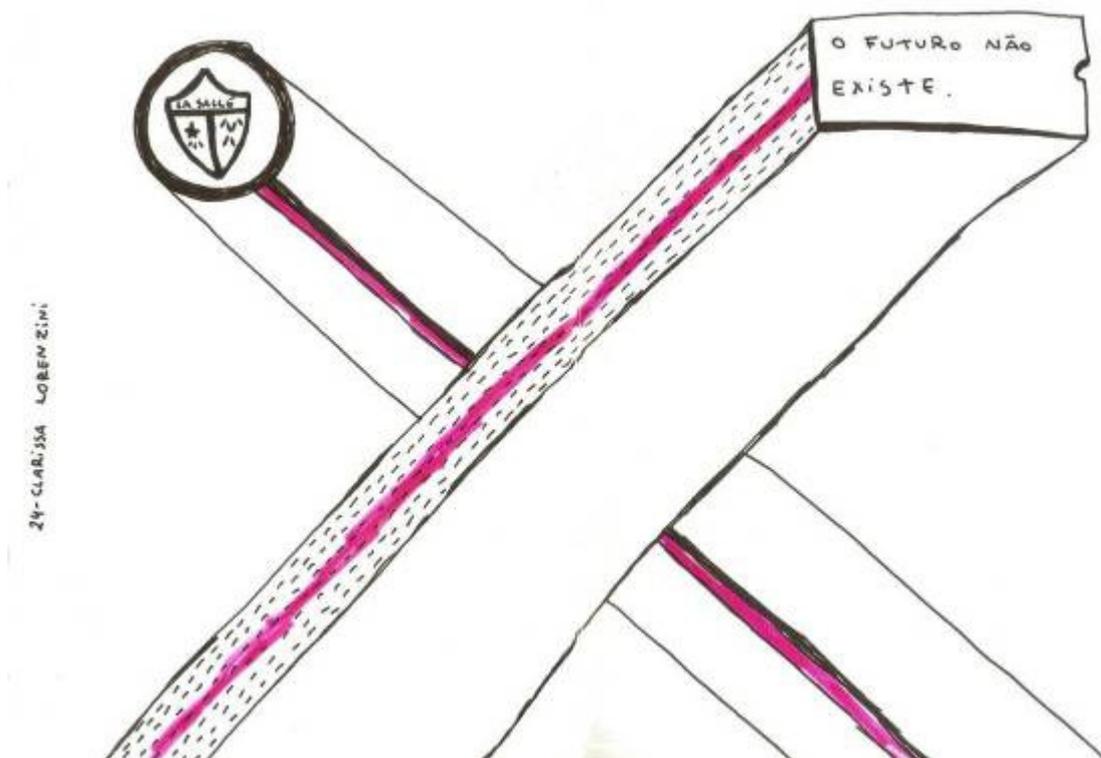


“Cheguei em casa tarde da noite precisando terminar uma matéria para a faculdade. A minha mesa, como acontece durante alguns dias no mês, quando estou cheia de coisas para fazer, está bagunçada com livros, folhas diversas, brincos, canetas e até uma garrafa de água vazia. Estava indo para o banho, mas detive-me por um envelope de papel pardo grande sobre uma pilha de livros em cima da impressora. Pensei rapidamente que pudesse ser algum documento da minha mãe, já que ela usa meu computador e costuma deixar suas bagunças também por aqui. Puxei um dos cantos do envelope para ver sobre o que se tratava e não reconheci nem meu nome nem o dela. O remetente era o Alex, ou melhor, Prof. Alexandro Machado, como estava marcado com uma grafia conhecida. Uma alegria misturou-se ao receio de receber uma carta escrita por mim há cinco anos. Pensei em ir para o meu banho e deixar para ler depois com calma. Mas tão logo eu já estava com ela em mãos novamente. Dentro do grande envelope pardo, um outro envelope do mesmo tamanho, mas dobrado ao meio, trazia o logo do São João estampado abaixo do meu nome e endereço com a minha letra, traçada em azul e firme, como sempre foi o toque das canetas no papel sob minhas mãos. Hesitei em abrir o lacre em uma das laterais. Não queria rasgar uma lembrança tão querida. E não foi preciso. A cola já não fazia sua função devido ao tempo. Abri, então, aos poucos, a aba semi-grudada. A primeira lembrança que me veio à cabeça foi o brinco que me recordava de ter deixado junto à carta. Retirei as duas folhas de fichário coloridas, com as laterais uma rosa e a outra laranja, e remexi no fundo do envelope branco, mas nada achei. Havia ainda outra folha, essa um xerox com algumas paravras carinhosas que o Alex mandou para todos que tinham suas cartas guardadas com ele. Resolvi então encarar minhas

³¹ “Eu sou atualmente fotojornalista do Governo do Estado do Rio Grande do Sul e busco através da fotografia, tanto como lazer quanto na profissão, admirar-me todo dia com o mundo.”

expectativas de adolescente quanto ao que eu seria hoje. Abri a folha laranja que estava dobrada em três. Trazia, em uma grafia feia de quem está sem paciência para escrever (na outra folha eu comprovaria minha hipótese ao ler um trecho da carta), algumas frases aleatórias. A primeira lembrava-me de que estava lendo o livro 'Feliz Ano Velho' e me incitava a lê-lo novamente sem dormir até acabá-lo. Provavelmente eu já estivesse encantada pela leitura e, pelo que percebi, no momento também pela obra do Marcelo Rubens Paiva. Mas o que mais me chocou foi o segundo parágrafo: 'Ontem eu vi no Fantástico que o Bush deu 24 horas para atacar o Iraque, mas eu tô aqui no Brasil, não tô com medo da guerra, só temo as mudanças que podem acontecer.' Algumas previsões gostaria de não ter nem cogitado. Logo acima um desenho de um quadrado mostrava, como uma planta baixa, onde eu estava sentada na sala de aula. Na fila bem à esquerda, na penúltima classe estava meu lugar, ao lado do G. e na frente da C. e da F. No verso algumas recados deles, que na época eram meus únicos amigos do colégio, pois havia acabado de entrar para o São João (a data era 17 de março de 2003). Fui para a outra carta. Ao abri-la, a surpresa, que rolou sobre as minhas pernas até o chão: o brinco de madeira. Na folha, a rosa com desenho do Mickey, estava a MINHA carta. Datada de 10 de março de 2003, é sucinta como eu imaginei que seria. Alguns jargões e brincadeiras legítimos meus, principalmente naquela época, em que não imaginava o quão bom seria me aprofundar mais no texto que receberia cinco anos depois. E termino assim: 'Ainda tô ouvindo Legião Urbana! Luta pelos teus ideais e FORÇA!'" (CC, 2008, linhas 1064-1111).

Participante 7: Clarissa Lorenzini³²



“Olá Alex,

Demorei, mas apareci. Pois bem, vamos começar.

O Ano Novo, virada de 2006 para 2007, pessoas juntas se divertindo a espera de um ano que vai nascer à espera de algo melhor e eu? Pois eu, assim como todos também, a espera de um ano de calmo, tranquilo e “que seu ano seja melhor que o passado e pior que futuro” (não é o que todos dizem?). E começa o ano, muito bom, festas, amigos novos, amigos velhos... Mas sabe quando tu sente falta de algo especial que te motive a acordar cedo pra trabalhar ou chegar no fim da tarde e estudar ou mesmo ficar assim por simplesmente ficar (eu estava assim). Comecei a participar de cursos e palestras sobre contábeis/administração/economia sem que ninguém (minha família) soubesse, pois até então eu estava fazendo farmácia. Pensei, pensei, participei, conversei com outros, imaginei (leia bem, imaginei) meu futuro e vi que eu não queria ser aquilo. Criei coragem em uma noite de junho, chamei meu pai na sala e falei ‘Pai, eu sei que fiquei dois anos e meio na farmácia, mas eu quero trocar de curso. Não é isso que eu quero pra mim.’ e ele, como de costume de qualquer pai ou mãe que escuta isso de um filho depois de dois anos e meio, falou “dois anos e meio perdidos”. Mas eu diferente dele não acho que perdi dois anos e meio da minha vida, APRENDI muito nesse tempo, descobri um pouco de mim, mesmo que seja um simples, trocar de curso, mudar o que tu havias escolhido pra seguir.*

**Mudar: Tu continua a andar, trilhar teu caminho, apenas muda o foco.*

³² “Eu era aluna do 2º Ano do Colégio La Salle São João em 2003. Hoje sou consultora tributária, formada em contabilidade pela PUCRS.”

Troquei de curso, troquei de estágio e me realizei o/. Como eu gosto do que eu faço! Não me arrependo de ter trocado de curso, mesmo que esteja muuuuito difícil. No dia 3 de outubro, que por sinal é meu aniversário, meu tio vem a falecer. Foi um 'baque' em toda a família e no meu EGOísmo pensei 'Bah! Justo hoje?'

Que horror eu ter pensado aquilo, mas também não foi tanto assim. No dia fomos pra Tapes, fomos no enterro. Passado o dia, que coisa estranha, uns felizes em estar comemorando mais um ano e outros terminando sua 'vida' neste plano. É estranho pensar nisso. Mas é a vida.

Na comemoração do meu aniversário pedi que meus pais fossem comigo em um show de música espanhola, que por sinal eu ADORO. Eles foram, nunca pensei que sair com eles fosse algo tão bom, conversamos sobre coisas que nunca imaginei conversar com eles. E eles me falaram que gostaram, foi uma das melhores noites pra mim.

Dezembro, amigos de longa data se indo, indo morar em outros países.

Ano Novo, virada de 2007 para 2008. E o mesmo 'O Ano Novo, virada de 2006 para 2007, pessoas juntas se divertindo a espera de um ano que vai nascer à espera de algo melhor e eu? Pois eu, assim como todos também, a espera de um ano de calmo, tranquilo e 'que seu ano seja melhor que o passado e pior que futuro' (não é o que todos dizem?)'. Em fevereiro, fui chamada pra cobrir as férias da minha chefe, e nesse meio tempo fui chamada para trabalhar em um escritório contábil, coisa que eu estava querendo há muito tempo. Estava realizada novamente.

Parece que por mais que teus sonhos sejam pequenos para uns, tu sabe que está subindo degrau por degrau e que é difícil... tu está construindo a TUA história e não uma estória.

E começo a me interessar por coisas que não me interessavam tanto. Comecei a me interessar pelos livros 'O Mundo de Sofia', 'A Teia da Vida', 'O Dia do Curinga', 'Quem Somos Nós'... os mesmos já tinha visto ou lido em um passado próximo; mas nunca me 'aprofundado' a ponto de ficar extremamente confusa e perdida. Comecei ver e me perguntar coisas que para quem apenas vive é bobagem. Mas me deixou sem pé, comecei a me desinteressar por coisas que eu amava fazer, por ver que no final vai ser igual, a mesma história que acontece a anos no nosso mundo capitalista (não estou criticando o sistema, estou apenas falando à realidade que nos encontramos). Por uns tempos morava com meus pais, mas não os via, chegava em casa tarde, saía cedo, aos finais de semana ia pra casa da minha prima, passado o final de semana inteiro lá e voltava domingo de noite, me trancava no quarto e por lá eu ficava até chegar a segunda pela manhã e começar minha jornada, estava totalmente desinteressada por tudo.

Até que um dia lendo meus livros... refleti, pensei e vi que as coisas não são bem assim não, que eu posso mudar minha realidade, não acredito em destino, sei que nós que trilhamos nosso caminho, nós que escolhemos. Vi que podemos buscar atalhos ou desvios, mas sempre continuamos no mesmo e fiquei em paz comigo e consequentemente com minha família.

Em uma noite de sexta feira, recebi uma carta, estava esperando ela há tanto tempo, estava tão ansiosa e no mesmo dia recebi um cd com fotos do ensino médio de quando tinha vendido meu computador e não tinha visto as fotos ainda. Li a carta, que decepção e que felicidade. Escrevi bobagem, mas na época para mim o que tinha escrito não era bobagem, tudo são fases. Muitas das coisas que escrevi me acordaram. Sabe aquela música do Frejat, Amor pra Recomeçar? Eu tinha escrito na minha carta:

Amor pra Recomeçar - Frejat

*Eu te desejo não parar tão cedo, pois toda idade tem prazer e medo
E pros que erram feio e bastante que você consiga ser tolerante
Quando você fica triste que seja por um dia e não ano inteiro,
E que você descubra que rir é bom mas que rir de tudo é desespero*

*Desejo que você tenha a quem amar
 E quando estiver bem cansado ainda, existe amor pra recomeçar
 Eu te desejo muitos amigos, mas que um você possa confiar
 E que tenha até inimigos pra você não deixar de duvidar
 Quando você fica triste que seja por um dia e não ano inteiro,
 E que você descubra que rir é bom, mas que rir de tudo é desespero
 Desejo que você tenha a quem amar
 E quando estiver bem cansado ainda, existe amor pra recomeçar.
 Eu desejo que você ganhe dinheiro pois é preciso viver também
 E que diga a ele, pelo menos uma vez: quem é mesmo o dono de quem...
 Quando você fica triste que seja por um dia e não ano inteiro,
 E que você descubra que rir é bom mas que rir de tudo é desespero
 Desejo que você tenha a quem amar
 E quando estiver bem cansado ainda, existe amor pra recomeçar*

Vi as fotos, QUE SAUDADE. Então acontece nosso encontro no São João, foi uma das melhores coisas, foi tão bom ver e ouvir pessoas com quem eu não falava há tanto tempo. Foi tão bom ficar aquela hora na capela³³, foi tão bom lembrar o que eu era. Te lembras que tu falou que tu está mais insequente? Pois é, eu não e me arrependo por ter deixada “hibernada” minha insequência, estou trabalhando pra retomar ela. É tão diferente tudo, tens que pensar tanto agora nos teus atos porque tu sabe que eles irão refletir no amanhã e quando estava, a não tanto tempo atrás, no ensino médio, baaah, fazia tudo ao mesmo tempo e não pensava no amanhã pensava ‘A felicidade é aqui e agora’, sei que minha felicidade é aqui e agora, mas tenho que pensar no meu amanhã também. Não queria que fosse assim. Sabe quando o R. falou ‘Viaje’, pois então eu estou pensando em viver um pouco fora, a princípio ano que vem, e depois voltar retomar minhas coisas, mas viver um pouco para mim sem pensar no que os outros vão dizer.

Redescobri o que é família, o que são amigos de verdade e principalmente que a vida é felicidade independente do que tu faça. Ou seja, somente respeitando os outros e principalmente a ti, ao teu corpo e principalmente ainda a tua mente.

‘Que bom que evoluímos’ não foi isso que alguém te falou? Pois eu acho bom também, mas nem tão bom assim a ponto de deixar para trás o que tu era, o homem não vivia tão bem quando era apenas homem? E agora que é homem-tecnologia-sem tempo, é legal?

Não vou me estender muito. Te escrevo ainda, mas não será em breve, espero que me escreva também.

Beijos,

Clarissa Lorenzini” (CC, 2008, linhas 3748-3961).

³³ Após o Reencontro com todos os participantes da Dinâmica das Cartas, muitos deles não quiseram ir embora. O grupo espontaneamente buscou a Capela do colégio, que é um lugar calmo e acolhedor, para continuar a conversar.

Participante 8: Clarissa de Souza Carvalho³⁴



“Dos porquês de eu sentir que “involuí:

Porque não consigo mais fazer um verso com a mágica sensação confortável que me perpassava ao versar;

Porque não consigo sorrir com aquela tranquilidade de quem olha para um ‘eu’ de outro tempo, mas que ainda é velho conhecido;

Porque até meu vocabulário parece ter empobrecido;

Porque já não penso tanto em fazer o bem ao próximo.

(O que ocupa as minhas 18 horas de mente consciente?)

Por que eu achava que eu ia mudar a educação? E agora estou fugindo da licenciatura! Pra deixar aquilo intacto, ou porque simplesmente não era algo meu?

‘Cada página virada faz parte do corpo do livro’

E da história que hoje é lida, escrita e emocionada

O que era desse tempo e que agora pertence a mim? Por que esse interesse tão grande na tua posse individual?

To me individualizando, mas também não quero me ‘proteger de influências’, porque sem contato não há troca de calor.

³⁴ “Escrevi a tal carta quando estava no segundo dos anos divertidos do Ensino Médio. Formei-me em História pela UFRGS e hoje meu desafio é escrever e me reescrever em inglês, espanhol, francês, economês... Tento passar no concurso do Itamaraty para contrariar a ideia de que “a diplomacia não é lugar de mulher”.

Estou mais áspera, isso eu sei. 'Hay que endurecer.' Acho que endureci um pouco. Rugosa. É uma palavra que me vem. Não mais aquela pérola polida e lisinha.

Uma ametista, meio áspera e cinza por fora, mas que do outro lado o corte deixa ver o interior brilhante e de cor intensa.

'Piedras en las que a veces me reconozco.

Entonces, amo la piel rugosa

de mis hermanas ruinas' --> Ai é que tá, minhas ruínas eram de um mármore liso, de pedra polida, talvez por isso eu esteja com dificuldades para amá-las

SERÁ?

'E que você mocinha, continue alegre e dolorida.'

'los ojos cambiam, nunca la mirada'

'Lento, pero viene

el futuro real

el mismo que inventamos

nosotros y el azar

cada vez más nosotros

y menos el azar'

'cuando todos esplenden convencidos

quiero asombrarme, -----> será que quero? ainda

quero ser surpreendida? Não tenho deixado chances de menos e achado que

o sea, ensombrecerme

tudo está nas minhas mãos. Mais

nós, menos el azar, mas, até onde?

como una madre selva

Ser surpreendida, aqui menos eu

e mais el azar.

o un ombu'

Uma figueira

É assim que quero ser

quando eu envelhecer --> e o Vidor tá certo, continuo usando analogias com a natureza...

Por onde eu vou transgredir?

Que brecha vou abrir para respirar? essa brecha eu abro, nesse ponto mais eu, menos el azar.

Tudo isso era o que eu tinha escrito (a parte de escrita em preto), após ter recebido a carta. Até o dia de hoje 21 de junho de 2008. Hoje, no final reencontro no São João, entendi que aquele 'SERÁ?' bem grande ali acima faz sentido. Porque hoje entendi que, não amei minhas ruínas porque simplesmente elas fossem demasiado lisas, de pedra polida, o que equivaleria dizer que meu passado foi ingênuo, ou para ser mais radical um engano. Não amei minhas ruínas porque não as respeitei, cometi um pecado historiográfico: o anacronismo. Justamente quando mais dentro do meu curso (História) estou. Não respeitei minhas ruínas porque esqueci que elas são datadas, tem e fazem parte de um tempo próprio - aquele tempo que vemos quando olhamos para as estrelas que não estão mais ali. Aquele tempo que não se repete. Se eu falava e escrevia com aqueles conceitos, era porque eu vivia aquilo, aquilo era coerente com aquele presente e foi parte importante da minha formação. Não é nem pode ser com o presente de hoje e tampouco posso medir aquele momento com meus instrumentos de hoje. Perceber isso me fez fazer as pazes comigo mesma.

Eu acho que eu não cresço como todo mundo. Ao final da carta, escrevi assim 'Olha para essa carta e diz (se for real): como eu cresci..'. Não, não é isso que eu vejo quando olho pra essa carta. Não faço parte daquele formato 'linha do tempo evolucionista', do 'para o alto e avante!'. Não. Olho para a carta e penso em ciclo de vida, em tempo circular e não uma reta: 'a linha reta não sonha' eu adorava e hoje vejo que ainda adoro essa frase. Aquela Clá da carta não era uma Clá em um estágio menos desenvolvido. Era uma Clá num tempo que lhe era própria, e faz parte, hoje, de outra dimensão...Por isso eu não preciso ser exatamente aquela

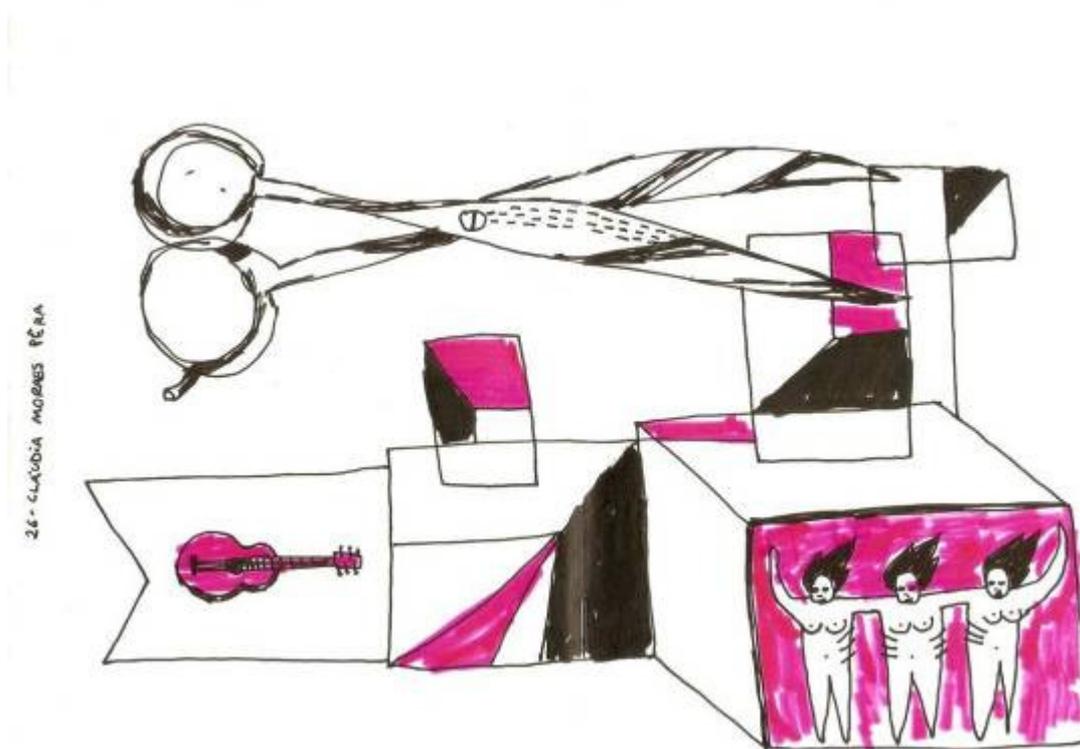
Também não preciso ser essa que sou agora pra sempre. A conversa com o R.³⁵ me fez lembrar da importância da ideia de ciclo de vida, e se fotografamos uma fase, ela não fala de todo o período. Hoje me sinto fazendo um pouco o que não gosto. Me sinto mais áspera também nesse aspecto: ter entendido que às vezes é preciso fazer o que não gosto por um motivo maior que essa dupla gosto/desgosto. Mas, também não poso ser tão rígida comigo mesma. Afinal, continuo deixando qualquer montanha de livros e trabalhos por fazer para encontrar um bom amigo. Não quero ser a que sou agora pra sempre e concordo também com o R. que 'era mais fácil mudar naquela época' e que agora cada mudança arrasta várias coisas consigo, estamos mais 'enredados', raízes... Mas acho que isso pode fazer parte de um projeto de vida, sem que ele tenha que vir numa pastinha de capa dura. Não! Longe disso. Um projeto orgânico de vida, eu gostava também desse conceito: orgânico. Mas sim, eu hoje posso falar em projeto de vida sem medo. Naquela época era só carpe diem...

Acho que tenho aí uma concepção da minha vida que me agrada hoje para a concepção de história: Respeitar as vidas e seus tempos próprios. Entender que uma fotografia pega apenas uma fase do ciclo de vida. E que não é possível reconstituir 'o corpo pelo dedo do gigante', usando uma expressão do século XVIII...

Hoje fui surpreendida..." (CC, 2008, linhas 3141-3245).

³⁵ Conversa na Capela, a que também se referia Clarissa Lorenzini.

Participante 9: Claudia Moraes Pêra³⁶



“Oi Alex! Quanto tempo!

É a Cláudia! Lembra de mim? Nem esperava receber essa carta, passou muito rápido. Desculpe não ter enviado uma resposta antes, mas é fim de semestre na faculdade, e fico cheia de pesquisas e trabalhos finais. Também não fui ao encontro no sábado porque estava tendo aula.

Sobre a carta de cinco anos atrás:

Surpreendi-me com ao lembrar as preocupações que tinha na época de colégio. Minhas primeiras perguntas pra mim são (sic): se eu teria passado na escola todos os anos, bem certinho, e estava bem em inglês e física. (hahahaha) Meu curso na faculdade é moda, nunca mais trabalhei com física (ainda bem) e o meu inglês melhorou bastante. A minha única decepção foi perguntar pra mim mesma se eu já estava tocando violão, que sempre foi meu instrumento favorito, e eu ainda não comecei a tocar, apesar de ter pegado um do meu tio. Eu deveria ter feito isso naquela época que tinha mais tempo. Mas ser bem aprovada ao longo dos anos na escola e depois no vestibular era importante. Hoje o importante é fazer o mais completo possível os trabalhos para ter um bom material para procurar estágio e emprego. Mas as preocupações continuam. Minha meta para as férias é tocar violão!

Uma coisa que me perguntava na carta é se eu estava morando perto da faculdade, eu não tinha noção de como manter um apartamento é caro! Hahahahaha

Eu ainda moro no mesmo apartamento, e a ideia de morar perto da faculdade foi esquecida por mim e minha mãe, que decidimos que era melhor ir até lá todos os

³⁶ “Quando eu escrevi a carta eu era aluna do terceiro ano do Colégio La Salle São João. Atualmente sou formada em Design de Moda e Tecnologia.”

dias de aula (Novo Hamburgo) e manter no conforto da minha casa, pois teríamos somente contas de uma casa para pagar.

Outra coisa que encontrei na carta foi uma folha que acho que me lembro de tu teres pedido na aula, para escrever o que iria para nossa lápide³⁷, e estava ali a tal folha junto. Meu nome, meu nome em kanjis japoneses e minha data de nascimento com a data de falecimento como "infinito", foi a maior surpresa porque nunca mais lembraria disso, e fiz uma força para lembrar o que raios era aquela folha!

As cartas de duas das minhas melhores amigas estavam com a minha, e elas ainda falam comigo, somos amigas há mais de dez anos, e nunca perdemos o contato. Ter a carta delas me desejando coisas boas e nos lembrando que, mesmo que nós tivéssemos brigado (o que não aconteceu), nós deveríamos nos encontrarmos para fazermos as pazes porque a nossa amizade era importante demais na época e queríamos ter isso de novo anos mais tarde. Foi maravilhoso notar que ainda nos falamos, e nossa amizade é melhor do que nunca. Apesar de uma ainda estar tentando medicina e ter viajado (a L., lembra dela? Ela andava sempre comigo e sentávamos perto da janela), e a outra foi minha colega em outro colégio, que estudei antes de ir para o São João. Nós nunca nos separamos, pois nos conhecemos num colégio público e moramos perto do colégio até hoje, que facilitava as nossas saídas. Moramos na mesma quadra!

Já estou muito feliz de estar na faculdade e estou na metade do meu curso. No tempo que eu escrevi a carta, eu valorizava estar feliz todos os dias e dormir bem, isso sempre me fez bem de uma maneira que acho que não é a mesma para os outros. Parece me manter na linha com a cabeça certa pra aguentar outras coisas. E por coincidência, quando recebi a carta estava pensando nos meus trabalhos finais, que é o período do semestre que acabo dormindo menos. Mesmo indo dormir tarde, eu valorizo ver um vídeo ou alguma bobagem antes de dormir pra me manter alegre, mesmo perdendo mais alguns minutos de sono. E quando esse período termina volto a dormir normalmente! Outra coincidência, é que eu escrevi na carta a hora que fui dormir: 23h10min. Parece que funciono melhor à noite para fazer trabalhos.

Sobre as cartas das minhas amigas:

São as mesmas duas amigas que já mencionei. Outra sensação maravilhosa foi ter a carta das duas de novo ali pra mim. Em uma dessas cartas minha amiga fala que quando a lêssemos, apesar de nós já termos saído do colégio e cada uma seguido para um lado, nos vendo conseqüentemente muito menos, continuaríamos muito amigas. E foi o que aconteceu! Nos vemos pouco, mas quando nos vemos é sempre ótimo!

Nós resolvemos escrever outra carta, e guardar em casa mesmo LACRADA para daqui a cinco anos. Nós esquecemos muitas coisas escritas na carta de cinco anos atrás e resolvemos escrever novamente para daqui a cinco anos para conseguirmos lembrar direito de agora, para que consigamos no futuro lembrarmos os mínimos detalhes de hoje.

Bom Alex, era isso! Muito obrigada por guardar essas cartas por cinco anos, porque pelo endereço tu deve ter levado aquelas milhares de caixas para tua casa e ter nos mandado as cartas anos depois. Obrigada mesmo por tudo!

Abrços, e tudo de bom.

Cláudia" (CC, 2008, linhas 4291-4366).

³⁷ Alusão a uma atividade que realizamos em sala de aula inspirada na música "Epitáfio", dos Titãs.

Participante 10: Derik Koubik³⁸



“Oi meu querido professor Alex,

Estou escrevendo para tentar contar as coisas que se realizaram da minha carta e algumas coisas que aconteceram nesse meio tempo. Vamos lá.

Inicialmente, olhando meu Boletim de Notas tenho a clara noção que, quando a média é baixa, não importa a dificuldade para atingi-la, fica feio estar na Média. Ninguém vai olhar um 5,0 e pensar, devia ser muito difícil essa escola! A primeira coisa que vem na cabeça é: ‘que merda de nota, o cara não estuda nada’, mas seguimos...

Sobre minha primeira expectativa ter obter patrocínio e atingir meu auge como atleta, posso dizer que o patrocínio consegui, mas o auge do meu potencial não acredito poder ser alcançado treinando aqui, em Porto Alegre. Logo não poderá ser alcançado, pois não pretendo treinar fora.

A segunda coisa que coloquei foi não esquecer dos amigos, colegas, etc...o que acredito eu não ter esquecido apesar do distanciamento natural que ocorreu da maioria. Ainda tenho todos comigo, com suas peculiaridades e momentos.

Uma coisa importante: não chorei lendo a carta, como eu suspeitei que pudesse ocorrer, mas que esperava não acontecer. Com certeza me emocionei.

³⁸ “Em 2003 eu era aluno do 3º ano do Colégio La Salle São João e atleta do salto com vara da Sogipa (Sociedade Ginástica de Porto Alegre). Atualmente trabalho numa empresa de engenharia, moro com minha namorada Márcia e quatro cachorros: Bart, Gaia, Pulga e Mosquito. Continuo praticante e fanático por esportes. Vivo com alegria, sempre procurando fazer o bem e tentando tornar a vida menos robotizada, valorizando a natureza, o vivo, a Vida.”

Bom, deixe-me então falar de coisas que aconteceram nesses anos. Obviamente não lembrarei de tudo, e a impressão de os fatos em algum momento parecerem fora de ordem não é mero acaso, é confusão minha mesmo. Sabe como é, quando vamos contar alguma coisa, muita coisa, às vezes, lembramos de uma do fim e depois de uma do início.

Formado, ano de 2003. Para muitos poderia ser apenas um passo para a universidade e a transformação de aluno para profissional. Não para mim. Saber o que cursar é um grande problema para muitas pessoas, muitos jovens, comigo não foi diferente. Porém, eu tinha uma pessoa ao meu lado que pensava como eu, e não via fazer essa escolha com tanta rapidez. Minha mãe. Professora de Inglês, e defensora de mudanças nas escolas para formação de pessoas. Constantemente questionando a maturidade dos alunos para com, 16,17, às vezes, 15 anos ter de escolher uma carreira.

Foi aí que o esporte entrou. Sem pressa, e já no atletismo há anos (estudei sempre como bolsista desde a 8ª série), nessa época da formatura eu era 20º do ranking mundial de salto com vara, na categoria até 17 anos, o que me proporcionou convite de algumas universidades americanas (Harvard, UCLA, Clemson, Southern Western College). Foi uma época difícil. Eu sempre fui muito apegado a família e amigos, não sabia se eu queria isso mesmo. Mas os convites estavam ali, e minha vontade ou não de ir lutavam com meu orgulho, de sempre ser o melhor e dar 100%. Eu teria uma prova (SAT), e eu a faria, querendo ou não ir, eu não queria ir mal na prova. Fracassar não é o meu forte. Tomei uma decisão, sem ninguém saber, nem treinador (que vivia mandando eu estudar), nem meus pais (que nunca me mandaram estudar, apesar de nunca me verem estudando, olhavam minhas notas e não tinham o que dizer. Raramente estudei em casa, como eu treinava não tinha tempo, mas como tu sabe, em sala de aula eu era CDF, dificilmente um professor chamava minha atenção. Cada um com suas "manobras"). Resolvi então sim, fazer a prova, contudo, sem estudar para ela. Eu me esforçaria ao máximo, com o que eu tinha de conhecimento. Para mim foi uma maneira de não forçar minha ida e nem me escapar dela. Por fim, em novembro de 2004 fiz a prova. Passei. E com uma nota acima da média.

*Com isso, era só organizar as coisas e viajar. Mas não foi bem assim. A primeira tentativa de ir fracassou. Acertado tudo com uma das universidades, não me lembro ao certo qual, só consegui entrevista de visto para uma data após o limite para ingresso na universidade de lá. No ano seguinte, nova tentativa, dessa vez, com tudo certo, não fui. Sempre digo quando me perguntam, que nessa segunda vez não fui porque não foi liberado meu visto, por causa ainda do 11 de setembro. É mentira. Mas é mais fácil do que tentar dizer que meu treinador, na minha opinião, falhou comigo, mas dizer isso é expô-lo e julgar seu caráter. Não guardo mágoa, pois as coisas são com são e acontecem como devem. Dois anos. 22 anos que me dediquei exclusivamente a treinar, por isso não considero perdido. Amadureci muitas opiniões, e esse tempo me deu uma direção para saber o que eu queria fazer. (Hoje se eu pudesse mudar algo, não teria ficado os dois anos sem estar na universidade, mesmo saber o que fazer ao certo, pois só deixei de entrar na faculdade porque as universidades americanas exigiam que não tivesse em uma ainda) Claro que nesse tempo, eu ganhei muitos campeonatos, recebi muitas homenagens. (Posso mandar meu histórico de atleta se tu quiseres) Ver o Pedro³⁹ se formando na ESPM me fez pensar, "eu também podia estar ali". Ver ele sim foi emocionante, lá de cima, no alto das cadeiras da FIERGS⁴⁰, mais precisamente no corredor, em pé, eu chorei. Era o Pedro, meu amigo Pedro. Claro que ele não sabe que eu chorei, porque eu sou o "mais foda" dos guris. *iahaiuhaihaa* Eu que defendia eles, eu que ficava brabo quando mexiam com o R. e o M., que sempre cuidei 'dos mais fracos' e não aceitava*

³⁹ Pedro Gutierrez.

⁴⁰ Auditório da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul.

que alguém pudesse ofender qualquer um deles (tudo no sentido de força mesmo, porque como atleta eu tinha vantagens).

Agora eu passei para o 6º semestre de Administração com Habilitação em Comercio Exterior na São Judas. Porque escolhi isso? Já que no momento, apenas duas coisas que ainda não vi na faculdade me chamam atenção nessa área: Finanças pessoais e Investimentos. Esses dois por motivos: PAI e MÃE. Nunca nos faltou nada em casa, moramos bem e com luxos. Uma típica classe média cada vez mais difícil de existir. Contudo, hoje percebo que meus pais não tem tranquilidade financeira, nunca fizeram reservas nem nada. 90% das brigas são por causa das contas da casa. Não há planejamento, nem um tempo só para os dois. Eles precisam efetivamente estar trabalhando para essa estabilidade. Coisa que não seria necessária. Meu pai já foi gerente da Frangosul, Perdigão, Parmalat, Gillette, oral-b...e já com quase 60 anos, não era necessário ter passado dois anos em dificuldade por ser demitido. Minha mãe leciona, começou depois dele, mas sempre nos deram e se deram tudo que podiam, sem pensar no depois. Esse foi o motivo da minha escolha na faculdade São Judas Tadeu (na qual também tenho bolsa de estudos integral por ser atleta da Sogipa) Meu pensamento é simples, aparentemente grosseiro, mas já é algo a seguir: vou fazer algo que me dê dinheiro, para no futuro poder fazer o que eu realmente gosto por qualquer valor ou nenhum valor. Já mantenho um clube de investimentos de longo prazo, numa corretora, com colegas da faculdade. Sem muito otimismo nos ganhos, a previsão é que com 40 anos eu possa viver de renda dos Lucros. Poderei então, antes mesmo disso, fazer qualquer coisa, e assegurar que minha família (que ainda não existe hehehe) tenha tudo o que tive, e que eu e minha esposa, tenhamos o que meus pais não tem: tranquilidade e desfrute do trabalho de uma vida.

Apesar de ter por três meses trabalhado em um escritório como estagiário, sei que não é isso que me motiva, mas na vida, enquanto não se tem uma saída principal, usa-se a porta dos fundos.

Essa área que estou estudando, incrivelmente, tenho muita facilidade. O que parece ser óbvio para mim, para meus colegas, quase sempre bem mais velhos, pois estudo a noite, é uma coisa assustadora e nova. Apenas agora, no quinto semestre usei caderno. E em duas disciplinas de cálculo, eu usei folhas, que pedia pra um colega na aula. E mesmo assim, a média da faculdade, não é a minha média. Dessas notas tenho orgulho. Normalmente de terno, meus colegas, que nem sempre são os mesmos, pois o pessoal faz as cadeiras quando há tempo em suas vidas e carreiras (tenho apenas um colega me acompanha desde o 1º semestre, que é meu braço direito lá), fui apelidado carinhosamente de 'mendrugo' (mendigo), mais precisamente MC Mendrugo, pois, minhas roupas sempre de abrigo, de atleta, e a barba que só está feita depois de competições, somados a um trabalho em que eu apresentei com um Funk, fizeram esse apelido. O que não levo na maldade, pois sempre sou a pessoa procurada para ajudar nas dúvidas e vejo como aquilo é importante pra eles. Eu às vezes faço de propósito, porque quem me olha na aula realmente acha que eu sou mais um "playboy" que está matando tempo ali e não quer nada com nada. Mas como no colégio, só tenho olhos para o professor na aula. Vejo os 'tios' e 'tias', agora colegas, me olharem do avesso, com repulsa até. Então chega o momento dos exercícios, dos trabalhos em aula. Atentamente eu ouço as pessoas em dúvida, sem saber o que fazer e dizendo que aquilo não é nada do que foi dado em aula. Tranquilamente, de modo a não parecer que minha pergunta debocha, eu vou humildemente e pergunto de maneira não pensarem que estou 'tirando onda' (porque até esse momento eu sou um fanfarrão para eles) : 'qual que vocês não conseguiram fazer?'...depois da resposta eu digo, 'a essa eu consegui, posso te explicar?'. Com olhos de espanto ouço um sim, e na semana seguinte (pois é uma cadeira por dia, uma aula de cada por semana) vejo as mesmas pessoas me chamando para dar oi e sorrindo. Fico feliz com a mudança, mas penso que antes de me julgarem e julgarem qualquer um, eles deveriam saber quem é por baixo da roupa. Tem muito 'engomadinho' superficial.

Bom, no meio de tudo isso, tem minhas viagens. Sorte a minha eu ter saído o mais organizado aqui de casa. Controlo as faltas, prevejo as competições para saber quando e como fazer as coisas.

Nesse tempo, bati o recorde gaúcho adulto, e ainda me tornei o primeiro gaúcho da História do atletismo a superar os 5m (saltei 5,01m). Sou o recordista de todas as categorias no estado.

Recentemente, quase um ano, conciliei os treinos da tarde, o estudo da noite com mais um compromisso (o que minha mãe quer me matar, porque estou sempre assumindo coisas, e cumprindo, mas confesso que é demasiado) pela manhã comecei a trabalhar como Adestrador de Cães. Vou contar como foi isso.

Eu tenho um cachorro, o fofão. Um vira-latas amarelo. Pesa em torno de 15 quilos e não muito maior que um salsicha. Ele já tem 12 anos, ganhamos o cachorro de minha tia, que foi jóquei e o encontrou no lixo quando tinha um ano, acreditamos. Ela o cuidou no jóquei clube com os cavalos e nos deu. Sabemos que a idade vai levar ele, podem ser que haja mais muitos anos, mas como sempre gostamos de cachorros, conversei com minha mãe e decidimos ter outro, nas seguintes condições: como era um momento de aperto financeiro, eu me responsabilizei por todos os gastos dele, ração, veterinário, banhos, etc. Ele também deveria ser ensinado, pois eu queria ou um dálmata ou um golden retriever. Cães grandes que podiam ser perigosos para minha avó de 85 anos, e 1,55m de puro desequilíbrio hehehe. Fora que, um tio meu mora na casa dos fundos e tem uma oficina de TVs, e não me dou com ele. Aqueles familiares egoístas sabe? Coisas de família. Tudo certo então. Em 2007 minha amiga Natacha que estuda Veterinária na UFRGS e é atleta também, ficou de me avisar quando chegasse alguma dessas raças para adoção, porque eu não tinha grana pra comprar. Após um tempo, ela liga que tem um belo dálmata fígado (em vez de pintas pretas, são marrons e olhos azuis, muito raro) de 2 meses para adoção. Infelizmente, depois de estar aqui em casa 20 dias, na revisão na própria UFRGS, ele contrai cinomose, doença degenerativa irreversível. Ainda tentei com medicamentos controlar por um mês e pouco, mas não deu, ele estava muito mal. Resolvi sacrificar. Ao se pratica eutanásia legalmente, eles deixariam meu cão chegar no pior estado para dizer que não dá mais. Minha amiga pegou todo que precisava e fizemos na casa dela. Foi horrível. Eu o segurei, ela deu o tranquilizante, mas as veias estavam tão debilitadas que estouravam e o remédio não entrava no sangue. Já com todas as veias das quatro patas rompidas, e as patas com sangue, teve de ser direto no coração. Foi quando mais chorei na minha vida. O Meu cão, morto, na minha mão. Colocado numa sacola e jogado fora. Sei que fiz a coisa certa, mesmo assim doeu. Passados seis meses e pouco, o golden dessa minha amiga cruza e gentilmente, o filhote na qual ela tinha direito, ela me deixa escolher pra mim. Ai começa a história do Bart. Bartolomeu é todo o nome.

Um golden caramelo, macho, puro (mas sem as frescuras de registro e pedigree, pois eu queria um cachorro não um troféu, e tem de pagar por isso também). Inicialmente, ao trazer pra minha casa depois da segunda vacina, ainda havia o risco de ele pegar a cinomose, que fica no ambiente por um ano. Deus o protegeu. Depois da terceira e última vacina, o levei na praça na Av. Plínio Brasil Milano⁴¹. Lá vi um cara baixinho e careca, estranho porém com seis cães soltos e total controle sobre eles. Ele estava todo sujo, o que me agradou, porque no meu conceito isso mostra proximidade dos animais. Ele os tratava com dureza e afeto, via-se que os cães o amavam. Conversei com ele e iniciei as aulas no dia seguinte (obs: eu havia pesquisado, e para colocar no adestramento era em torno de 600 reais o curso básico, e eu não tinha essa grana, fora que eu não queria um robô nem pessoas fazendo meu cachorro obedecer a comandos sem eu saber como. Ali eu encontrei por 160 reais o módulo o que eu queria pro Bart: deixá-lo o mais próximo possível de uma matilha natural, onde

⁴¹ Zona Norte de Porto Alegre.

eu seria o líder. Ele me amaria incondicionalmente pelo que eu sou, em seguiria para estar seguro, e não porque eu mandei).

As aulas deveriam ocorrer e três vezes na semana, das 9h às 11h da manhã, na praça mesmo, a céu aberto. Eu, como sempre, queria ser o melhor 'pai' pro Bart, então as 8h30 eu estava lá com ele e só saía às 12h. O adestrador disse que se eu quisesse ir mais dias eu podia, sem cobrar mais. (ele faz um trabalho que exige que o dono esteja presente, pois ele ensina o dono, não o cão. É a ideia, há casos que o dono deixa com ele, mas é difícil ele aceitar sem a presença do dono no mínimo três semanas por um mês). A partir daí, comecei a ir todo ia antes e sair depois. Comecei a ir até a casa dele, perto dali. Onde percebi porque as aulas eram na praça e porque ele era tão bom. Ele é um cão. Um homem pobre, que já foi viciado, que fez da vida dele decepcionada com as pessoas, um refugio os cães. Na casa dele não há nada dentro, apenas sua cama e um armário. O resto é adaptado para os cães, o espaço é dos cães. Primeiro eles, depois as pessoas. Isso o faz tão bom. Na casa dele, os cães não ficam em jaulas, ficam juntos, alguns quando necessário, vão para um quarto sozinho, o que é difícil, pois como o adestramento ocorre na praça, com mais muitos cães já ensinados, ele é inserido direto numa matilha, o que os faz não brigar por serem do mesmo grupo. Ao final do primeiro mês de aula, ele me pergunta se quero trabalhar com ele, porque fez uma pesquisa com os clientes dele e todos acharam uma boa minha presença como "funcionário" (não é uma empresa, é como se tu precisasses deixar teu filho aqui em casa às vezes entende? E vou dizer, os clientes dele são quase sempre ricos). Aí eu comecei a trabalhar com cães, fazendo a parte de condução e nível básico. Isso eu amo fazer, tenho ideias, mas ainda não planos pra fazer algo do tipo. Acelerando o processo. Hoje o Bart esta com um ano e três meses, é um golden caramelo enorme, ainda não esta com a pelagem e o porte de adulto, que só pelos dois anos, dois meio vai adquirir, mas já tem seus 38kg e é maior que a maioria dos adultos. É um exemplo e já faz parte dos líderes da matilha. A líder alpha é a do adestrador, duas weimaraner. Em todos anos de trabalho do adestrador, o Bart é o único macho a se tornar líder, e o mais jovem. (os machos normalmente tem problemas com agressividade quando são líderes, as fêmeas corrigem mas não brigam, o Bart é como um cão guia de cegos, o temperamento é especial) ele é parte de mim. Tenho minha rotina com ele e não falho nunca, faça chuva ou sol. Todo que faço, sair, namorada, casa, etc, sempre o inclui de alguma forma. Claro que eu comecei a receber para trabalhar, mas eu estou nessa mesmo porque eu sei que ele (adestrador) precisa de mim. Estou ali pelos cães. Ele tem dificuldades em se organizar, se não fosse a honestidade dos clientes ele não receberia anda, porque ele não sabe quanto cada um deve. O numero de cães nos últimos três meses é quatro vezes maior que quando iniciei, tendo ele que não aceitar alguns. Com isso eu fiz um controle, tabela, na qual eu digo pra ele quanto vai dar por mês, isso faz dois meses. Com mais cães, ele chegou a chamar um cara para ser passeador, e resolveu me pagar mais. Depois de fazer o controle por três meses, cheguei à triste conclusão, mas feliz por outro lado. Disse pra ele que ele não poderia me pagar mais, porque se não ele receberia menos do que eu, e apesar do aumento do numero de cães, muitas pessoas o estavam 'explorando', se encostavam lá na praça e depois de pagar por uma semana iam lá e faziam tudo de graça. O que o deixou muito triste, e mais ainda, quando eu falei, que seria melhor e mais lucrativo ele reduzir a turma apenas aqueles do início, aos cães das pessoas que não faziam aulas apenas pelo cão, mas porque queriam ajudar ele. Falei que sozinho ele ganharia mais e não teria tantos problemas, já que com tantos cachorros, cada dono queria um tipo de coisa, o que eu fugia do ideal dele e o estava fazendo a entrar num estresse e muitas vezes quase voltar ao vicio (álcool). Hoje, ele já reduziu o grupo, está muito melhor e uma semana que não estou trabalhando, mas continuo indo lá quase todo dia. Ele não quer que o Bart se afaste. Me reconhece como alguém que quis o bem dele, e conta pra todos os clientes (do início, que o ajudam mesmo) o porque ele está reduzindo o pessoal, e o que eu fiz por ele, fala da minha honestidade. Fico muito feliz mesmo. Ele cobra um valor ridículo

por aula (a maioria dos canis é R\$600 mês. Ele cobra R\$160), mas ele não está nem aí pro dinheiro, por isso acho que ele reconhece o que eu fiz. Os clientes dele não me veem como um moleque. Enxergam um rapaz determinado e honesto, que tem um coração bom, como eu realmente acho que eu tenho, sempre tentei ajudar a todos da melhor forma e não pretendo mudar isso. Acho que por coincidência, fui colocado ali, e me colocaram no caminho dele. Quanta coisa aprendi e tantas coisas deixei de bom naquele homem-cão, que não confiava em nenhuma pessoa. Como eu disse, continuo indo lá, mas como amigo como isso é bom pro Bart.

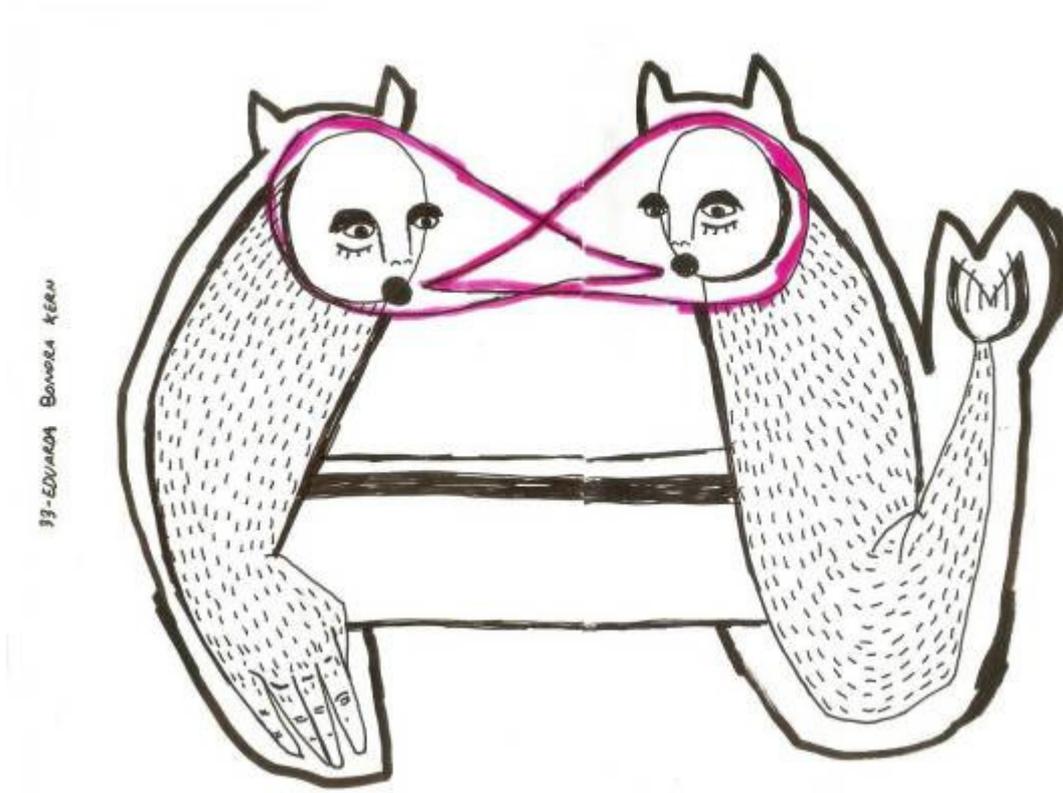
Acho que por enquanto é isso. Daqui a dois meses tenho um campeonato brasileiro pra disputar e vale vaga sul-americana. Se eu mantiver o normal, já que sou o 1º do ranking, estou dentro. Estou treinando pra isso.

Grande abraço e me manda notícias também.

OBS: esqueci de dizer, que estou pensando em fazer meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre finanças pessoais e uma implantação nas escolas dessa disciplina. Não sei se pode, mas vou verificar ainda. Se as pessoas aprendessem no colégio, não teriam tantos problemas depois, é uma das coisas que a escola não faz, preparar pra vida. E não precisa de nada de mais, matemática básica, de mais e menos, multiplica e divide, organização e costume. É como separar o lixo, não precisa ser biólogo pra saber o que é seco e orgânico, basta conhecimento simples e costume.

fui” (CC, 2008, linhas 3280-3535).

Participante 11: Eduarda Bonora Kern⁴²



“Alex,

Então, aqui está o meu depoimento sobre a carta, o reencontro e o nosso doutorado.

Ler a carta foi bem engraçado, apesar de lembrar exatamente algumas coisas que tinha escrito, é muito estranho ver nós mesmos conversando com nós mesmos. É bom ver que mudamos, e que as transformações foram positivas; é interessante entender como eu era há cinco anos e como eu não tinha nenhuma noção do que aconteceria nesse breve tempo, apesar de saber que sairia do colégio, faria vestibular (apesar de não esperar ter que tentar duas vezes) e teria que começar a andar com as próprias pernas. Mas foi interessante ver que algumas das perguntas que eu me fiz, realmente aconteceram .

E outra coisa que eu gostei muito foi poder me "reconhecer" na carta, porque apesar do tempo passado, de todas as mudanças que ocorreram, de todas as angústias que eu tinha (e que algumas permanecem), de todas as incertezas, é muito bom ver que eu mantive o mesmo jeito, que sou a mesma mesmo não sendo, é bom ver que toda a construção do meu eu atual está em coerência com as expectativas do passado mesmo que os acasos da vida e as escolhas que nos deparamos possam ter surpreendido um pouco o que eu esperava.

⁴² Eduarda já se apresentou na nota de rodapé 8.

E sobre o reencontro, eu achei incrível como a ideia da carta e do galeto "mobilizou" tanto o pessoal. Sempre que eu via alguém do São João pela UFRGS ou na rua, a pergunta recorrente era "tu vai no galeto?". Foi ótimo ter um pretexto que "obrigasse" todos a se ver, porque senão, ninguém pararia na sua acelerada rotina para se reencontrar com as pessoas que compartilhou o ensino médio. No meu caso, os meus melhores amigos eu encontrei no São João, no grupo de jovens, e mantemos uma certa frequência de encontros, mas tem pessoas que eu vi ontem que foi muito bom reencontrar e que dificilmente veria se não fosse o galeto.

E sobre a ideia de mudança de foco de tese Bah! Como eu te disse, achei um grande questionamento. Por que analisar como se processa a leitura de nós mesmos, de ver como os laços que se criam na escola perduram ou são importantes, e querer construir coletivamente teu doutorado, eu realmente achei bem questionador.

A parte de coletivo vai contra a toda a idéia acadêmica de o intelectual detentor de saber (reforçado pelas posturas individualistas nas quais nos inserimos) que irá entrevistar informantes e recolher dados para pesquisa. Afinal, trocar e-mails, estimular teus antigos alunos a participarem contigo de uma ideia, isso é realmente uma construção, que normalmente não é o que se tem, o habitual é algo mais próximo de condicionamento, vamos reproduzindo e nos adaptando às regras que nos apresentam, pelo menos esse está sendo meu entendimento nesse breve tempo de universidade que tenho.

A escola entrou nisso tudo como uma mediadora, entre nos alunos e tu professor, mas acho que ao reencontrar todo mundo, ao pensar outro reencontro e pensar nesse contato mais seguido pode mostrar que a escola tem mais funções do que apenas disciplinar e entregar um conhecimento pronto. Afinal, as lembranças que a gente tem, aquelas que nos são mais queridas para do tempo de colégio normalmente são os recreios, as bagunças, os passeios, aquelas coisas que não envolvem muito a sala de aula e sim que envolvem a convivência e a socialização, e serão essas coisas boas que guardamos e das pessoas legais que encontramos e compartilharam esses momentos conosco, que motiva todo mundo a se ver de novo e ver as mudanças de cada um.

E falar com nós mesmos, olhar para nós mesmos, é uma atividade muito rica, pois é uma forma de pararmos pensar um pouco na nossa vida, tudo que aconteceu, realmente processar os rumos que tomamos, afinal não é todo dia que damos atenção a nossa existência.

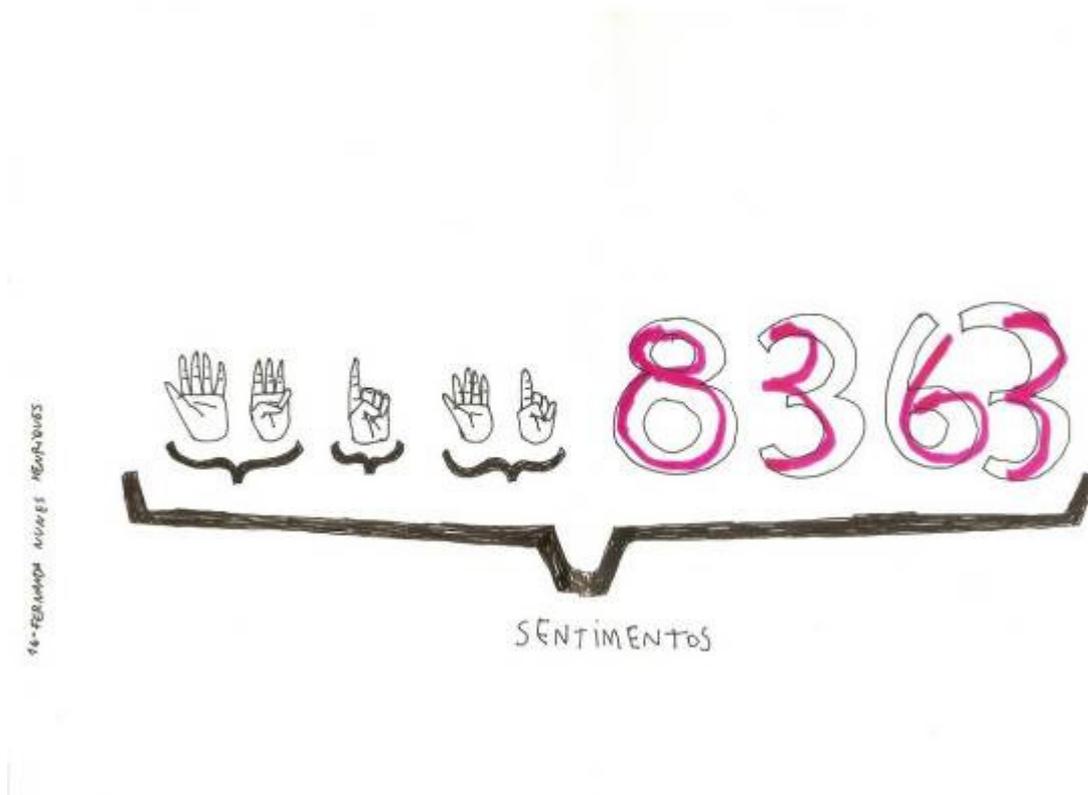
Bah, te mandei uma carta quase hein...acho que me empolguei! hehe Essa ultima parte eu tinha falado um pouco para ti ontem⁴³, mas como tu encontrou tanta gente e ouviu tantas coisas, quis deixar registrado aqui também essas impressões que eu tive....

Abraços

Duda" (CC, 2008, linhas 5062-5123).

⁴³ Dia do Reencontro.

Participante 12: Fernanda Nunes Henriques⁴⁴



“Oi Alex!

Eu sei que o e-mail deveria ter sido enviado antes, mas eu realmente não tive tempo! O caso é que a minha vida anda meio assim, sem tempo certo para eu fazer as coisas. Mas enfim, vamos ao que interessa...

Sabe a sensação que eu saí do colégio no dia do Reencontro? A sensação de que a gente viveu, três anos aprendendo sobre todos os assuntos que o colégio tem a ensinar, mais a parte de ‘aprenda a viver’ com o professor Alex, e de repente, tivemos que ir e praticar tudo que foi ensinado, e no dia do reencontro foi como uma premiação de ‘parabéns, você conseguiu sobreviver lá fora!’.

Meu Deus do céu, o ensino médio foram os melhores três anos, mas eu ainda não sei se eles foram os melhores anos da minha vida, até porque eu tenho pelo menos uns 45 anos de vida ainda! Então, eu realmente acho que é cedo demais para conclusões sobre isso. O caso é que, dentro do colégio eu tinha os meus amigos, aqueles que eu realmente sei quem são e como iam reagir a cada novo acontecimento, e fora do colégio as coisas mudaram bruscamente. Eu precisei de

⁴⁴ “Sou uma pessoa cheia de sonhos, que tem uma boa família e pôde se transformar em uma pessoa bem estruturada, com os dois pés bem firmes no chão. Fui capaz de encarar uma faculdade, de superar um câncer, de ir morar na praia e enfrentar pré-conceitos por um amor de verdade, mas nada disso se compara à felicidade de ser mãe de uma criança que vai precisar de cuidados especiais, por isso, sem saber, neste ano realizei meu maior sonho, a maternidade”.

alguns meses para descobrir de nem todo mundo é a C. e a N.⁴⁵, se eu posso dizer assim, ou que nem todos os grupos de 10 meninas seriam o SPAR⁴⁶.

Dáí começaram todos os problemas de quem não estava no colégio, e ainda meu irmão decidiu ir para a Austrália. Depois que eu me acostumei sem o meu irmão foi mais fácil por um tempo, mas logo eu comecei a notar que os problemas da minha família, na maioria, passaram a ser quase que responsabilidade minha. A minha avó paterna, decidiu implicar até não poder mais com a minha mãe, e a minha mãe passou a se deprimir de uma maneira que eu não conseguia controlar, até porque eu estou cursando o último ano da faculdade e o que eu menos faço é ficar em casa com ela. Depois disso, em um exame de rotina, apareceu em mim um início de câncer no colo do útero. Foi o mais difícil de todos, muitos remédios, muitas pessoas perguntando, eu estava totalmente sem humor para tudo isso!

Bom, durante e depois de todos esses acontecimentos, aconteceram coisas boas também. Eu estou muito feliz com a escolha da minha profissão, estou fazendo um curso de extensão em transtornos alimentares, que é o assunto que eu realmente gosto de trabalhar. Junto com tudo isso, apareceu a pessoa com quem eu pretendo passar a minha vida, e eu digo isso não na certeza daquela paixão de quando nos conhecemos, mas sim, na força do companheirismo durante todos esses problemas que eu relatei para ti, nesse e-mail.

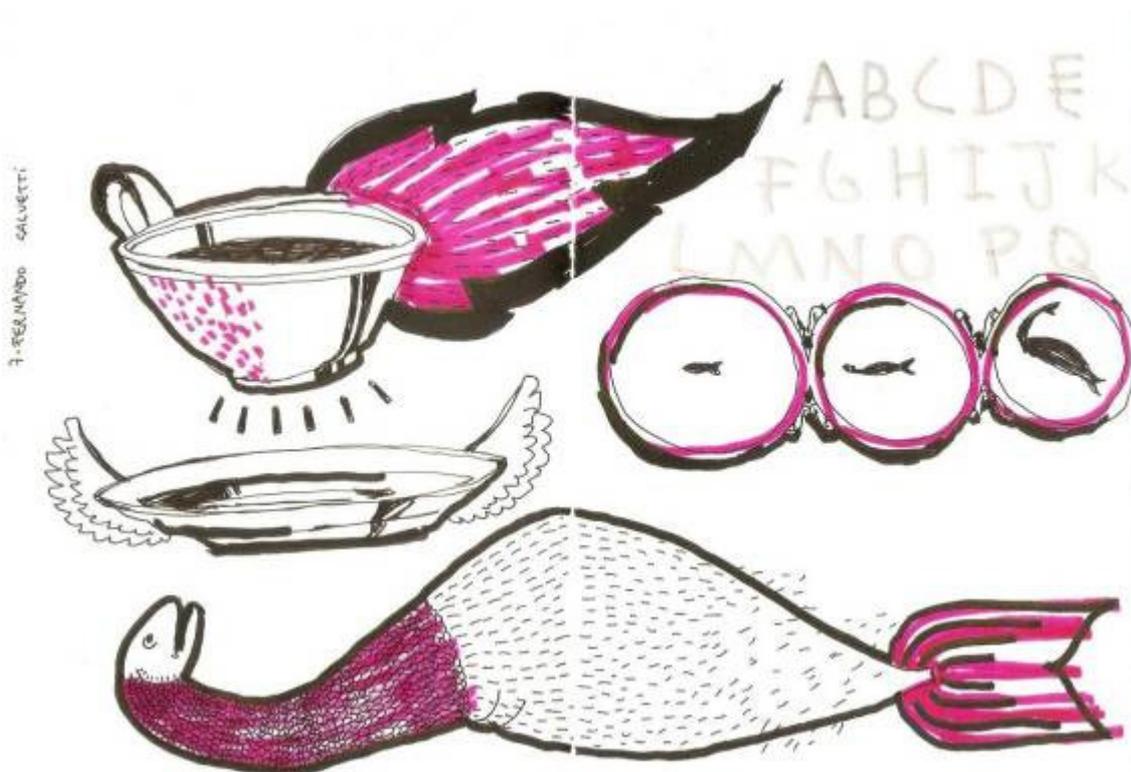
Eu não sei mais o que escrever, acho que até me passei demais. Aguardo a tua resposta!

Beijos” (CC, 2008, linhas 1704-1743).

⁴⁵ Amigas muito próximas do tempo de colégio.

⁴⁶ Uma espécie de Clube de amigas íntimas da escola.

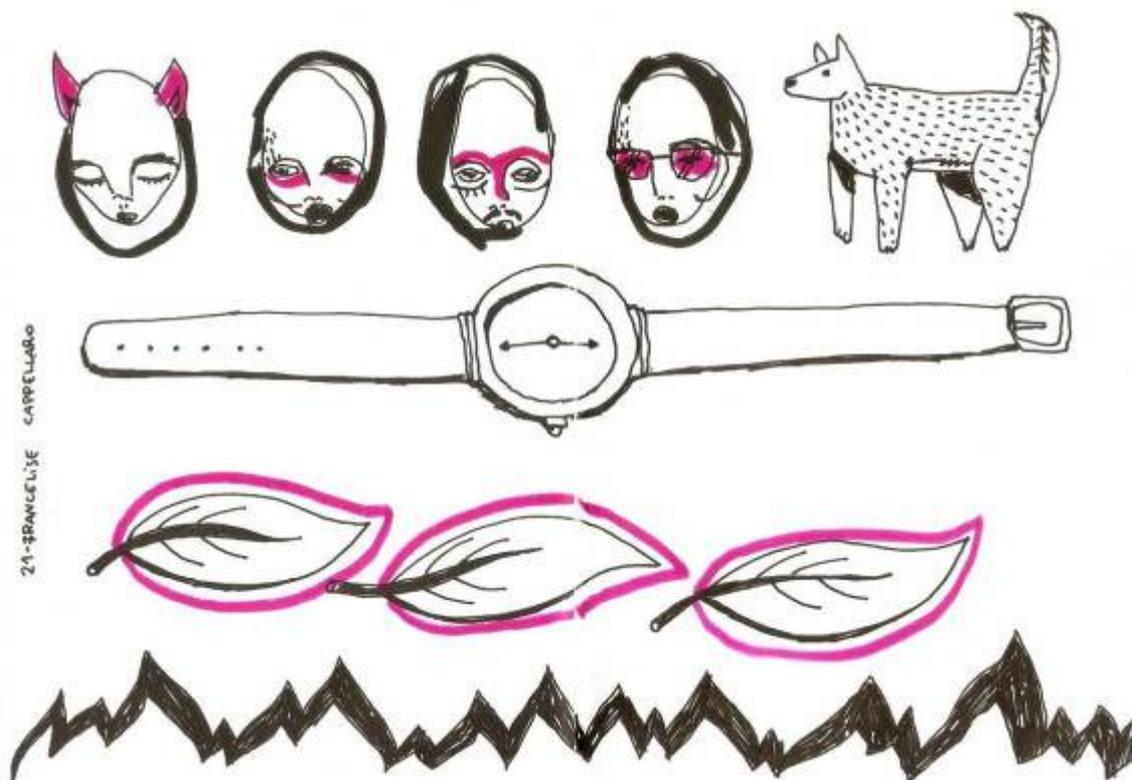
Participante 13: Fernando Calvetti⁴⁷



“Bah, Velho! Quantas lembranças aquele envelopinho me trouxe à tona. Quantas sensações, sentimentos e pensamentos me invadiram e me transbordaram, pensando em tudo o que eu passei lá dentro. Que coisa bem boa que é crescer! E sim, definitivamente eu cresci, fui tão profundo quanto um pires na minha carta” (CC, 2008, linhas 858-865).

⁴⁷ “Fernando. Criando. Revirando. Mudando.”

Participante 14: Francelise Cappelaro⁴⁸



“Alex,

Planejava já ter enviado meus comentários sobre a carta, mas, infelizmente, não tinha tido tempo antes. Ao contrário de muitos, eu lembrava que tinha escrito essa carta, inclusive do momento em que escrevi, do dia que a pus na caixinha, e os cinco anos passaram tão rápidos, mas tão devagar ao mesmo tempo, que fiquei surpresa de finalmente (e tão rápido) recebê-la.

Fiz minhas contas erradas e acreditava que estaria com 23 anos, mas acertei em cheio ao dizer que estaria me encaminhando para o final da faculdade de Direito. Falei de amigos que eu nem lembrava que um dia tive, ou que lembrava, mas que não faziam mais parte da minha vida (inclusive alguns colegas que eram meus melhores amigos na época). Também falei no meu cachorro, que morreu naquele mesmo ano.

O que mais me chamou atenção foi o modo com que finalizei a carta. Na época, eu estudava de manhã, fazia cursinho de tarde e, à noite e fins de semana, ajudava meu pai na locadora de filmes que ele tinha. Minha vida era uma correria e era comum eu dormir nas aulas.

Cheguei à faculdade (não a UFRGS como eu sonhava), mas com a promessa para mim mesma que trabalharia e iria pagar a PUCRS antes de me formar. Em duas semanas de aula, fui trabalhar na Assistência Jurídica Universitária da UFRGS (sim! mesmo sendo aluna na PUCRS...), onde atendia muitas pessoas carentes sem nada

⁴⁸ “Eu sou advogada, formada em Ciências Jurídicas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -PUCRS- e pós graduada em Direito Público pelo Instituto de Desenvolvimento Cultural – IDC.”

ganhar.

Meses depois, consegui um estágio meio que por acaso na Câmara Municipal, atendia pessoas carentes junto com um advogado. Era ligada ao gabinete de um vereador e cheguei a cuidar de mais de 100 processos.

Foi este vereador que me proporcionou uma entrevista com um Deputado Federal, que me chamou para trabalhar com ele em seu escritório regional. Hoje, trabalho muito, mas finalmente cumpri minha promessa de eu mesma pagar minha faculdade.

Mas... eu contei tudo isso pra chegar na última frase da minha carta: 'espero que você esteja vendo os frutos do que estou plantando hoje'.

Isso me fez pensar Alex. Eu me considero uma pessoa bem sucedida. Não sou formada, mas acho que tenho trilhado um bom caminho. Porém, desde que recebi esta carta tenho pensado no preço que tenho pagado para chegar até aqui: perdi muitos amigos, perdi um grande amor. Ganhei admiradores, ganhei invejosos em minha volta.

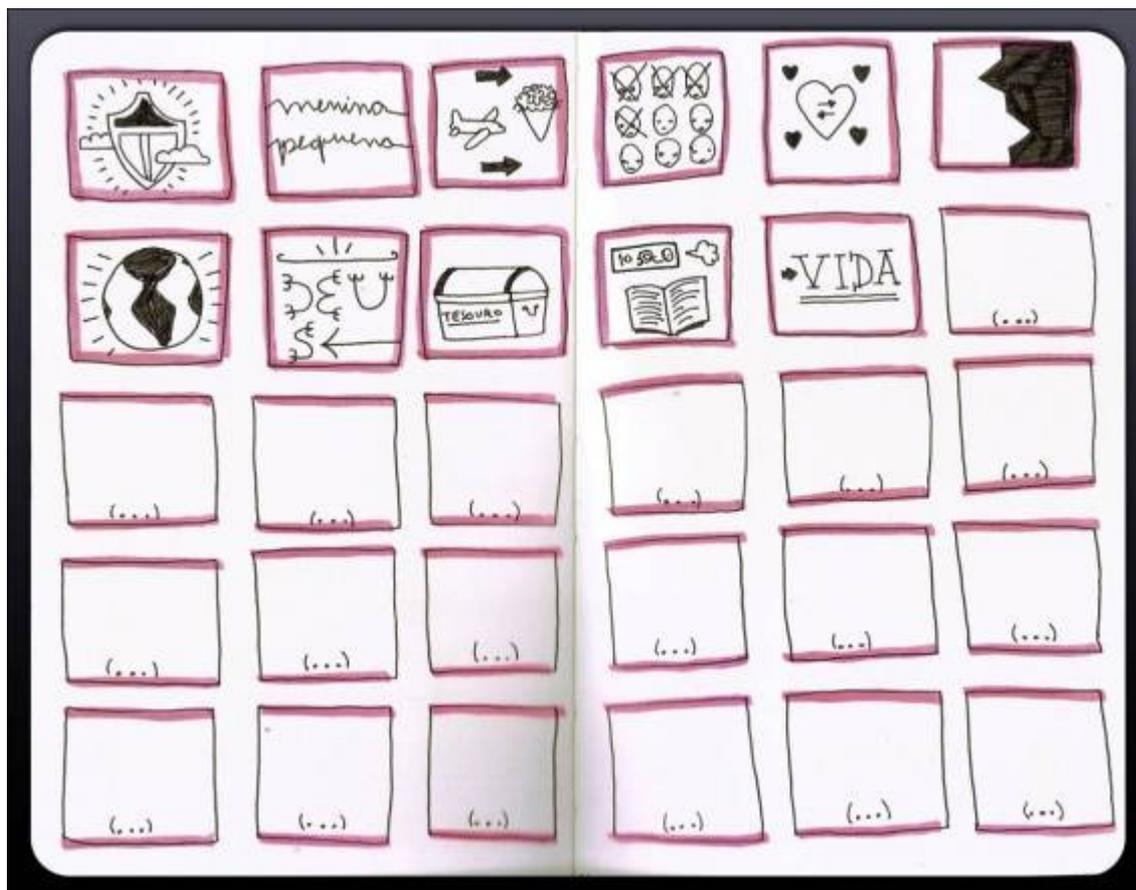
Desde então, decidi repensar em alguns princípios, algumas prioridades da minha vida. Para que, daqui a cinco anos, eu também possa estar vendo os frutos de que tenho plantado hoje, pois, apesar dos pesares, creio que são muitas coisas boas, muito além das ruins.

Alex, parabéns pelo reencontro! Estava tudo ótimo!! E espero que possamos manter o contato. Estou disposta a lhe ajudar em sua tese.

Beijos,

Francelise" (CC, 2008, linhas 2497-2556).

Participante 15: Jéssica Gonçalves⁴⁹



“Olá querido Alex,

Eu queria enviar-te uma carta, por achar mais pessoal e por gostar bastante deste velho método de comunicação, mas soube que gostaria de fazer um artigo com nossas relações com esta experiência e creio que ela demoraria um pouco para chegar. Então aqui seguem minhas relações: (sabes que irá ler praticamente um livro agora, pois sempre me empolgo ao escrever-te)

Primeiramente gostaria de dizer que me senti muito feliz ao recebê-la, um sentimento nostálgico e muito agradável me trouxe lembranças maravilhosas do tempo do São João. Dos amigos, das responsabilidades tão sutis e pequenas deparadas com minha noção de vida hoje.

Naquela carta, vi uma menina. Uma menina descobrindo um mundo novo e achando ter o domínio dele, menina ingênua. É engraçado me deparar com uma letra emendada que não condiz mais com a minha, uma letra que sempre achei péssima, mas que durante anos fez parte de mim.

Eu me descrevi naquela época em um hoje em bem diferente do real. Me via trabalhando no exterior, noiva, passando férias em um país e morando em outro, e

⁴⁹ “A Jéssica de hoje está em busca da sua carreira, de novas experiências que possam contribuir pra isso e trabalhando com muito foco para que tudo dê certo. A Jéssica de hoje esta em paz com ela mesma. Um pouco da ansiedade de antes ainda esta dentro dela. Mas ela serve hoje para motivar, no anseio de coisas melhores para a sua vida. Jéssica diz não ter medo de perder, não ter medo de errar. Veio pra viver. Ela não sabe ainda onde vai chegar, mas segue em frente com um sorriso no rosto aguardando o que a vida lhe traz.”

ainda sim tendo contatos com os antigos amigos. Na primeira vez em que a li, dei algumas risadas altas e outras mais contidas. Aquilo realmente não condiz com o que sou hoje.

Desde aquela carta muitas coisas aconteceram. Alguns amigos eu realmente não vejo mais, o mais engraçado, é que, esses, eu não vejo por ter perdido o contato, mas sim porque coisas aconteceram e acabei selecionando os meus amigos de verdade (que esses sim, vejo sempre).

O namorado da época, definitivamente não virou noivo. Estava conversando com ele há poucos minutos desta carta, onde ele me contava que irá morar na China, e que talvez não possa ir no galetto. Mas depois dele veio outro amor, que talvez pudesse realmente concretizar a carta, ingenuidade. Foi intenso, foi maravilhoso. O L. pudesse ter mais contato durante nossa estada no São João. Aquele menino com cara e pose de marrento, que quando não estava dormindo, estava desenhando em algum lugar. Sinceramente me pergunto até hoje como fomos parar juntos. Mas sabe o que mais me alegra em tudo isso? É ver que aquele fedelho metido, na verdade era um bom menino bem cagão! Mas que eu pude participar de sua vida durante três anos e meio e ver esse menino crescer (como pessoa, ainda continuo mais alta). Vi ele conseguir seu primeiro emprego, comprar o primeiro carro e passar na UFRGS! Sim aquele menino que nunca foi muito de estudar, hoje faz comunicação e estuda muito e se dedica ao que faz. Esses fatos me dão orgulho, pude apoiá-lo a cada derrota e comemorar com ele a cada conquista! (caso ele não venha a responder, já sabes tudo o que aconteceu com ele, hehehe)

Ainda assim, há uma frase que diz que o pra sempre, sempre acaba. Ainda acredito que o pra sempre ainda ficará aqui pra sempre. Confuso, mas tentarei explicar... O nosso namoro talvez tenha acabado, mas todos os sentimentos, experiências, lembranças... esses são pra sempre! As pessoas entram na nossa vida de maneiras surpreendentes, e é maravilhoso a gente poder passar momentos com elas, e aprender coisas. Ainda que se sofra quando elas se vão, poder ter conhecido elas no meio de tantas pessoas nesse mundo que é tão, mas tão grande é algo mágico! As pessoas são egoístas e pensam apenas nas coisas ruins que a pessoa por ventura fez, mas esquece de tudo que aprendeu com ela, até mesmo nas coisas ruins que ela fez. Seja aprender a respeitar, a amar, a saber se dar o valor, a compreender o outro e a confiar. A troca humana é algo muito complexo e bonito. Hoje somos apenas amigos, mas ele ainda é e sempre vai ser alguém que mudou minha vida, que mudou o rumo da minha vida, que mudou tudo.

Mudar... palavra muito usada hoje, de forma banalizada. Mas podes pensar na capacidade humana de adaptar-se ao novo? Ou, melhor ainda, a sua capacidade de poder mudar as coisas. Às vezes me pego pensando, eu nasci aqui, em Porto Alegre, numa cidade que adoro com pessoas que adoro... Mas será minha vida só isso? Nascer, crescer, estudar, trabalhar, casar, ter filhos, me aposentar e morrer? Porque se for só isso, tudo perde o sentido. Acredito que estamos todos aqui por alguma razão. E que ainda que eu acredite em reencarnação, tenho esta vida para crescer o máximo que puder, como pessoa e como alma. As pessoas nos mudam, nós mudamos as pessoas... e ainda somos assim os mesmos, mesmo que outros... como li na carta anexa a minha. E esse é o maior milagre. Deus nos dá uma vida e nos dá total liberdade para fazermos com ela o que quiser! O que quiserrrr!!! Basta ter coragem e sair do comodismo e do conforto que nós podemos ir a qualquer lugar e fazer qualquer coisa!

Isso é lindo! Isso é Deus! Isso é cada um de nós.

Mas....voltando a carta. Apesar de ter me feito rir da primeira vez, ao reler me deparei com uma carta um pouco futurista, mas querida demasiadamente. Aquela menina, não estava me dizendo o que eu seria... estava me lembrando o que eu quero ser. Ainda acredito que vou conhecer o mundo... e até quem sabe um dia possa noivar, mas ela veio me lembrar disso. Me lembrar de que realmente sou capaz de conseguir isso! Achei bonito. Ela me diz, sim Jé, se quiseres vai morar fora, vai achar

alguém especial pra dividir a vida (ou várias pessoas especiais irão passar pelo teu caminho) e ainda sim vai tentar arranjar tempo para ver teus amigos! Talvez eu deva fechar essa carta e abri-la daqui a mais cinco anos. Talvez minhas previsões não sejam tão errôneas com mais anos à frente.

Depois que o São João terminou, trabalhei durante um ano e meio. Nessa época desenvolvi mais responsabilidade, descobri o valor do dinheiro e do trabalho. Em seguida entrei na faculdade. Hoje estudo design de moda no IPA. Estou realizando estudando história, filosofia, estética e também desenhando e criando coisas. Descobri colegas maravilhosas e de ótimas companhias. Além de ter desenvolvido mais o meu senso crítico a partir de todas as leituras que tenho feito durante o curso, e que não são poucas... De antropologia, psicologia e comunicação... ao estudo das cores e das formas.

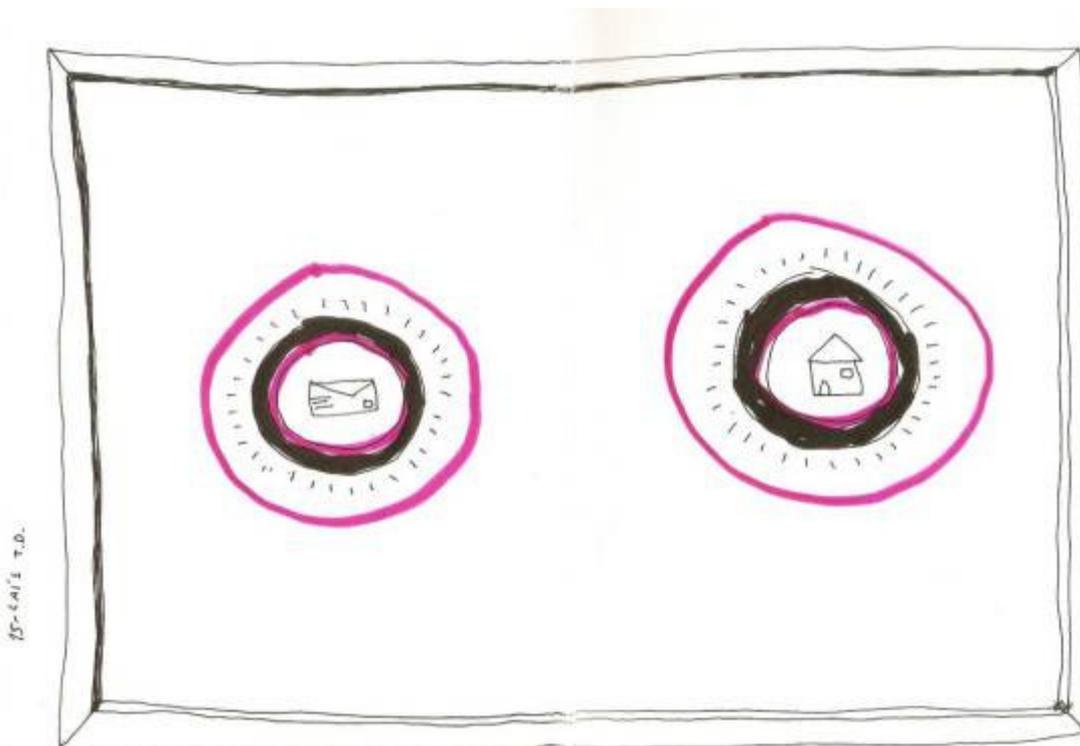
Enfim, vou concluir, pois mais uma vez me alonguei demais. Hoje sou uma mulher, de 20 anos, que estuda e estuda muito, que num futuro próximo realmente pretende estar visitando países, culturas e pessoas cada vez mais interessantes. A experiência da carta me trouxe a essência da menina sonhadora de 15 anos que tinha e ainda tem muitos desejos e que pretende realizá-los, sejam daqui a mais 5 anos ou mais 10 ... Afinal todos temos a vida toda pela frente e o tempo é relativo com a maneira que se vive ele.

A ti querido, serás sempre o 'Sor Alex', e desejo-te toda a felicidade do mundo. Mas não apenas isso, te desejo coragem e força para passar pelos momentos mais difíceis, te desejo amigos com quem possas contar, te desejo situações em que possas aprender, e outras mais em que isso possa praticar.

Minhas saudades e um grande abraço! Nos vemos no galetto!

Jéssica" (CC, 2008, linhas 335-473).

Participante 16: Laís Tissiane Dutra⁵⁰



“Olá Professor Alex!

Sou a Laís, fui uma de suas alunas no São João, e recebi esses dias a cartinha de cinco anos atrás! Fiquei surpresa porque já tinha esquecido dela, mas agradeço que você tenha enviado as cartas para nós depois de tanto tempo. Achei tão divertido que decidi fazer outra cartinha pra guardar em casa e abrir daqui a cinco anos.

Infelizmente não vou poder ir ao reencontro, mas espero que todos se divirtam por lá.

Obrigada de novo por fazer essa atividade conosco.

Abraços,

-Laís T. D.” (CC, 2008, linhas1636-1645).

⁵⁰ “Quando escrevi a carta eu estava no 2° ano do Colégio. No momento trabalho como assistente de arte no filme “As Aventuras do Avião Vermelho” e sou formanda em Artes Visuais na UFRGS.”

Participante 17: Larissa Donini⁵¹



“Oi Alex!

Comigo tudo bem ainda mais hoje que foi o último dia de provas!!! E por aí? Então... A minha cartinha deve ter ido pro endereço antigo, vou lá essa semana pra ver. Bah tô muito ansiosa pra ler!!!! Algum dia ela vai chegar às minhas mãos, mas enquanto isso, eu vou participando mesmo assim⁵², porque eu amei o nosso reencontro! Eu contei para um amigo meu que não era do São João e ele achou o máximo e falou que tu deve ter te sentido muito realizado afinal a ideia de tudo foi tua e na verdade eu acho que ninguém imaginou o quanto bom seria. Queria falar muita coisa sobre isso, mas estão me faltando palavras hehehe. Quando tiver mais inspirada mando outros e-mails...

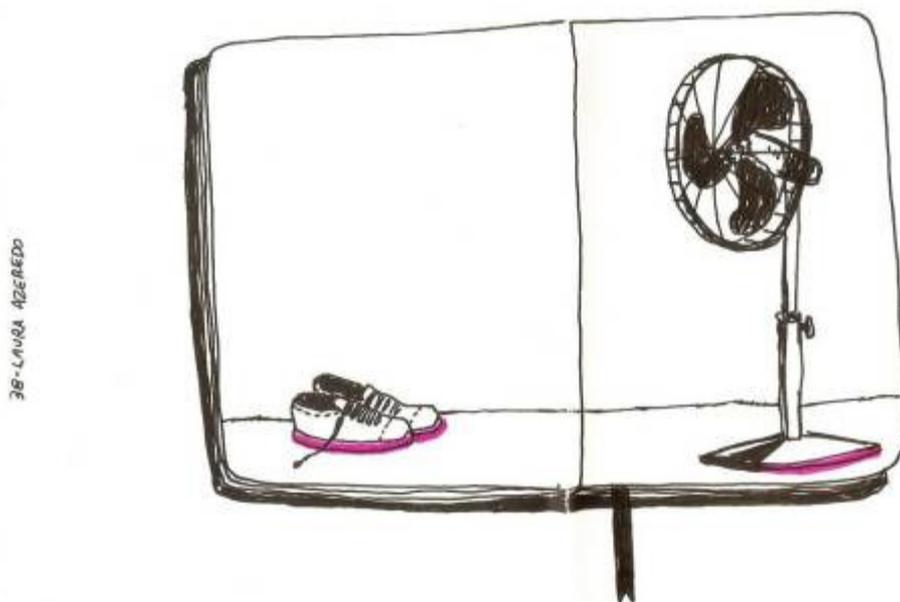
Boa noite querido!

E valeu por tudo! Beijo no coração” (CC, 2008, linhas 4259-4269).

⁵¹ “Hoje sou a mesma guria de 2003, com os mesmos valores que aprendi com meus pais e com o São João, porém com uma bagagem um pouquinho mais pesada. Experiências novas entraram e, graças à terapia, muitas saíram também! Sou fisioterapeuta, trabalho na área e amo minha profissão. Acho a vida linda e aproveito cada segundo dela.”

⁵² Em torno de 10% das cartas se perderam. A maioria delas não foi localizada porque alguns participantes da Dinâmica se mudaram e não me avisaram de seus novos endereços, como combinamos no momento de confecção das cartas, em 2003. Larissa foi uma dessas participantes. No dia do Reencontro, fizemos uma lista com alguns daqueles que não haviam recebido suas cartas até então, para ver se eu não receberia alguma em minha residência. Ao constatar que eu não havia recebido nenhuma daquelas, escrevi um e-mail (ANEXO III) para esses participantes que não receberam suas cartas.

Participante 18: Laura Azeredo⁵³



"Mas eu não quero me encontrar com gente louca!", observou Alice.
 "Você não pode evitar isso", replicou o gato. "Todos nós aqui somos loucos. Eu sou louco. Você é louca."
 "Como sabe que eu sou louca?", indagou Alice.
 "Deve ser", disse o gato, "ou não estaria aqui".

Querido Alex, essa já vem com um atraso, mas vem.

Acho que essa minha reação vai ficar um pouquinho diferente. Algum tempo já passou desde que chegou a carta, e hoje, obrigada e por vontade própria, aqui estou escrevendo meu email. Tenho que estudar mecânica, fazer meu anteprojeto e ler um livro pra história da arquitetura. Mas isso pode esperar.

Assim que sentei aqui, lembrei de um caderninho que tenho desde a época do colégio. Eu, a Mimi⁵⁴ e a Clá⁵⁵, pelo menos que são as que eu lembro, que tinham sua fixação própria pelo seu caderninho. Conto com ele pra me ajudar a refazer todo esse sentimento.

Bom, vamos lá. Sobre a carta num geral, ela foi bastante curta e definitiva. Nela consta alguns corriqueiros desejos: faculdade, namorado, felicidades, etc. Mas o que mais me chamou a atenção foram duas coisas: minha caligrafia, que como disse a

⁵³ "Meu nome é Laura Azeredo, tenho 24 anos e estudei no colégio São João dos 5 aos 16 anos de idade. Atualmente, já sou quase arquiteta, cursando o 9º semestre do curso de Arquitetura e Urbanismo na UFRGS."

⁵⁴ Camila Domingues.

⁵⁵ Clarissa de Souza Carvalho.

Clarí⁵⁶ no reencontro, 'parecia mais calma e com menos pressa', e uma lista. Uma lista onde constavam as pessoas que eu mais gostava e convivia todos os dias e dela que extraí minhas principais conclusões sobre o que eu sinto. Nela, há nomes de pessoas que nem sei onde andam. Outras, que naquele mesmo dia deviam saber todos os meus segredos, mas que hoje, não sabem nem mais meu endereço. Há também, as que eu menos imaginava que seguiria na vida como seguiram, a exemplo dos guris, que na época eram do terceiro ano, mas viviam aqui em casa. Eles se tornaram meus grandes amigos, aqueles que eu vejo hoje em dia todo final de semana e que se preocupam comigo e me preocupo com eles. Há um mês, fui na formatura do C.. Lembro que o conheci quando eu tinha uns seis anos e ele oito. E lá estava eu vendo ele se formar, tirando fotos com a família dele (que são super nossos amigos) e pensando que conheço aquele cara e os outros ali presentes há muito mais tempo que não os conheço. Foi engraçado ir conferindo nome por nome dessa lista e analisando meu relacionamento com cada um deles. Outros nomes, muito importantes pra mim hoje, não constam. Principalmente da Ane⁵⁷, que só fui "conhecer" no ano seguinte e que muitos dos nossos amigos não acreditam que somos fruto de uma amizade tardia, e sim que parecemos que crescemos juntas. Já a R., por exemplo, consta nessa lista, mas na época tínhamos deixado de ser muito próximas, mas no terceiro ano voltamos a nos re-perceber. Nesse mesmo dia que recebi a carta, a mãe achou um livrinho da 1ª série, onde cada um escreveu seu textinho e o da R., minha primeira e grande amiga do São João, tinha escrito: "tenho 5 anos e quando crescer vou ser dentista". Hoje, me sinto realizada cada vez que ela aparece aqui em casa toda vestida de branco, sempre sorrindo, me mostrando os materiais dela e contando sobre as cirurgias (que eu nunca quero ouvir! hahaha). A Mimi também consta na lista, grande amiga do peito, aquela que a gente se entende só com um olhar. Estávamos no auge do SPAR, e lendo aquela carta me fez lembrar o quanto eu era feliz e sabia. Sempre comento com a Mimi quando quero descrever uma sensação boa: "é como tirar os tênis e deitar embaixo do ventilador da pastora⁵⁸". Ah, que saudades tenho daquele carpete.

Não sei bem se fiz minha lição direitinho, mas era o que eu tinha pra dizer. Queria dizer pessoalmente eu acho, sentada nos banquinhos da Quinta⁵⁹ vendo o sol nascer comendo bergamota⁶⁰ ao teu lado. Tenho uma foto lá de nós dois, tu me carregando no colo, e lembra, eu te carregava também!! ahaha acho que isso é o mais especial entre nós, sempre me senti no teu colinho e espero que tu te sintas assim também.

Um beijo com saudades,

Lala" (CC, 2008, linhas 5602-5664).

⁵⁶ Clarissa Lorenzini.

⁵⁷ Anelise Valls.

⁵⁸ Sala de Dinâmica de Grupos, onde geralmente eram realizados os encontros dos Grupos de Jovens do Colégio.

⁵⁹ A Quinta São José é uma Casa de Formação pertencente à Rede La Salle, localizada em Nova Santa Rita / RS. Nesse local, foram realizadas inúmeras atividades como retiros e encontros de formação com os alunos do Colégio.

⁶⁰ A turma da Laura Azeredo, durante um Retiro realizado por ocasião da despedida dos alunos da escola, em 2004, plantou uma bergamoteira na Quinta São José. Durante o inverno, os alunos desta turma costumavam levar bergamotas para a sala de aula. Durante o ritual de plantio da bergamoteira, combinou-se de lermos as Cartas da Dinâmica embaixo dessa árvore, comendo seus frutos, em 2008. Isso não aconteceu como planejado.

Participante 19: Leonardo Gonçalves⁶¹



“Alex,

Recebi a carta hoje e quero lhe contar como foi viver essa experiência. Comecei a ler e já fiquei arrepiado com as primeiras frases. Logo no final do 1º parágrafo já estava chorando e rindo ao mesmo tempo. Estava adorando aquilo tudo e não tinha a menor chance de parar. Penso que dez páginas teria sido ótimo e ficaria lendo sem parar também, mas só tinha uma. Fiquei satisfeito, aquela página já dizia muito sobre mim.

Interessante que muita coisa que escrevi, e eram apenas sonhos naquela época, aconteceu e estou vivendo ainda hoje. Outras não, mas fico feliz do mesmo jeito em descobrir o quanto minha cabeça mudou e amadureceu, e que a vida é realmente uma caixinha de surpresas. (detalhes lhe conto no Reencontro no São João, senão o email fica muito grande)

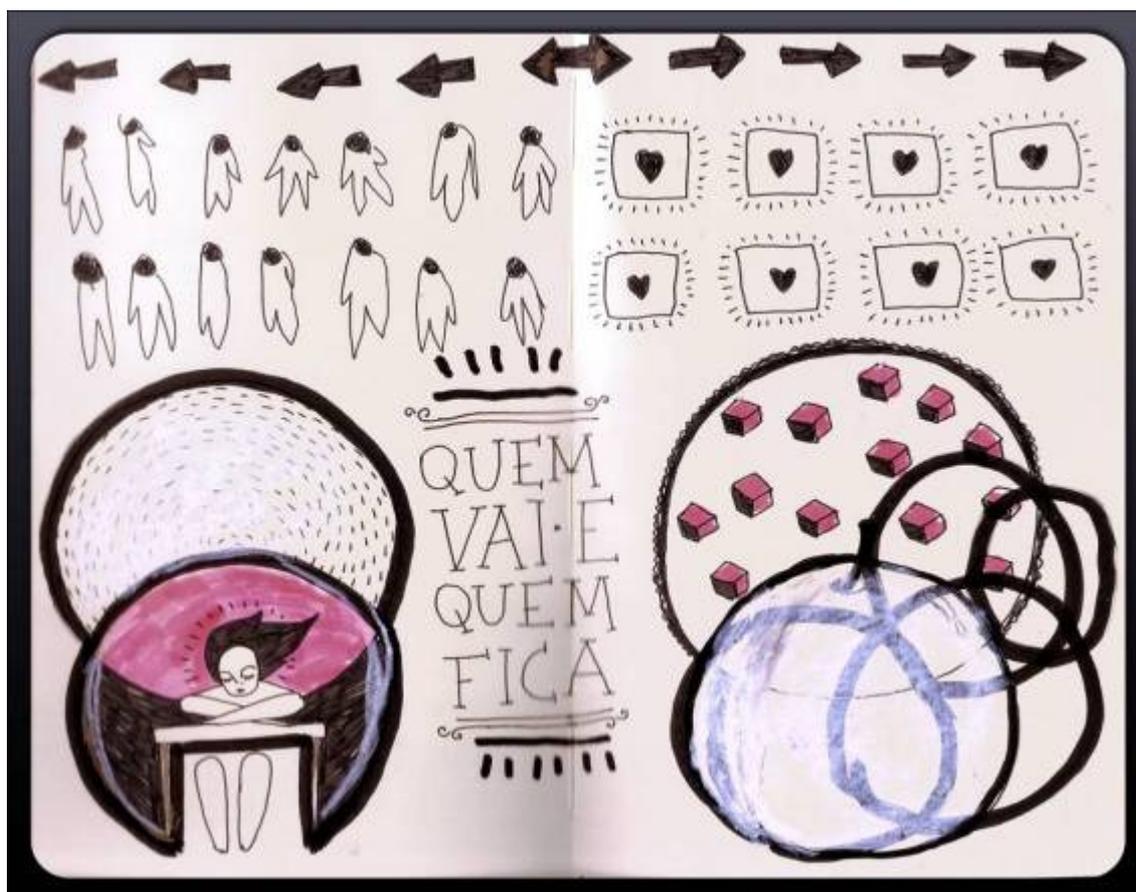
Em resumo, foi uma experiência que me marcou muito e fico muito grato em você ter me possibilitado viver isso. Bom, termino aqui meu email e vale dizer que foi um prazer muito grande escrevê-lo.

Nos vemos em breve, Grande Abraço,

Léo (Leonardo Gonçalves)” (CC, 2008, linhas 997-1025).

⁶¹ “Meu nome é Leonardo Gonçalves, tenho 25 anos e trabalho com consultoria empresarial. Possuo formação em Administração de Empresas e me interesso em temas como filosofia, história, política, arte e ciência. Eu me considero um cara feliz. Possuo sonhos grandes e sorte de ter pessoas que me ensinam a trilhar esse caminho.”

Participante 20: Letícia Festugato⁶²



“Olá, Alex ! Tudo bem?”

Acabo de abrir a carta de cinco anos atrás. Lembro-me que no dia que sugeriste a dinâmica, você levou para a nossa turma alguns e-mails de antigos alunos. Naquele momento pensei se um dia seria alguma daquelas pessoas que saíram da escola para construir uma vida repleta de realizações. Hoje, posso dizer que sou mais uma dessas ex-alunas que lendo a minha carta descobri que não devemos planejar muitas coisas em nossas vidas, e sim deixar que elas se concretizem no seu momento certo. Muitas coisas mudaram nesse período, como vários amigos daquela época deixaram boas recordações, mas conheci muitas pessoas queridas que são ótimas companhias. Também, naquele ano imaginava envelhecer junto a uma pessoa, porém, hoje essa não faz mais parte dos meus sentimentos. Ainda não consegui realizar o meu maior sonho, entrar na faculdade de medicina, mas esses anos de intensos estudos criei maturidade e coragem de ir em busca dos meus desejos, por isso acredito que estou cada vez mais perto de conquistar essa vitória.

Alex, lendo a carta percebi como a vida é maravilhosa. Pois, quem não descobriu isso é porque não teve a oportunidade de tirar momentos para conversar consigo mesmo. Lendo a minha carta acredito que todos os dias vivenciamos diferentes sensações, sejam intensas ou não, que nos proporcionam a criar uma

⁶² “Hoje eu me defino com um slogan: MOVIMENTE-SE. A vida tem me proporcionado viver momentos incríveis. Momentos que fazem cada dia eu ser uma Letícia mais sonhadora e, principalmente, capaz de aprender o sentido de viver feliz.”

história de vida repleta de emoções, realizações, expectativas, sonhos e quem sabe frustrações.

Bom, com certeza estarei no reencontro para ver todos que fazem parte das lembranças ótimas que vivi há cinco anos.

Saudades,

Letícia Festugato” (CC, 2008, linhas 326-353).

Participante 21: Luana Barth⁶³



“Alex,

Fiquei feliz por me "Reencontrar" e ver que minha essência continua a mesma... Determinada, alcancei os meus objetivos da época e fui além do esperado, o que me deixa feliz! Saudades dos velhos tempos... Mas eu não voltaria atrás, pois acho que vivi todos os momentos da minha vida intensamente! Obrigada pela oportunidade! Foi muito interessante a sensação que eu tive...

Um pouco inspirada no teu projeto, ano passado tive oportunidade de retomar esse movimento sob outra perspectiva na escola onde trabalho. Como deves saber, atualmente sou professora do La Salle São João, a escola onde estudei desde os meus três anos de idade. Minha paralela, Priscilla Pitta, sugeriu que fizéssemos uma Cápsula do Tempo com os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental e essa experiência logo me remeteu às cartas e epitáfios que fizemos. Ainda não tivemos o retorno, pois iremos desenterrá-las em outubro com as crianças que foram nossas alunas em 2010 e enterraremos as cápsulas de 2011. Aqui está o a matéria sobre nosso trabalho no site do colégio:

⁶³ “Eu sou professora do terceiro ano do Ensino Fundamental no Colégio La Salle São João, colégio em que estudei desde os três anos de idade e ao qual acabei retornando para exercer minha profissão. Amo meus pequenos e o que faço!!!”

<http://www.lasalle.edu.br/saojoo/galeria.php?id=2466>

[Instituição](#)
[Rede La Salle](#)
[Estrutura Organizacional](#)
Ensino
[Projeto Pedagógico](#)
[Níveis de Ensino](#)
[Calendário Escolar 2011](#)
Estrutura
[Biblioteca](#)
[Laboratórios](#)
[Esportes](#)
[Salas Especiais](#)
[Outros Espaços](#)
[Segurança](#)
Serviços
[Direção](#)
[Supervisão Administrativa](#)
[Supervisão Educativa](#)
[Associações](#)
[Convênios](#)
[Livreria e papelaria](#)
[Aluno Lassalista](#)
[Calendários e Agendas](#)
[Entrega de Avaliações 1º](#)

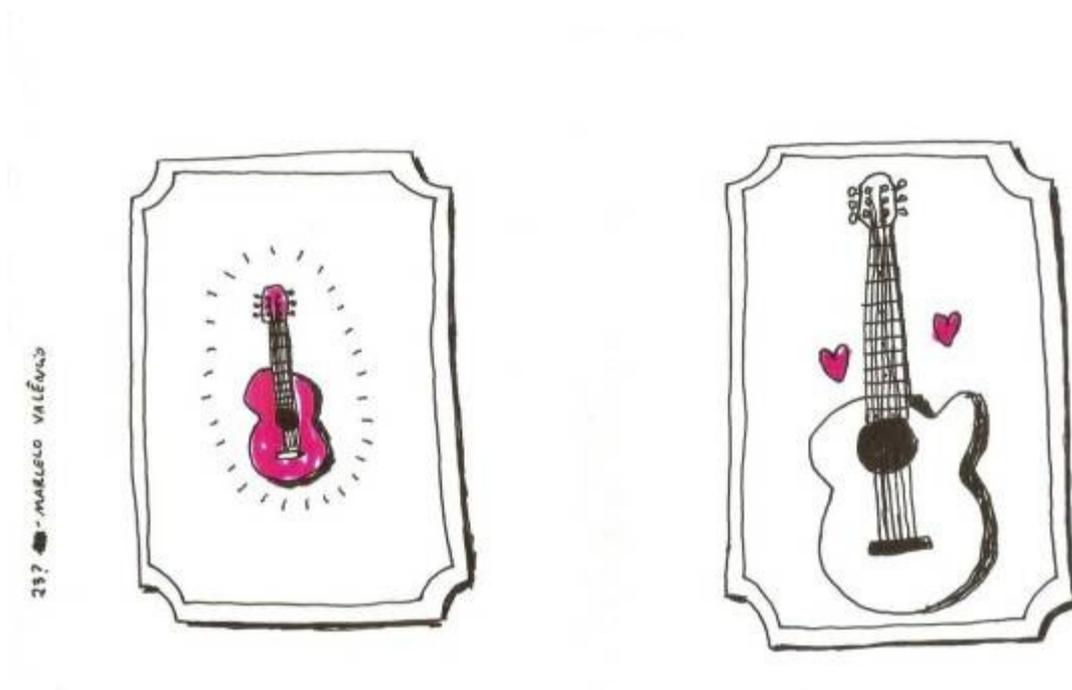



14.10.2010
Turmas 132 e 133 enterram a Cápsula do Tempo
 Alunos da 3ª série criaram uma capsula do tempo contendo seus desejos para o próximo ano. Os bilhetes foram colocados dentro de uma garrafa pet, que foi enterrada no jardim da Escola. Daqui um ano, os alunos irão desenterrar as garrafas e rever seus desejos.

Estou ansiosa para vivenciar isso de um outro ângulo, poder sentir o mesmo que o tu sentistes anos atrás quando nos proporcionou esse reencontro entre o ser de hoje e o ser de cinco anos atrás, e que hoje resultou a tua tese.

Abraço, Luana” (CC, 2008, linhas 2276-2305).

Participante 22: Marcelo Valêncio⁶⁴



“E aí Alex!

*Que beleza mesmo voltar no tempo até 2003, só que com algumas evoluções pessoais e profissionais da galera. Legal que gostou do CD!*⁶⁵

Sobre a carta, achei muito interessante a mensagem que ela nos traz... Faz estabelecermos uma comparação com o hoje e o ontem que seria em 2003. Cara, achei demais mesmo, a mudança da minha vida, me tornei homem, comecei a trabalhar de verdade, até comecei a cantar depois da carta escrita, passando por lugares e situações que a minha cabecinha na época não imaginava acontecer. Foi muito bom esse lance da carta, por mim eu faria novamente pra daqui uns cinco ou dez anos, até pra não perder o vínculo com os colegas.

⁶⁴ “Depois de todo esse tempo após a escrita da carta, eu continuo o mesmo, porém mais evoluído. Sonhamos com inúmeras situações pro futuro, mas que talvez metade delas seja mais sonhadora que real... Mas vale a pena sonhar. Hoje continuo meu sonho. Sou formado em música e tenho uma carreira artística, batalhando muito e seguindo sempre em frente pra mostrar a minha verdade através das canções que faço com o coração. Vou aprendendo com a vida e percebendo que não importa pra onde vamos e o que adquirimos... o que realmente importa é o que fazemos e o que sentimos. A vida tem uma eternidade de caminhos diferentes, a cada ‘Sim’ ou a cada ‘Não’ recebido em nossa caminhada, leva-nos a novos outros destinos e ciclos de vida. Nunca podemos perder a nossa essência e nossas paixões, embora, às vezes, não consigamos fazer tudo o que realmente queremos, mas tentamos e tentamos muito, para que um dia possamos nos sentir a pessoa mais feliz do mundo.”

⁶⁵ Marcelo Valêncio me presenteou no Dia do Reencontro com um CD de seu trabalho como músico.

Alex, um grande abraço meu velho! São pessoas como tu que fazem a diferença na formação educacional das pessoas! Pessoas simples que trabalham de coração.

Sucesso na vida, no que precisar sabe onde vou estar” (CC, 2008, linhas 3970-3988).

Participante 23: Marcos Vinícius Vidor⁶⁶



“Alex,

Mando uma mensagem pra falar um pouco do por onde anda minha mente, já que há algum tempo não pratico esse exercício. Na verdade, espero que venha a calhar, pois venho pensando muito sobre a educação.

Neste semestre tive problemas com as provas finais. Por causa da cirurgia no joelho (Castigo)⁶⁷, tive que fazer algumas provas atrasadas. Foi uma confusão muito grande. Chegou ao absurdo de me ligarem em um belo dia de sol, às 14h05min, me avisando que uma prova minha tinha sido marcada para às 14h. Eu, com a minha revolta desbocada, porém muito mais madura, tentei mostrar para a moça da secretaria que aquilo era totalmente inviável, durante uns 10 minutos ela tentou reforçar a ideia, mas por fim desabafou que era só a pessoa para quem mandaram entregar um recado. Pois bem, disse pra ela que, portanto, me deixasse falar com um superior. Cinco minutos depois me ligava uma mulher. Expliquei a situação, o que, no caso, ela já conhecia, pois havia sido ela a autora da tragédia. Fiquei mais de 20 minutos mostrando para aquela senhora que aquilo não era possível, que eu havia entregado os meus pedidos com muita antecedência. Tudo o que eu ouvia era que aquele era o horário que havia sido estipulado e que comparecer ou não era escolha

⁶⁶ “Hoje resolvi pagar os meus pecados como vestibulando de medicina.”

⁶⁷ Durante dois meses no ano de 2006, Marcos Vinícius Vidor morou comigo no interior de Moçambique, onde trabalhávamos com formação de professores e estudantes. Castigo era o nome de um estudante moçambicano que, durante uma partida de futebol, lesionou seriamente o joelho de Vidor.

minha. E isso em última hipótese, depois de ela tentar mostrar por diversas vezes que eu havia cometido algum erro, enquanto eu refutava cada tentativa. Por fim, quando ela ameaçava desligar dizendo que tinha outras coisas pra fazer, disse a ela que aquilo era muito injusto, e como resposta obtive um "É". "Como 'É'? Se é injusto então não podemos deixar assim, senhora". "Vou ter que desligar, você vai me desculpar, mas tenho algumas outras pessoas pra atender". E com esse tiro de hierarquia se encerrou a nossa conversa.

Na metade do ano passado li um livro que trouxe um "cair de ficha" estonteante. "A História da Educação na Antiguidade" era o nome. Apesar do título, o meu aprendizado com o livro só tem a ver com a antiguidade se vista no todo. Dizia o autor que a educação é um fenômeno "pós-sociedade", de modo que só depois de a sociedade ter estabelecido seus valores é que a educação se estabelece, de forma que seja ela a encarregada de introduzir seus 'jovens' nesses valores. Claro! Como nunca tinha pensado nisso! Acontece que o que comecei a observar a partir desse novo paradigma foi estranhamente desapontante. Pra começar, lição 1, injustiças serão toleradas, mesmo que escancaradas. Lição 2, a verdade ou as regras não nascerão do diálogo, da pergunta. Alguém a decidirá, alguém em quem não podemos chegar, pois a secretária pode me passar para a sua chefe, mas ela já não tem como me passar para o diretor da pró-reitoria de graduação. Claro que eu poderia listar outras mil, mas enfim... A partir desse novo paradigma eu não esperava encontrar uma educação cheia de saúde, como tu deves imaginar. Mas o que eu vi foi talvez real demais. Muito cru. Re-enxerguei todos os anos de colégio, revi todo o movimento desrespeito ao qual fui submetido. Não falo de desrespeito em tom de queixa, mas no sentido de que não fui enxergado, fui hierarquizado e inferiorizado. Talvez isso soe egoísta demais, mas espero (do verbo "sei") que entenda(e) que está muito além disso. O fato é: Nós presenciamos um modelo de educação no qual eu sou o burro. Ora, eu não sou burro!

Acho que o maior demônio que tenho enfrentado é tentar enxergar mais à fundo a natureza humana. Às vezes me fascina. Às vezes me dá nojo, ânsia, impotência ao quadrado. Sigo tentando ser apaixonado, mas esse não me parece ser um estado que surja artificialmente. Tenho sorte, sou apaixonado! Revelo-me ao olhar de uma criança, por exemplo. Tenho fé no mundo, ainda que balance mesmo ao estar escrevendo isso. Li no começo deste ano um livro chamado "A Educação Para Além do Capital". István Mészáros fala nele sobre todas as suas ideias e impacta: "As soluções não devem ser formais, elas devem ser essenciais"! Talvez... Mas como?

A onipotência era a essência mascarada da minha adolescência. "Tu muitas vezes vai se sentir impotente perante isso tudo". Escolheu bem as palavras ao colocar o anel de tucum no meu dedo, por mais singelo que tenha sido o gesto.⁶⁸ Hoje, por mais que meu "sobretudo creio que no todo esta perdido"⁶⁹ não ecoe com tanta força, eu já esperava por isso e, desse jeito, acaba por soar como maturidade.

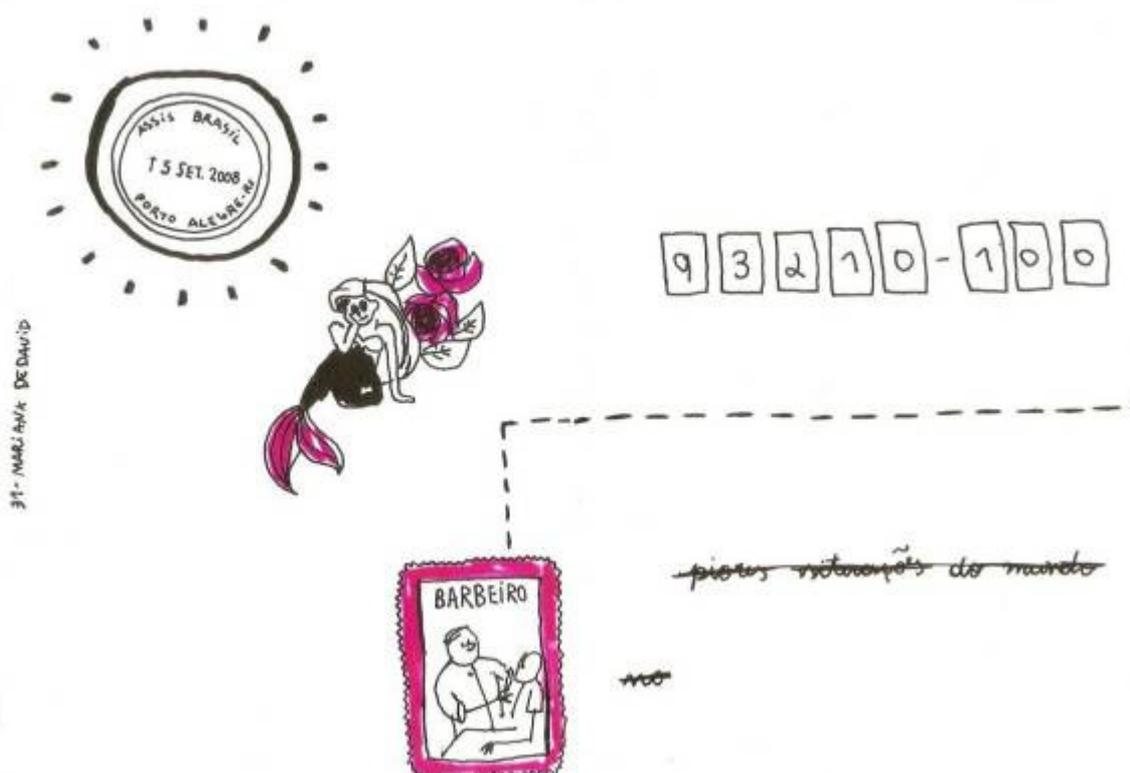
Grande abraço,

Vidor" (CC, 2008, linhas 5287-5363).

⁶⁸ Vidor se refere ao ritual de colocação do Anel de Tucum. O Anel de Tucum significa, para muitos movimentos populares e Pastorais Sociais, inspirados na Teologia da Libertação, um compromisso de Opção Preferencial pelos Empobrecidos. Participar deste ritual era opcional àqueles que participavam da Pastoral da Juventude Estudantil do Colégio. Na referida cerimônia na qual Vidor participou fui seu "padrinho" e proferi as tais palavras por ele lembradas.

⁶⁹ Referência à canção "Al outro lado del rio", de Jorge Drexler, que ganhou o Oscar de melhor Trilha Sonora no Filme "Diários de Motocicleta".

Participante 24: Mariana de David⁷⁰



⁷⁰ “Chamo-me Mariana Dedavid, gosto muito de viver, admiro a vida e sou feliz por tem sido abençoada com uma família linda, amigos, e saúde! Amo aprender e pensar o quão pequenos somos diante da grandeza da natureza. Gosto do mar e da força que ele me transmite, amo o mato pela tranquilidade e sinergia que ele me passa.”

Remetente Mariana Deolinda Silva
 Endereço Dom Augusto de Souza, 308
 91350-000 Porto Alegre / RS
 Brasil

9 3 2 1 0 - 1 0 0

RPC

Alexandro Machado
 Rua Dr. Lauro Dondonis, 1017
 Sapucaia do Sul / RS





Prof. Alex

Infelizmente não recebi minha cartinha...
 Fiquei chateada até que procurei minha agenda da época e fim de vergatar algumas lembranças e imaginar o que estava escrito na carta.
 Profissionalmente, mudei totalmente o meu "rumo", quero ser arquiteta aos 15 anos me imaginei projetando ambientes e os decorando. Por 3 anos acreditei nisso, tentei duas vezes passar na UFRGS e não fui bem sucedida em minhas tentativas - ainda bem! - um janeiro de 2007, comecei a trabalhar pela primeira vez, eu era a "pessoa de ajudar?" em uma agência na Pretaria, AMEI, foi muito bom me sentir "inserida" dentro de um grupo, uma empresa, amava lidar com o público e atender minhas "vizinhas" e "vizinhos", aprendi a ser mais tolerante, já não podia ser mais tão "respondeona" como costuma, impulsiva representava uma entidade e tinha responsabilidade. Gostei tanto que depois que acabou meu contrato, comecei a estudar para o concurso do Banco, vou abrir dois "parenteses" na minha história em 2006 eu fiz um "workshop" numa aula de gastronomia, amei aquele ambiente, perguntei sobre o curso profissionalizante deles e ficaram de me ligar um janeiro de 2007 para quem sabe eu fazer o curso. O outro é que no verão de 2007 eu conheci um cara no praia que por algum motivo - imbecil - qualquer eu achei que ele fosse O CARA, e ele foi morar no Canadá. Voltando então daí vi que nada tinha de ver comigo esse vida regrada e pacata de bancário, fiquei meio sem

libra



"era e nem beira" como se diz por aqui estava me sentindo inútil, sem rumo e num instante entra um cara - o cara que foi pro Canadá, Maurício o nome dele, começamos a nos falar todos os dias, via internet e/ou ele me ligava. Foi então a possível resolução de todos meus problemas no idio que ele disse que arranjaria com os custos da minha viagem, o encontro dele.

Comencei a providenciar tudo passaporte, cursos, passagem o único detalhe que eu não tinha - coragem de vender era avisar meus pais dos meus planos, até por que qualquer pessoa em sua consciência não me impediria de embarcar nessa loucura, vivei com uma pessoa que eu tinha visto uma vez na vida... Bom, um meio a isso o pessoal da escola de gastronomia me liga, dizendo que em agosto de 2007 começaria uma nova turma do curso de cozinheiro. Quando falei para minha mãe dos planos de viagem ela disse que NÃO! ainda bem... Ela me apoiou me histórico do curso de cozinheiro, achou o máximo, falamos com meu pai ele foi meio relutante no começo achava que eu deveria fazer a faculdade de gastronomia, mas não um curso técnico, mas enfim acabou cedendo fiquei muito feliz pois eu tinha novamente um "Norte" e o melhor meus pais amaram a ideia do curso.

Fiquei muito feliz cheio de expectativas, na cozinha a realização de um sonho, descobri que era era a profissão com que eu sempre sonhei, vaguei criatividade muito amor e dedicação e o resultado - o prato montado - é "rápido" de ver visto.

Ano todas as cores, aromas e





trabalhei, aprendi para o que se chama Patisserie
 que na cozinha e não na tradução literal e
 a pessoa encarregada dos doces meu mundo tem
 gosto de chocolate, aroma de baunilha e colorido com
 muitos confeitos... Durante esse período minha vida
 pessoal, afetiva, não foi muito animadora, depois de
 uma mega depressão aos 16 anos, vi meu coração fechado,
 entrei na minha classe como foz a tartaruga,
 comeci aquele "yoquinho" de nada me abala e ninguém
 me descrevia que todo mundo após uma depressão
 acaba fazendo, conheci umas pessoas mas pelo medo
 de sofrer de novo não me envolvi totalmente, ou talvez
 elas não me "cativaram" tanto assim... Fui muito
 bem no curso e me formei com louvor, como vendedora
 de livros e como salaria destaque, fiz meu estágio
 obrigatório e depois aqui trabalhando ~~no~~ numa
 das melhores confeitarias de Porto Alegre, meu esforço
 foi reconhecido na escola e me propuseram um estágio
 na França, mais precisamente em Biarritz, cidade
 linda e litorânea do sudoeste da França. Nunca me
 enchi de expectativas fiquei tão feliz de mais vez tinha
 o apoio dos meus pais, por que eu jamais pensei que
 eles pudessem ter condições de arcar com os custos de
 uma viagem dessas, enfim eu ia viajar, morar fora
 do país, longe dos pais pensei que eu ia e nunca
 mais ia voltar. Sempre pensei que eu era super
 independente que não precisava de ninguém
 além de mim. O estágiouro de três meses
 a meu visto era de três meses, daqui eu
 pensava "ah vou renovar, eu fico ilegal
 mesmo mas fico na Europa até dezembro
 de 2008! Tinha um grupo de colegas



minhas, a Júlio e a Silvana que chegaram
 do dia 14/01/08, meu vô esse dia 14/02/08...

Antes do meu embarque, aconteceram algumas
 coisas que só me deixaram abaladas, minha vô paterno
 nem deu vela, para minha viagem vô me ligou no
 dia do embarque, sei que talvez eu nunca tenha
 feito nada para nos aproximarmos de fato nos meses
 toda semana mas a sempre meio "visito de médico"
 meo me cance. Fui um despedido para meus
 amigos sempre fui odiado de gente, na verdade sempre
 tive muitos amigos homens e no dia, eu que penso
 que não eram só penos, foram menos que do. Fui
 reavaliando minha atitude, de fato sempre fui meio
 arreia, meo fui com as penos não por maldade mas
 não "talvez medo? Quanto aos meus amigos penso que na
 verdade eles se aproximam mais com algum interesse
 do tipo "ficar" comigo, de que algum afeto... A Europa é
 linda! Provou um vinho! O chef da cozinha nos esperou,
 eu, a Nath e a Itali, ele era brasileiro e nos pensamos
 que por isso as coisas seriam mais fceis, grande engano.

Quando eu entrei no restaurante a Silvana me abraçou
 e me disse "bem-vinda ao inferno", balancei. Tive
 que morar uns dias com a Silvana e a Júlio, confesso
 que não simpatizei com o chef e senti que ele ~~me~~
 também não goste muito de mim, algo nos separava e
 eu não sabia o que... Na primeira semana eu estive
 muito bem no trabalho, mas a Silvana viveu
 reclamando do vido, que aquele era um inferno
 e confesso que os pensamentos dele começaram a
 me contornar, a cidade era pequena na e
~~teve dificuldade~~ tudo fechava cedo, teve
 difícil falar com minha família





minha mãe tava no praia e por causa do fusão
 nem sempre eu conseguia falar com meu pai. Então
 o chef, o Marcello virou meu "pai" durante o resto do
 mês, cheguei a pensar em falar com ele, para quebrar
 esse aquele "barreira" que existia entre nós, mas não me
 sentia segura para uma conversa, por que no 1º dia o
 chef xingando, humilhando um funcionário e se ele
 tivesse 1/3 do que ele disse pro funcionário pro mim,
 eu me acerta eu não teria suporte para aquecer, então
 fui adiondo a conversa... e me sentindo mal, mal, mal
 emagreci 5kg ou 6kg em 15 dias, não tinha vontade de
 comer, viver, trabalhava me arrastando, queria me mudar
 a companhia da Silvana não me fazia bem de fato! Fui morar
 com a Taci e a Nath, eu pensava todo dia em voltar pro casa,
 mas não fiz isso por que não tinha forças e também não
 que decepcionar meus pais... As coisas melhoraram um pouco depois
 que eu me mudei, no restaurante tinha um garçom muito
 bonito, e o Marcello fala pro nós cuidarmos com os franceses
 por causa do forma das brasileiras, mas disse que se tinha
 duas coisas que NÃO poderíamos fazer, usar cocaína e
 trabalhar virado bebida dos festas, eu olhei o garçom
 o nome dele era Pascal, mas como o dono também é Pascal,
 todo mundo chamava de petit. Trocamos os olhos e eu
 sabia que mais cedo ou mais tarde vamos acabar nos
 aproximando, eu gostava dele um nem se menos conhecer
 ele era tradicional, todos domingos o pessoal do cozinha
 quando acabava o trabalho vamos duzentas
 e beber num bar da cidade, lá eles fecham as
 duas do manhã, fui eu e todas e as amigas
 e quando fechou a julho, mais vomo num
 lugar que o petit vai lá! Fugui muito
 impolgada, por que tava muito carunta

libra



chegamos no Boate e ele tava lá, chegou
 junto com a gente, lindo como sempre! Bebemos
 bebemos e bebemos, daí ele meio que começou a se
 jogar para todas as brasileiras... Até que ele beijou
 uma outra menina na nossa frente, penici, puta! perdi
 minha chance as garotas, porém embora e eu fiquei
 do que muito ele, ele meio fala comigo e eu fiquei
 - conversei roboros em inglês - ele me convidou para dormir
 na casa dele, eu meio relutei por que ele falou pra
 mim que queria transar comigo, e eu falei que jomais
 faria aquilo com ele no vdo - ah sim, agente já tinha
 ficado durante esse tempo - fui pro casa dele e
 surpresa! ele me cuspiou muito não tentou nada!
 idormi a lado - do não penso ai que romantica ele tava
 bebado e por isso não fiz nada, mas não foi bem assim -
 no outro dia me acordou com beijos me dizendo: "
 Bonjour, ma passion!" pronto ali a paixão terminou
 de nascida, fiz ele jurar que não contaria nada aos chif
 nem pra ninguém no restaurante, bom no quem usava
 era o Lúcio, que morava com ele e que eu chorava
 de Resus - de Jesus um aspenhel - fiquei com medo
 mas ele não contou nada... uah como é bom gostar
 de alguém, acho que isso só aconteceu comigo do
 por que depois de anos eu abri meu coração, um
 da larca deixei ser contagiado por um sentimento
 maravilhoso, vários com os Beatles mesmo quando
 contavam "all you need is love". Fui me moti-
 vando a ficar, por ele. Quando dizem que
 a França é a terra do amor, não há duvidas
 que se for verdade, há um cosmos, como num
 magia que está sobre aquele lugar.
 Entre e lá tinha muitos prestadores





e alguns defeitos com cartiza, mas eu estava me permitindo, sempre falei para minha psicóloga logo que eu tinha muitos critérios e que ninguém os preenchia e ela tentava me mostrar que eu deveria esquecê-los. Meu petit jozjo coisas pra mim que são em filmes, até o romantismo que eu achava que era bobagem, coisa de gente de lá eu parei a valorizar. Bom no trabalho as coisas não são de mal o pior, por que a Silvana falava mal de mim para o chefe, inventava coisas e o Marcello que não gostava de mim, a cada dia gostava menos até o dia que ele conseguiu o que queria descobriu que eu nomeava o Pascal e me mandou embora na verdade, praticamente me expulsou do restaurante. Bom, parei pelas ~~para situações do mundo~~ mais diferentes situações que eu pensei jamais passar...

~~Re~~ Reminindo parei dois meses na França mega-intensos que para mim foram dois anos de aprendizado e realizações. Com cartiza, quando eu usava minha carta o 5 anos atrás eu jamais pensaria que minha vida fosse dar esse rumo, ter mudado a visão do prof não não é nada, mudaram alguns valores e conceitos...

Nunca até então eu abraçava e beijava minha mãe repentinamente, hoje faço isso todos os dias, bi que eu não vou nada um a minha família e o mais importante tem que se falar para as pessoas o quanto elas são importantes e o que elas significam. A maniana de cinco anos atrás pensava um ser uma arquiteta, magra, cabelo maravilhoso, ouca, não queria ter filhos que achava mega independente... A Mariana de hoje é cozinheira, ainda quer umagrecer, mas hoje é moana, e quer

libra



filhos um amor pra vida toda, vale o quanto preciso dos pais e de todas as pessoas que vivem no mundo. Tá vindo de vez mais ovel com todas as pessoas, não quer ser só um corpo mas um alma. A vida é boa a gente que não sabe viver, mas quando a gente valoriza ele e os bons valores, aqueles "simples", ele contribui.

~~Quero me empenhar em algo, investir minhas energias em um projeto já tenho ele em mente fui "lapidada", quero pôr investir minhas energias, canaliza elas... O coração hoje sofre... é inerente vel não pensar no que deixei na França, foi tudo lindo perfeito - meu namorado - vou me empenhar em reencontrá-lo, ele tem planos de vir em dezembro. Mas não posso me alimentar só de ilusões, esperar ele e, vágame assim, me fechar para os outros possíveis namoros... É o filme da Edith Piaf, a quando pergunto qual conselho ele daria para uma mulher, uma adolescente e uma criança seria "aimer". Amor, sem medo sem vergonha, sem preconceito... Talvez minha vida mude totalmente, que os meus planos mudem, mas espero que esse meu pensamento sobre o amor não se perca. Mas uma coisa é certo, ~~esta~~ a vida tem planos pra nós, e quem fez isso é Deus, não sei, mas nada é por acaso e elas acontecem no seu tempo certo, e de modo que podemos aproveitar aquilo que até então passava "desapercibido"...~~



Participante 25: Mariana Rangel Bock⁷¹



“Sorrrrrr!!!

Que saudadess!! Irei certo no reencontro!!

Ah e o que dizer da carta... Bom foi bem estranho e ao mesmo tempo refleti de como somos bobos de achar que em cinco anos muitas coisas irão de fato acontecer. Ao ler a carta percebi de como ninguém é dono do seu destino, acho que quase tudo que eu "planejei" não aconteceu, os planos mudaram e tomaram outro em relação à minha carreira e vida pessoal, mas uma coisa que planejei está mais forte a cada dia...minha felicidade e minha vontade de fazer as coisas acontecerem!!!

Bom acho que era isso... o resto conversamos pessoalmente!!

Bjinhuss e até dia 21!!!!

Mariana Bock” (CC, 2008, linhas 903-914).

⁷¹ “Minha vida está sempre numa correria, não tendo muito o controle da situação, mesmo tentando ao máximo. Parece que as coisas não são muito fáceis pra acontecer, mas também nunca dá para desanimar! Depois de muita dificuldade, consegui me formar em administração. Poder dar esse orgulho para meus pais foi um grande peso tirado das costas. Trabalho no negocio da família e isso me realiza, pois me sinto mais útil e gratificada em poder crescer e crescer os meus.”

Participante 26: Mariane Amado de Paula⁷²



“Alex!! Quanto tempo, nossa eu acho que não te vejo desde o terceiro ano (2004)! Como tu tá? Eu fiquei sabendo que tu andaste pela África... Como tava a viagem?”

Recebi essa semana a cartinha que nós escrevemos há cinco anos. Primeiramente, gostaria de te agradecer por essa oportunidade ímpar que tu me proporcionaste de ter um (re) encontro comigo mesma. Ao ler a carta senti uma imensa saudade de tudo o que vivi naquele colégio, recordei cenas que já estavam adormecidas na minha memória, lembrei de projetos que já estão fora das minhas metas e amores que já são página virada na minha história. Mas também notei que alguns projetos eu concluí, como entrar para a faculdade que eu tanto sonhei (Medicina) e jamais perder o contato com as amigas que estavam sempre comigo na época do colégio.

O principal fato que eu não poderia deixar de comentar é a reaproximação com algumas pessoas que essa carta proporcionou. Devido a ela, essa semana eu procurei antigos amigos que tinha perdido o contato devido à falta de tempo, ou ao rumo que as nossas vidas tomaram ou por mera acomodação... enfim, os motivos são variados. Somente ao falar novamente com essas pessoas é que conseguir notar a enorme falta que eles me fazem e a absoluta necessidade de ter eles em minha vida novamente.

Essa carta me trouxe uma motivação para ir atrás de antigos amigos que perdi o contato e pretendo refazê-lo em breve! Também senti uma profunda saudade e uma ansiedade enorme para que chegue logo o dia 21/06. Conforme diz Neruda

*‘Só uma pessoa no mundo deseja não sentir saudade:
Aquele que nunca amou*

⁷² “Eu era aluna do segundo ano do Ensino Médio do LSSJ em 2003. Atualmente sou aluna do último ano da faculdade de Medicina da PUCRS.”

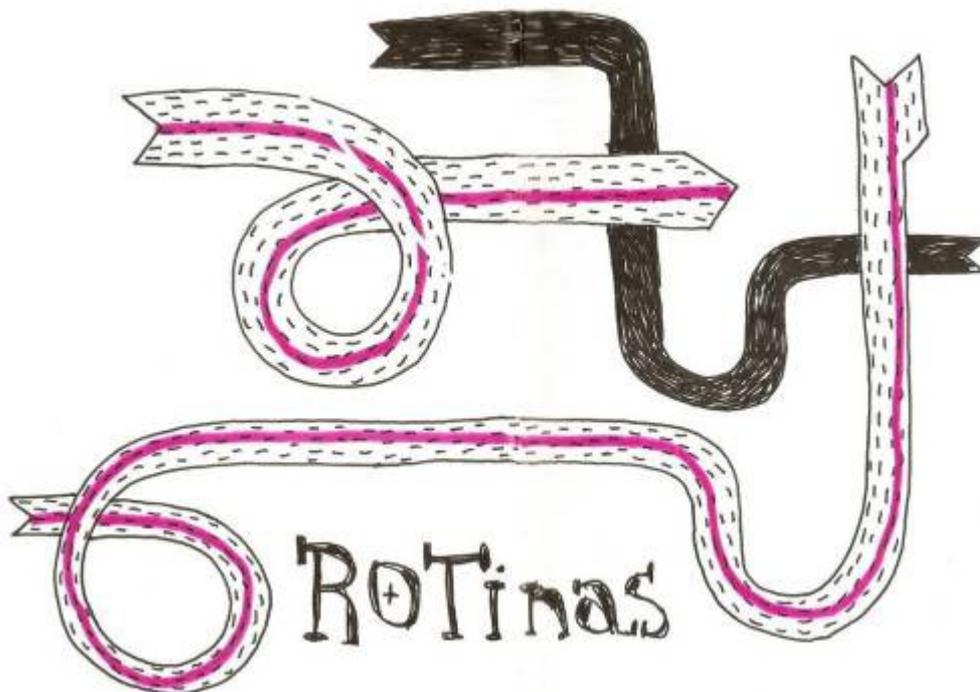
*E esse é o pior dos sofrimentos
Não ter por quem sentir saudades
Passar pela vida e não viver'*

Saudades de ti Alex! Nos encontramos dia 21!

Beijo, com carinho

Mariane Amado de Paula" (CC, 2008, linhas 936-967).

Participante 27: Melissa Martins⁷³



“Oi Alex,

Havia esquecido de mandar um email com a minha reação ao ler a carta, se ainda for válido, gostaria de relatar conforme tínhamos combinado.

Em primeiro lugar, queria te parabenizar pela dinâmica. Ela realmente foi uma ideia maravilhosa de provocar uma reflexão com nós mesmos e rever os amigos, além de percebermos o quanto a nossa vida se modifica em tão pouco tempo. Sonhos, amores, planos, tudo isso, que um dia foi tido com objetivo, hoje nem lembramos mais, ou então de vez por todas se concretizou.

Quando li a minha carta, confesso que me emocionei. Lembrei de como era a minha vida, de qual era a minha rotina, dos meus amigos de cinco anos atrás, das minhas preocupações, do meu jeito de pensar e olhar a vida.

Quanto ao reencontro, me surpreendi em ver todo o Ensino Médio do colégio reunido. Esperava encontrar apenas os colegas da mesma série, mas foi muito melhor do que isto. As atividades propostas, os discursos e os funcionários do colégio contribuíram para que o evento fosse ainda mais gratificante.

A recepção calorosa do coordenador de turno, Edson da Silva Jardim, e suas brincadeiras, ainda lembrando a principal característica de cada um, foi bastante divertido, fazendo como se estivessemos vivendo a época que escrevemos a nossa carta.

Amei de coração e quero me deixar à disposição para o que precisares com a tua tese de doutorado.

Um grande beijo, Melissa Martins” (CC, 2008, linhas 5396-5424).

⁷³ Nome fictício. Única dentre todos participantes voluntários que optou por utilizar um pseudônimo.

Participante 28: Nathália Vaz Andrade⁷⁴



“Alex querido!

Nossa, tu nem imaginas as reações que tive quando li minha cartinha. Chorei, dei risada e percebi que em cinco anos acontece tanta coisa!! Muita coisa na minha vida mudou, coisas que infelizmente não temos como evitar, coisas da vida mesmo ... Minha mãe ficou doente e ainda está se recuperando, meu pai passa por uma crise financeira, mas que se Deus quiser vai passar, minha irmã foi morar com a família em São Paulo, meu irmão mora em Joinvile e eu fui promovida recentemente na empresa onde trabalho (Stemac Grupos Geradores de Energia) a Assessora da Diretoria com apenas cinco meses de casa! Ah, e não poderia esquecer... Depois de algumas idas e vindas o namorado continua o mesmo, só não casei ainda, mas já estamos juntos há sete anos, uma história! Isso que estou te contando foi o flash que veio a cada linha que li da minha carta e hoje percebo que nem tudo parece tão fácil como a gente acha quando tem 15, 16 anos. Mas posso dizer que amadureci muito e ainda tenho sim muito que aprender. Estarei no reencontro dia 21/06.

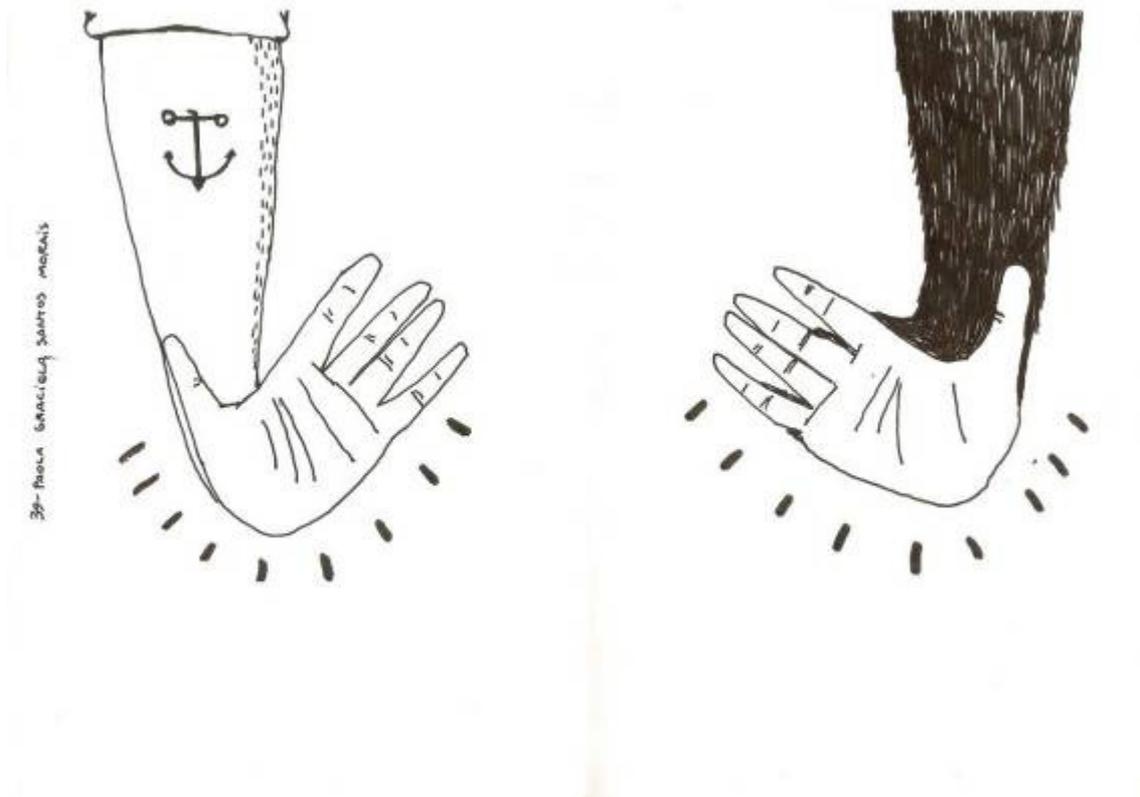
Saudades...

Grande beijo,

Nathália” (CC, 2008, linhas 1549-1567).

⁷⁴ Nathália hoje é secretária-executiva e continua vivendo em Porto Alegre. Sou citação favorita se refere a três regras simples: não prometa quando você estiver feliz, não responda quando você estiver irritado e não decida nada quando você estiver triste.

Participante 29: Paola Graciela Santos Morais⁷⁵



“Oi Alex,

Catando vídeos no youtube achei esse aqui.. lembra desse poema.. tu leste ele um dia no grupo de jovens... era final de ano!! Recordando momentos assim que eu não sinto a distância nem o tempo!!!

Beijocas na família toda!

Pá

<http://www.youtube.com/watch?v=HakV--x6LXM&feature=related>

Observação: o poema:

‘O guardador de rebanhos - VIII
Fernando Pessoa
(Alberto Caeiro)
 [213]

Num meio dia de fim de primavera
Tive um sonho como uma fotografia
Vi Jesus Cristo descer à terra,

⁷⁵ “Sou bióloga e pós-graduanda em Gestão Ambiental.”

Veio pela encosta de um monte
 Tornado outra vez menino,
 A correr e a rolar-se pela erva
 E a arrancar flores para as deitar fora
 E a rir de modo a ouvir-se de longe.

Tinha fugido do céu,
 Era nosso demais para fingir
 De segunda pessoa da Trindade.
 No céu era tudo falso, tudo em desacordo
 Com flores e árvores e pedras,
 No céu tinha que estar sempre sério
 E de vez em quando de se tornar outra vez homem

E subir para a cruz, e estar sempre a morrer
 Com uma coroa toda à roda de espinhos
 E os pés espetados por um prego com cabeça,
 E até com um trapo à roda da cintura
 Como os pretos nas ilustrações.
 Nem sequer o deixavam ter pai e mãe
 Como as outras crianças.
 O seu pai era duas pessoas –
 Um velho chamado José, que era carpinteiro,
 E que não era pai dele;
 E o outro pai era uma pomba estúpida,
 A única pomba feia do mundo
 Porque não era do mundo nem era pomba.
 E a sua mãe não tinha amado antes de o ter.

Não era mulher: era uma mala
 Em que ele tinha vindo do céu.
 E queriam que ele, que só nascera da mãe,
 E nunca tivera pai para amar com respeito,
 Pregasse a bondade e a justiça!

Um dia que Deus estava a dormir
 E o Espírito Santo andava a voar,
 Ele foi à caixa dos milagres e roubou três,
 Com o primeiro fez que ninguém soubesse que ele tinha fugido.
 Com o segundo criou-se eternamente humano e menino.
 Com o terceiro criou um Cristo eternamente na cruz

E deixou-o pregado na cruz que há no céu
 E serve de modelo às outras.
 Depois fugiu para o sol
 E desceu pelo primeiro raio que apanhou.
 Hoje vive na minha aldeia comigo.
 É uma criança bonita de riso e natural.
 Limpa o nariz no braço direito,
 Chapinha nas poças de água,
 Colhe as flores e gosta delas e esquece-as.
 Atira pedras nos burros,
 Rouba as frutas dos pomares
 E foge a chorar e a gritar dos cães.
 E, porque sabe que elas não gostam

*E que toda a gente acha graça,
Corre atrás das raparigas
Que vão em ranchos pelas estradas
Com as bilhas às cabeças
E levanta-lhes as saias.*

*A mim ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as cousas,
Aponta-me todas as cousas que há nas flores.
Mostra-me como as pedras são engraçadas
Quando a gente as tem na mão
E olha devagar para elas.*

*Diz-me muito mal de Deus,
Diz que ele é um velho estúpido e doente,
Sempre a escarrar no chão
E a dizer indecências.
A Virgem Maria leva as tardes da eternidade a fazer meia,
E o Espírito Santo coça-se com o bico
E empoleira-se nas cadeiras e suja-as.
Tudo no céu é estúpido como a Igreja Católica.*

*Diz-me que Deus não percebe nada
Das coisas que criou –
Se é que as criou, do que duvido –
Ele diz, por exemplo, que os seres cantam a sua glória,
mas os seres não cantam nada,
se cantassem seriam cantores.
Os seres existem e mais nada,
E por isso se chamam seres.
E depois, cansado de dizer mal de Deus,
O Menino Jesus adormece nos meus braços
E eu levo-o ao colo para casa.*

.....

*Ele mora comigo na minha casa a meio do outeiro.
Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava.
Ele é o humano que é natural,
Ele é o divino que sorri e que brinca.
E por isso é que eu sei com toda a certeza
Que ele é o Menino Jesus verdadeiro.
E a criança tão humana que é divina
É esta minha quotidiana vida de poeta,
E é porque ele anda sempre comigo que eu sou poeta sempre,
E que o meu mínimo olhar
Me enche de sensação,
E o mais pequeno som, seja do que for,
Parece falar comigo.*

*A Criança Nova que habita onde vivo
Dá-me uma mão a mim
E a outra a tudo que existe
E assim vamos os três pelo caminho que houver,
Saltando e cantando e rindo
E gozando o nosso segredo comum*

*Que é o de saber por toda a parte
Que não há mistério no mundo
E que tudo vale a pena.*

*A Criança Eterna acompanha-me sempre.
A direção do meu olhar é o seu dedo apontando.
O meu ouvido atento alegremente a todos os sons
São as cócegas que ele me faz, brincando, nas orelhas.
Damo-nos tão bem um com o outro
Na companhia de tudo
Que nunca pensamos um no outro,
Mas vivemos juntos a dois
Com um acordo íntimo*

Como a mão direita e a esquerda.

*Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas
No degrau da porta de casa,
Graves como convém a um deus e a um poeta,
E como se cada pedra
Fosse todo o universo
E fosse por isso um grande perigo para ela
Deixá-la cair no chão.*

*Depois eu conto-lhe histórias das cousas só dos homens
E ele sorri, porque tudo é incrível.
Ri dos reis e dos que não são reis,
E tem pena de ouvir falar das guerras,
E dos comércios, e dos navios
Que ficam fumo no ar dos altos-mares.
Porque ele sabe que tudo isso falta àquela verdade*

*Que uma flor tem ao florescer
E que anda com a luz do sol
A variar os montes e os vales,
E a fazer doer aos olhos os muros caiados.
Depois ele adormece e eu deito-o
Levo-o ao colo para dentro de casa
E deito-o, despindo-o lentamente
E como seguindo um ritual muito limpo
E todo materno até ele estar nu.*

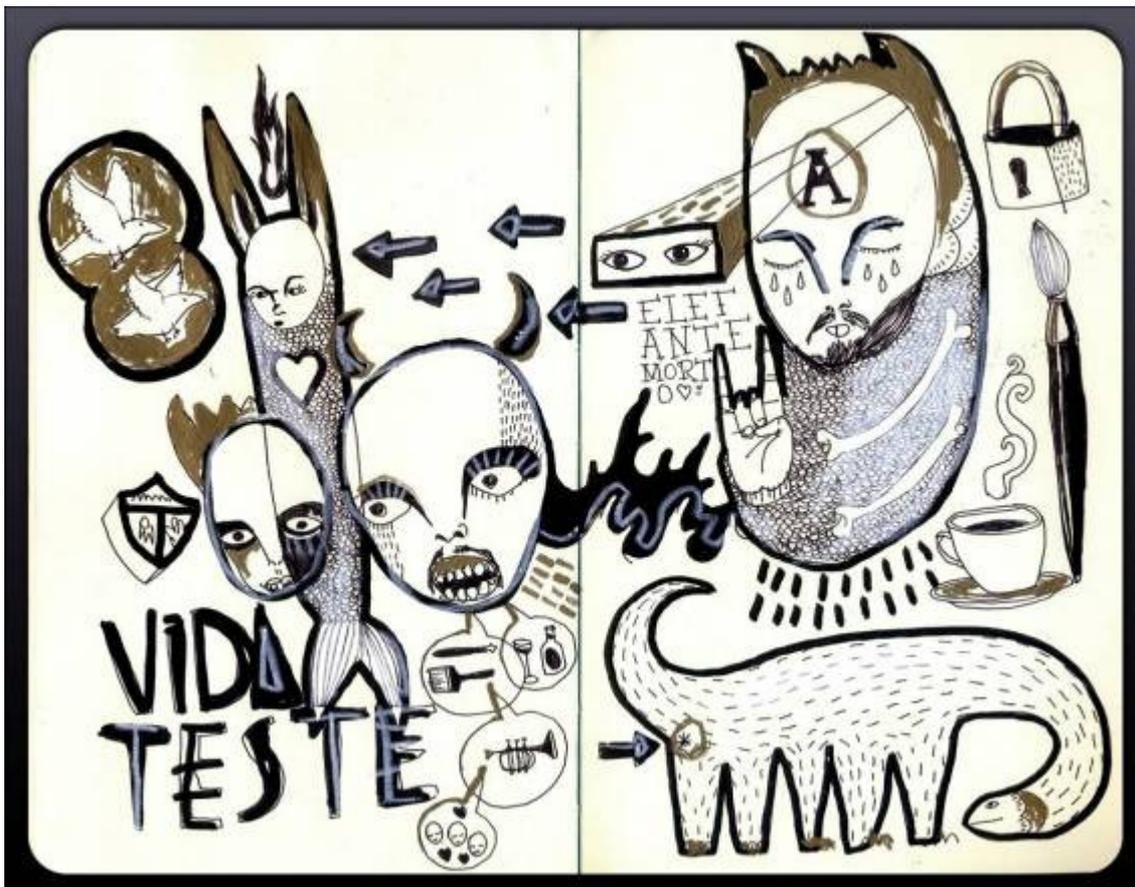
*Ele dorme dentro da minha alma
E às vezes acorda de noite
E brinca com os meus sonhos,
Vira uns de pernas para o ar,
Põe uns em cima dos outros
E bate as palmas sozinho
Sorrindo para o meu sono.*

.....
*Quando eu morrer, filhinho,
Seja eu a criança, o mais pequeno.
Pega-me tu no colo*

*E leva-me para dentro da tua casa.
Despe o meu ser cansado e humano
E deita-me na tua cama.
E conta-me histórias, caso eu acorde,
Para eu tornar a adormecer.
E dá-me sonhos teus para eu brincar
Até que nasça qualquer dia
Que tu sabes qual é.*

.....

*Esta é a história do meu Menino Jesus,
Por que razão que se perceba
Não há de ser ela mais verdadeira
Que tudo quanto os filósofos pensam
E tudo quanto as religiões ensinam?” (CC, 2008, linhas 5782-5981).*

Participante 30: Pedro Gutierrez⁷⁶

“Querido Alex,

Realmente não é todo dia que temos a oportunidade de entrarmos nesse túnel do tempo e conversarmos com nós mesmos. Num primeiro momento, essa estranha experiência me causou uma vergonha enorme de mim mesmo, do modo como eu escrevia, dos meus sonhos baixos, etc. Em seguida, sorri e me emocionei, lembrando de como as coisas eram fáceis e as preocupações poucas. Refletindo sobre o que escrevi, percebi que a maioria das perguntas do tipo ‘Já conseguiu isso, ou aquilo?’ eram respondidas com um ‘não’. Eu não consegui realizar a grande maioria dos meus sonhos de 16 anos de idade. Não acabei feliz com a guria que amava, não segui a carreira que queria seguir, não me tornei nem mais bonito e nem mais forte, enfim, as coisas tomaram rumos completamente diferentes. Esse resultado me anima, já que somos frutos dos acontecimentos passados, e o fato de não ter alcançado tudo que queria me fez correr atrás de coisas realmente importantes para meu desenvolvimento. Hoje eu sou um homem realizado profissionalmente, com grandes amigos a minha volta e uma namorada que eu amo mais que tudo na vida, e só sou isso justamente por não ter conseguido tudo que queria com 16 anos de idade. Portanto, o resultado deste diálogo do homem Pedro com o menino Pedro me fez realmente mais feliz, além é claro de todo aquele sentimento nostálgico de lembrar momentos que marcaram minha vida de uma maneira muito positiva. Ao ler a carta, lembrei de um poema de Michel Melamed (que sou fã e que segue em anexo) do seu

⁷⁶ Pedro se apresentou na nota de rodapé 19.

Livro e peça 'Regurgitofagia', e de uma música de Rodrigo Amarante, dos Los Hermanos (que sou fã e que também segue em anexo), chamada 'O Velho e o Moço'. Espero que goste do material.

Um grande abraço e apertão na bunda,

do amigo,

Pedro Gutierres

O Poema:

'Ser pisciano, judeu, carioca e poeta, é além da pulga como orelha viver o eterno e generalizado déjà vu. Não existem novidades no mundo. Moleza ouvir uma história e passar a acreditar que é sua. Mais: ouvir sobre um lugar, como por exemplo, Botucatu, e voilà - já fui, conheço, etc. e tal. Ontem por exemplo fui a um bloco de carnaval. Entre as tetas da massa, este folião daqui ao perceber uma janela acesa no último andar do prédio frontieriço, imediatamente foi acometido de pungente nostalgia. Pude mesmo ver o velhote daquela janela - eu - do alto dos meus oitenta e poucos lembrando-me de mim ali no recôncavo da juventude, entre beijos e goles neste mesmo bloco de carnaval em que me vejo lembrando de mim aqui no bloco sendo assistido por mim ali...

Então fui tomado de lembranças várias, dos carnavais passados, mulheres que amei, sonhos realizados e os que ficaram entreteias. Vi meus pais de mão dadas com meus filhos. Vi, enfim, como num Aleph do Borges - apenas que personalizado - todas as passagens da minha vida: da aranha tecendo entre os sonhos ao negro azul que te possuiu sob a árvore verde na madrugada, olhares de concupiscência, os malfeitores do bairro, a atriz inglesa que te vociferou insultou e bêbada te beijou a força e o irremediável amor pelas crônicas do Rubem Braga e por toda e qualquer literatura brasileira que fale de pequenos acontecimentos do dia-a-dia, como retratos, como por exemplo "eu contava do filme em que a mocinha bem tola dizia alguma coisa e você ficou me olhando como se...". E então tive a certeza da vida vã. E sorvi de um gole só meia lata de cerveja. E queimei os lábios ressequidos com um chá de hortelã. E entoei um samba. E bocejei com as mãos trêmulas. E beijei uma mocinha que já me conhecia. E minha velha postou a mão sobre meu ombro. E fiquei melancólico com o futuro. E sorri lembrando o passado.' (Michel Melamed – Texto de Regurgitofagia)

A LETRA DE 'O VELHO E O MOÇO':

*'Deixo tudo assim.
Não me importo em ver a idade em mim,
Ouço o que convém.
Eu gosto é do gasto.*

*Sei do incômodo e ela tem razão
Quando vem dizer que eu preciso sim
De todo o cuidado.*

*E se eu fosse o primeiro
A voltar pra mudar o que eu fiz.
Quem então agora eu seria?*

*Ahh tanto faz! E o que não foi não é,
Eu sei que ainda vou voltar... Mas, eu quem será?*

*Deixo tudo assim, não me acanho em ver
 vaidade em mim.
 Eu digo o que condiz.
 Eu gosto é do estrago.*

*Sei do escândalo e eles têm razão.
 Quando vem dizer que eu não sei medir,
 nem tempo e nem medo.*

*E se eu for o primeiro
 a prever e poder desistir do que for dar errado?*

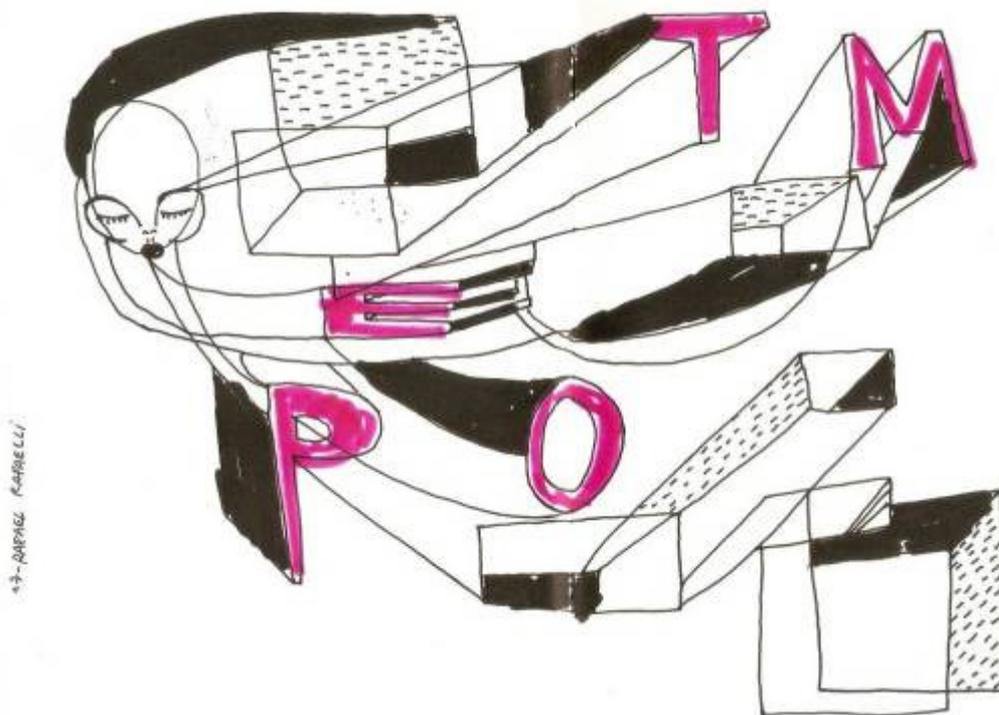
*Ahhh, ora, se não sou eu quem mais vai decidir
 o que é bom pra mim?
 Dispensar a previsão.*

*Ahhh, se o que eu sou é também
 o que eu escolhi ser aceito a condição.*

*Vou levando assim.
 Que o acaso é amigo do meu coração
 Quando falo comigo, quando eu sei ouvir...*

(Rodrigo Amarante)" (CC, 2008, linhas 4553-4652).

Participante 31: Rafael Rafaelli⁷⁷



“Olá Alex!

Receber a carta foi uma experiência no mínimo interessante e nova para mim. Ler o que eu havia escrito a mim mesmo há cinco anos me fez lembrar muitas coisas, ver como mudei e como não mudei tanto assim também.

Um dos pontos mais interessantes quando li minha carta foi que eu comentava por escrito que estava no segundo ano e não sabia o que fazer no vestibular ainda. Logo em seguida, comentava na carta que eu achava que provavelmente tudo iria se ajustar e que eu estaria me formando quando recebesse a carta. Ai vem o ponto que mais me surpreendeu, eu estava no segundo ano, teria que cursar o terceiro ano e mais quatro anos no mínimo de faculdade. Eu me formaria em seis anos após escrever a carta. Entretanto, acabei entrando em um curso de administração de três anos e estou me formando justamente na época que recebi a carta. Este sem dúvida foi um dos aspectos que mais me impressionou.

Depois o que achei bem interessante ler foram os recados dos amigos da época, algumas pessoas que hoje em dia eu mal lembro do rosto outras pessoas que eu penso hoje em dia que não entendo porque me relacionava na época. Entretanto recados de outras pessoas que estão comigo até hoje, sempre converso e encontro, ainda outras pessoas que não falo tanto, mas tenho certeza que na hora que eu ligar precisando de ajuda ou a situação oposta estaremos prontos para arranjar um tempo para conversar.

É impressionante quando confronto meus pensamentos da época com os de hoje em dia. Naquele tempo eu não sabia que rumo dar as coisas simplesmente estava esperando que as coisas acontecessem, hoje em dia apesar de não saber exatamente o que vou fazer ou o que vai acontecer na minha vida, consigo já planejar

⁷⁷ Rafael estudou Gestão, Estratégia e Marketing. Ele vive e trabalha hoje em Santo André-SP.

as coisas, definir o que eu quero fazer e ser. Estou traçando planos para crescer profissionalmente, coisa inimaginável na época em que eu nem sequer tinha ideia de que tipo de profissão iria seguir.

Outra coisa que me chamou a atenção foi o apego que a gente tinha com o mundo que formamos dentro do colégio. Eu escrevi sobre a preocupação de continuar indo ao colégio e se mantendo dentro das atividades da escola, mas isto logo se desfez e hoje em dia falta tempo até nos finais de semana pra tirar um sono extra, acho que devo ter voltado ao colégio umas três vezes após ter me formado.

Bom, acho que em resumo é isto esta carta acabou sendo uma experiência inédita para mim, tanto que me deixou com vontade de fazer mais uma, ou quem sabe mais duas: uma para mais cinco anos e uma para dez, quem sabe? Parece que foi ontem, (e isto não é só força de expressão) que eu estava no último período da aula de biologia decidindo o que ia escrever para acabar a carta que acabo de receber em minhas mãos, depois de cinco anos” (CC, 2008, linhas 2094-2131)

Participante 32: Renata Santos de Souza⁷⁸



“Queridãããoooo!!!!

Infelizmente não recebi mesmo minha cartinha, mas tudo bem.. me lembro bem do conteúdo. O reencontro das turmas foi algo que ainda não achei palavras pra descrever. E quero aproveitar pra te agradecer por ser tão presente nas nossas vidas..

Vou manter contato sempre... Até porque quero muito participar da tua tese..

Beijãããoooo Grande,

Boa semana pra ti!

Renata” (CC, 2008, linhas 4429-4440).

⁷⁸ “Eu sou atualmente professora de música e estudante de Direito da PUCRS. Estou quase formada e noiva, planejando o casamento para daqui a um ano... Realizada!”

Participante 33: Rodrigo Martini Monteiro⁷⁹



“Beleza, Alex!

Não sou muito bom com as palavras, acharia mais fácil se eu te deduzisse esse sentimento em fórmulas matemáticas (hehehe), mas já que não tem outro jeito... lá vai então:

Desde o momento em que eu escrevi a carta, há cinco anos, não parei de pensar nela, e quando a recebi, me lembrava de tudo que tinha escrito, portanto não foi tão surpresa assim. A única surpresa foi que meu mundo era muito pequeno em relação ao que escrevi, e justamente porque eu queria que fosse assim na época, mas hoje tudo é muito infinito com muitas escolhas e caminhos alternativos. Na época eu era apaixonado por uma guria que não me dava bola, mas meu mundo era esse e achava que eu era cheio de problemas.

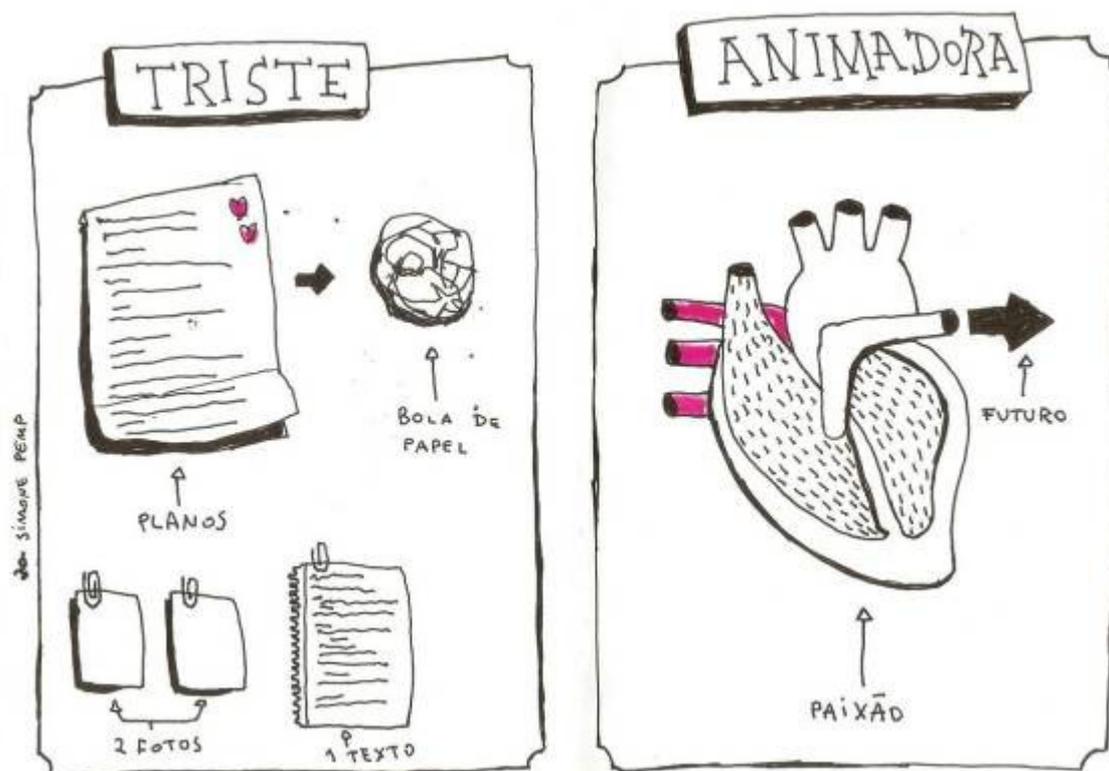
Hoje, não consigo traçar meu futuro, porque ele é incerto, pois nem sei se amanhã estarei no Brasil ou em outro lugar... a única coisa que sei é a minha profissão na qual ainda estou estudando, que é a Engenharia.

Hoje estou namorando a maior "inimiga" da guria que eu gostava na época. Descobri que as pessoas são lindas, cada uma de seu jeito, só basta deixá-las te conquistar, e ela me conquistou totalmente. Poderia ter descoberto isso antes, mas parece que na vida a gente só aprende errando mesmo.

Hoje, estou satisfeito com a minha evolução em todos os sentidos, espero que eu continue evoluindo desse jeito” (CC, 2008, linhas 261-282).

⁷⁹ “Hoje estou quase formado em Engenharia Mecânica pela UFRGS. Trabalho na área de Projeto de Engenharia no Laboratório de Metalurgia Física da UFRGS.”

Participante 34: Simone Pemp Pereira⁸⁰



“Olá Alex!

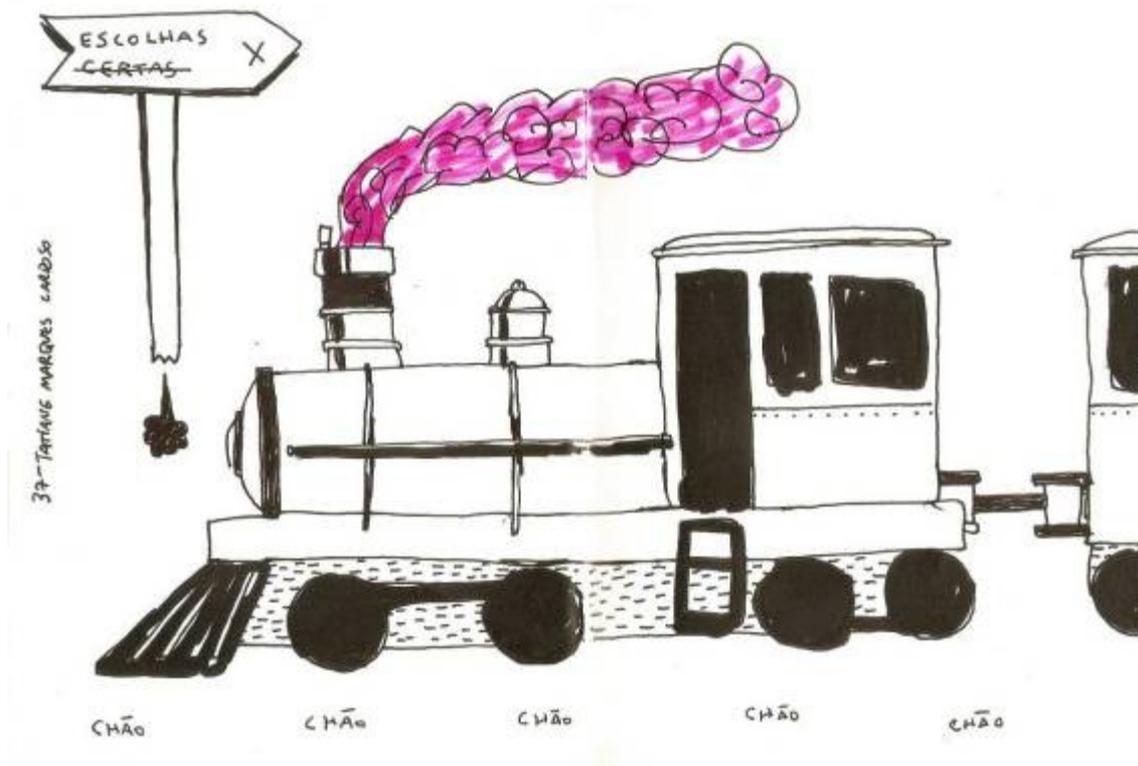
Muito obrigada pela oportunidade de me emocionar!! Estava precisando...

Minha carta foi triste e animadora ao mesmo tempo. Triste porque todos os meus planos mudaram e animadora porque eu continuo com aquela mesma paixão em planejar meu futuro, mas agora com visões diferentes. Escrevi principalmente da carreira profissional que eu gostaria de estar seguindo, a cidade que pretendia morar, minhas atividades na época (eu tinha um blog!) e anexeí duas fotos e um texto. O principal momento foi lembrar os meus planos da época, fiquei com saudade!! Outro momento na minha carta foi o bom humor! Muitas piadinhas... Será que agora estou muito séria? Estressada? Ou madura? Qual será o limite...

Meu epitáfio foi interessante, planejei terminar minha vida justamente na cidade que a Fernanda (minha irmã) anos mais tarde escolheu para recomeçar” (CC, 2008, linhas 2317-2330).

⁸⁰ “Eu sou nutricionista e virei cozinheira em Londres. Agora quero ser mestre em saúde pública. Nas horas vagas tento escrever um livro ou fazer sites na internet.”

Participante 35: Tatiane Marques Cardoso⁸¹



Oi Alex,

Bom, escrevi, escrevi, escrevi...e não te mandei! É que depois de tanto escrever vi que o que estava fazendo era um retrospecto desses últimos cinco anos pra mim e isso foi realmente rico, mas pra mim entende? Ficou tão íntimo que cheguei a lembrar do trabalho da vida que tu nos propuseste no segundo ano⁸². Claro que esse retrospecto foi resultado das reflexões que o reencontro - e também a possibilidade de ele acontecer - me proporcionaram. E eu acho que isso é uma das coisas mais lindas que me aconteceram neste ano porque o reencontro não aconteceu só aquele dia lá no São João, ele foi um processo de resgate com as SPAR e um resgate da minha história dentro e fora do colégio.

Tenho que te explicar a choradeira lá do reencontro (o bom é que assim já te conto mais sobre a experiência de reencontrar estes cinco anos passados). Naquele

⁸¹ “Tenho 22 anos (quase 23) estudei no Colégio São João a maior parte da minha vida, e não tenho dúvidas de que as minhas vivências lá me tornaram quem eu sou hoje. Atualmente, trabalho no setor de análise Instituto Methodus, atividade que toma a maior parte do meu tempo, mas que me satisfaz muito. Estudo Ciências Sociais na UFRGS, mas planejo logo mudar para a área da Comunicação, que desde sempre foi a minha verdadeira paixão. Por enquanto meus planos são arrumar tempo as minhas amigas e para um trabalho voluntário, o resto prefiro deixar a vida me levar, porque cansei de tentar ter o controle de tudo.”

⁸² Atividade que consistia em sistematizar um mosaico de imagens, textos, fotografias, etc sobre os principais fatos vividos pelos estudantes até aquele momento.

dia eu estava saindo de uma semana realmente atípica, eu estava saindo na verdade de uma crise profissional, emocional... daquelas tipo "tudo ao mesmo tempo agora" sabe? E quando eu cheguei lá eu já estava com o meu "novo plano de vida" na cabeça, mas me faltava algo pra pôr essas mudanças em prática: acreditar que eu estava fazendo escolhas certas. A certeza de que seria o melhor caminho eu já sabia que não tinha como ter, mas eu precisava saber se eu realmente teria peito pra encarar essa mudança, e foi no meu momento "encruzilhada" que eu me deparei com aquele prédio recheado de histórias de muitos anos da minha vida, com amigos perdidos pelo tempo e pelo espaço, com as gurias e contigo que mesmo longe sempre foi um porto seguro pra mim... Imagina eu, chorona como sempre fui, passando por uma crise "o que fazer da minha vida? O que mudar pra ser melhor e melhorar o mundo ao meu redor?" Quando te vi, me derramei! :) Mas foi bom! Chorei, aliviei, dei umas boas risadas com o pessoal, matei algumas saudades, outras aumentaram indo lá...e o processo continua depois do reencontro! E tomei coragem! Em janeiro presto vestibular pra Design.

Bom, voltando ao reencontro, no galeto começamos a nos cobrar (SPAR) o por que nós nos "perdemos" umas das outras com o fim do colégio, já que pensávamos em fazer uma transição diferente e tal... Eu acho que nós devemos mesmo manter contato, ter reuniões regulares e esse tipo de coisa, mas tem uma coisa, que a meu ver, pesa muito na regularidade desses encontros: não temos mais algo em comum além do nosso passado e da vontade de estarmos juntas. Não quero dizer que isso seja menos importante, não é isso, quero dizer que somos diversas e conciliar essa diversidade complica a visita semanal, o jantar regular e tudo mais... Mas o que fica de muito importante disto é que mesmo com as rotinas super diferentes, com as vidas distantes, ainda somos próximas quando estamos juntas. Se a Clá⁸³ estivesse lendo esse email, eu acho que ela diria que o problema está no "Quando estamos juntas", ela está certa nessa perspectiva de querer que a gente mantenha uma disciplina pra manter o vínculo forte, mas eu acho que a ternura que fica entre nós é tão importante quanto o encontro. Não é porque temos vínculos com esse passado tão recente e especial que não podemos desfrutar das riquezas de um novo tipo de relação, quero dizer, de uma nova organização dessa relação, entende Ale? Não é porque não temos uma vivência diária que meu amor por vocês é menor, não mesmo! Um exemplo disso é a minha amizade com a Flávia⁸⁴ Nós temos vidas doidas, corremos cada uma pra um lado, mas a nossa amizade é linda! Sempre nos procuramos nem que seja pra dizer "Nêga, to com saudade!" por email ou por Orkut, às vezes passamos meses sem nos vermos, mas a amizade tá ali, dentro da gente, o amor que a gente sente não muda, a gente cresce, conhece gente, ama mais gente, mas o que fica das lembranças e das vivências não há o que apague, nem o tempo, e isso nos mantém unidas desde que saímos saiu do colégio até hoje.

Espero que tu tenhas entendido o que eu quis dizer, senão entendeu, me escreve que eu tento explicar ;) Agora eu tenho que ir nanar porque amanhã o dia vai ser enooorme!!!!

Muitos beijos, abraços,

Tati" (CC, 2008, linhas 5508-5568).

⁸³ Clarissa de Souza Carvalho.

⁸⁴ Nome fictício.

Participante 36: Thais Lopo⁸⁵

"Aleeeeeeeeeeeeeex!

Que saudades de você!!! Sumiu!!! Maldito!!! hehehe

To passando pra avisar que recebi a carta dos cinco anos...nooooooooooooooooooossa foi muito bom ler isso!!! Meus projetos futuros toodos realizados, pelo menos todos os que escrevi na carta. Tu tens noção disso? Eu previ meu futuro!!! Hehehe Muito legal mesmo...

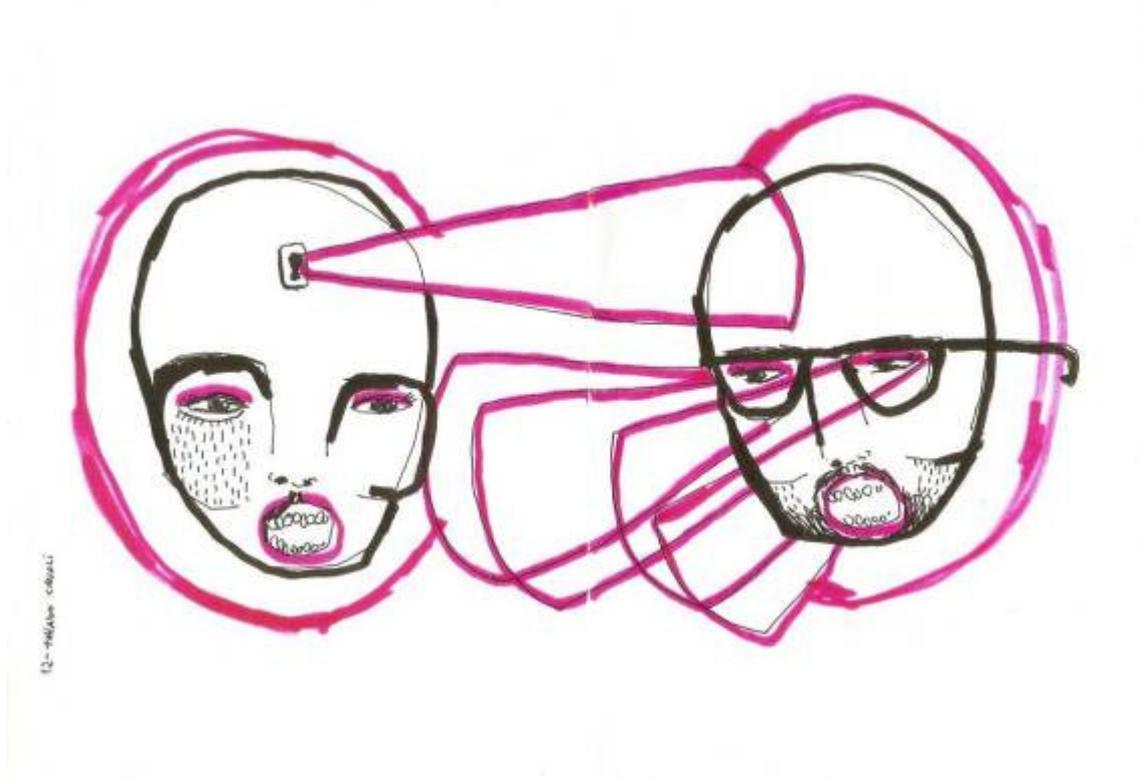
No meu envelope ainda tinha uma carta da C. e uma foto nossa...na época éramos super amigas...e eu não sabia disso. Me lembro que ela pediu meu envelope e ela mesmo fechou....fiquei cinco anos sem saber o que tinha ali dentro...muito legal!!

Muitas saudades daquele tempo....mas a minha vida ta ótima hoje em dia que não voltaria jamais!!! Mas isso não vou te contar por email, pessoalmente nos falamos...

Bom, muuuuuuuuuuito legal o filmezinho que passou na minha cabeça!!! Muito bom mesmo! Obrigada" (CC, 2008, linhas 34-55).

⁸⁵ "Estou formada no curso de administração e sou responsável pelo setor financeiro de uma empresa de publicações digitais. Estou iniciando ainda neste ano meu MBA em Coaching. Pratico pilates, adoro curtir um domingo de sol acompanhada de um chimarrão e rodeada de amigos, amo escutar uma música bem alta pra desopilar, curto meus cachorros, adoro um vento no rosto e uma adrenalina no corpo que só andar de moto proporciona... coisas simples da vida, mas que me dão muito prazer."

Participante 37: Thiago Canali⁸⁶



“Querido e eterno professor Alex...”

Pois bem, recebi sua correspondência! E confesso que lendo o que eu escrevi há cinco anos despertou em mim um sentimento de saudade daquela época, pois percebi que naquele tempo as preocupações que eu tinha eram nada comparadas as de hoje. Além da imensa diferença de maturidade presentes nas palavras, notei, incrustado nas entrelinhas, que eu ainda me lembrava com perfeição do momento em que eu escrevi, do local em que eu estava sentado na sala da pastoral e até mesmo as roupas que eu estava usando! Mas sabe, foi uma experiência e tanto criar esse encontro do Thiago de 2008 com o Thiago de 2003. As coisas mudaram um bocado, especialmente na forma de ver o mundo, encarar as coisas e tirar as devidas conclusões acerca dos fatos. Visão de mundo alterada, hoje em dia as preocupações de outrora significam uma pequena parcela do meu subconsciente, e toda a hipocrisia social em que estamos inseridos é no momento meu grande tema de revolta, e de certa forma, tristeza. Mas infelizmente o contingente de pessoas que fazem a sua parte almejando uma melhora no status social do nosso país ainda é ínfima quando comparado ao número de pilantras a solta por aí. É uma lástima, e é justamente isso que me dá forças pra seguir evoluindo mentalmente.

⁸⁶ *“Eu sou formado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Tenho 23 anos e hoje moro na Austrália. Vim para terras distantes em busca de experiência de vida internacional. Nascido em Porto Alegre, não consigo me separar das tradições gauchescas, nem deixar de sentir saudades da terra amada. Se pretendo voltar? Com certeza. Mas não antes de chegar ao meu limite na terra dos cangurus!”*

Mas chega de filosofias né? Vou falar um pouco de mim, pois creio que tu deves estar um pouco curioso pra saber o que aconteceu com aquele doido varrido, com relapsos intelectuais (digo relapsos porque era só o começo das minhas "viagens mentais"). Bom, desde o terceirão no São João muita coisa aconteceu. Muita mesmo. Primeiro eu comecei a fazer faculdade na PUCRS, cursando Direito. Nunca fiz tanta farra na minha vida. Estudar que era bom, só por obrigação pra poder passar nas recuperações com nota mínima. Aí quando atingi o 4º semestre do curso, me rebelei com tudo aquilo e abandonei o Direito. Na metade do ano passado ingressei no curso de História, da PUCRS, e percebi que o mundo não era o meu umbigo e nem tinha o tamanho do meu bairro. Estou realmente apaixonado pelo curso e nunca estudei tanto na minha vida! Sabe quando a gente recebe um choque de realidade, e principalmente um choque filosófico-ideológico? Foi por aí o que eu senti. Comparado ao Thiago que fazia Direito, me sinto um homem muito mais intelectualizado e racional. O curso de História é fantástico! E atribuo a ele grande parcela no desenvolvimento do meu senso crítico e amadurecimento como pessoa, como cidadão.

Mas por favor, não fica pensando que eu virei um chato de galochas, completamente racional no estilo do Nietzsche! O palhaço ainda existe, e quanto mais eu estudo e aprendo, mais eu tenho vontade de dar risada e debochar do momento. Senso de humor é algo que não se perde ao longo da vida, ainda mais em uma parada tão curta, uma lacuna de cinco anos. Também acho interessante retratar aqui outra impressão que eu tive quando li a carta: como as coisas eram simples naquele tempo, e, ao menos aos nossos olhos de meros estudantes de 1º ano do ensino médio, tudo se resumia a ir bem nas provas, jogar futebol e video-game, pegar as gurias e levá-las ao mal caminho. Não tínhamos consciência alguma do que era a vida, do que nos esperava fora das paredes que cercavam as quadras de futebol do São João. E confesso que deveríamos ficar mais uns dois anos imersos nesse mundo escolar antes de nos depararmos com a realidade, porque o choque com o mundo é deveras forte, e nos machuca demais. Se eu senti esse choque, mesmo com toda a preparação que tu nos ofereceste ao longo dos anos escolares, imagina pra quem não teve essa bagagem de conhecimento? É uma boa ideia aumentar a grade escolar em termos de séries... É preciso preparar os jovens de melhor forma...

Claro! Aquelas preocupações daquela época em que escrevi a carta são importantíssimas ainda hoje! Afinal é impossível nos livrarmos de tão... Hm... "Sábios momentos de lazer e desafios", se é que posso nominá-los desta maneira.

Um abraço do saudoso Thiago Canali" (CC, 2008, linhas 1152-1227).

Participante 38: Vanessa Garcia⁸⁷



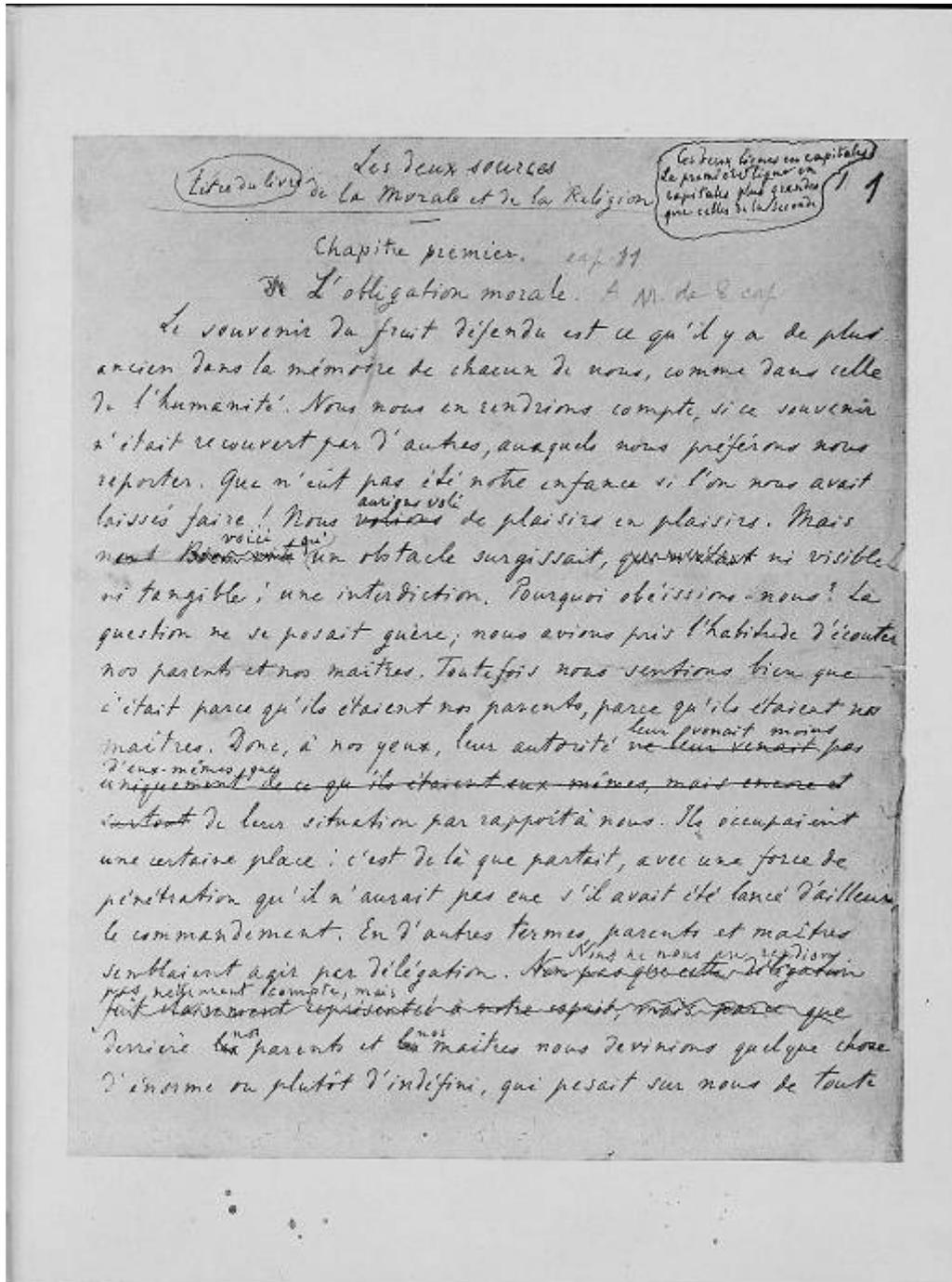
“Bom Alex, estou mandando o e-mail sobre a carta agora porque antes estava mais complicado, final de semestre muitas coisas pra fazer. Receber essa carta pra mim foi muito interessante, pois estava perto do meu aniversário, estava prestes a fazer 20 anos, então já estava num momento onde andava pensando muito sobre coisas que eu já fiz ou que pretendo fazer. Aí vem essa carta e me mostra um pouco sobre o que eu pensava há cinco anos, sobre as minhas perspectivas de futuro daquele tempo. Hoje vejo que a minha vida tomou um rumo que eu não esperava e isso não foi uma coisa ruim, porque eu me sinto bem com as escolhas que tive que tomar nesse tempo. Meus interesses mudaram bastante, também eu tinha 14 anos quando fiz a carta tanto que algumas coisas que escrevi achei meio idiotas, pelo menos hoje eu considero elas assim. Mas mesmo com todas essas mudanças que aconteceram da pra notar também na carta que algumas poucas coisas não mudaram, é que ao ler a carta primeiro eu reparei nas coisas que mudaram e só depois fui notar que alguns pensamentos continuavam os mesmos. Depois que terminei de ler a carta fiquei pensando que eu devia ter escrito mais coisas, eu queria saber mais, devia ter posto algumas coisas que fossem mais importantes, mas na época eu não pensei nisso, nem tinha como era quase que uma outra cabeça pensando naquela época.

Bom acho que isso é basicamente o que eu senti ao ler a carta.

Vanessa Garcia” (CC, 2008, linhas 4945-4967).

⁸⁷ “Hoje sou economista formada pela PUCRS em 2010 e atuo no mercado de capitais. Sou também estudante de Matemática licenciatura na UFRGS.”

2. Bergson: Memória, Duração e Experiência Integral



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Foto 5: Manuscrito primeira página de "Les deux sources de la Morale et de la Religion"⁸⁸

⁸⁸ (PÉTREMEN & WILLETZ, 1959, p. 185)

Após termos apreciado as Cartas dos participantes da Dinâmica chegou hora de trançarmos os fios teóricos que constituem o *fil rouge* que sustenta nossa tese. De maneira especial, trataremos neste capítulo do *corpus* textual de Henri Bergson dedicado a pensar as questões da memória, da duração e da experiência integral, no âmbito de nosso trabalho.

Bergson é, como todo pensador, filho de seu tempo. Como sabemos, a época em que ele viveu (1859-1941) foi caracterizada por um grande salto em termos científicos. O filósofo dedicou boa parte de seus esforços no estudo das ciências da época. Desde o início de seus escritos, Bergson já evidenciava “a imprescindibilidade de conectar a atividade filosófica e a atividade científica, sob pena de deixar de fora uma boa parte da realidade” (COSTA, 2012, p.88).

Ele não deixa de reconhecer a importância utilitária à humanidade da ciência que, por meio da inteligência, tem aprimorado técnicas para conceder mais conforto à humanidade. Porém, para Bergson, a filosofia tem a liberdade e o dever de, por meio da intuição, promover outro tipo de saber que subverta essa tendência da ciência inteligente, acompanhando a duração real da verdadeira natureza mutável da vida.

Nesse sentido, ele insiste em um conhecimento do espírito pelo espírito, advindo no domínio da intuição, de um forte “impulso vindo de dentro”. A ciência seria então produzida enquanto uma *experiência integral* (I.M., p.39) na proporção em que estaria conectada, pela intuição, com o *élan vital*. Trata-se, portanto, de uma proposição metafísica de Bergson a fim de, por meio de seu pensamento, combater a extrema projeção atribuída ao conhecimento científico em sua época.

A obra bergsoniana, por suposto, resultou em algumas críticas de cientistas da posteridade. De qualquer sorte, apesar de alguns equívocos científicos por parte do filósofo naquele tempo, hoje reconhecidos entre seus atuais estudiosos⁸⁹, o pensamento de Bergson oferece ainda hoje substrato para uma potente produção filosófica.

⁸⁹ Nesse sentido, destacamos o trabalho de RIQUEIR, Camille. **Archéologie de Bergson: temps et métaphysique**. Paris : PUF, 2009.

Em nosso trabalho, não iremos nos deter na natureza dos conhecimentos científicos contemporâneos a Bergson utilizados por ele para a produção de sua filosofia. Deter-nos-emos, de maneira especial, na relação entre a inteligência e intuição na perspectiva de sua integração enquanto uma *experiência integral*. Para tanto, abordaremos a seguir alguns conceitos fundamentais de seu pensamento.

Uma fenomenologia da memória

(...) Quantas lembranças aquele envelopinho me trouxe à tona. Quantas sensações, sentimentos e pensamentos me invadiram e me transbordaram, pensando em tudo o que eu passei lá dentro. Que coisa bem boa que é crescer! E sim, definitivamente eu cresci, fui tão profundo quanto um pires na minha carta.

Fernando Calvetti (CC, 2008, linhas 858-865).

Tocar em sua própria carta de cinco anos atrás se constituiu, geralmente, num gesto almejado de ser tocado por elas. De certa forma, o encontro com ela também é o encontro com parte de sua própria alma que residia ali naquele objeto material. A partir das necessidades da vida do presente, pela memória, uma lembrança pura⁹⁰ pode ser atualizada, pois, “o passado tende a reconquistar sua influência perdida ao se atualizar” (*M.M.*, p. 153).

Mas como o encontro com um objeto aparentemente inanimado como uma carta poderia ser tão potente? Para compreendermos essa

⁹⁰ O uso de “puros” no discurso filosófico bergsoniano é um exercício filosófico de análise dos “mistos”. A realidade sempre se apresenta na experiência como um “misto”, como algo que mistura extensão e duração, que mistura aquilo que se submete à quantificação com aquilo que é qualidade e não pode ser mensurável. Como observa Deleuze (1999, p. 14-15), para Bergson, é a intuição que permite conhecer a verdadeira natureza dos “mistos” que se dão na experiência, os dividindo segundo suas “articulações naturais” e assim chegando ao que é “puro”. De acordo com Bento Prado Júnior (1989, p.154), Bergson (especialmente nas obras *Matéria e Memória* e *A Evolução Criadora*) elabora uma teoria da evolução da vida sustentada na “passagem da complexidade do dado à pureza e à simplicidade da tendência.”

fenomenologia, faremos uso do seguinte fragmento da obra “Em busca do tempo perdido”, de Marcel Proust⁹¹:

Acho muito razoável a crença céltica de que as almas daqueles a quem perdemos, se acham cativas nalgum ser inferior, num animal, um vegetal, uma coisa inanimada, efetivamente perdidas para nós até o dia, que para muitos nunca chega, em que nos sucede passar perto da árvore, entrar em posse do objeto que lhe serve de prisão. Então elas palpitam, nos chamam, e, logo que as reconhecemos, está quebrado o encanto. Libertados por nós, venceram a morte e voltam a viver conosco. É assim nosso passado. Trabalho perdido procurar evocá-lo, todos os esforços de nossa inteligência permanecem inúteis. Está ele oculto, fora de seu domínio e do seu alcance, nalgum objeto material (na sensação que nos daria esse objeto material) que nós nem suspeitamos” (PROUST, 1983, p. 45).

A percepção sensível aciona a memória e esta acessa intempestivamente as lembranças puras. Ao encontro com sua própria carta, um mínimo fragmento material pode trazer consigo um acontecimento à vida presente. Assim, vidas podem ser recriadas profundamente, pela atualização de uma lembrança pura, porque

Minha memória está aí, empurrando algo desse passado para dentro desse presente. Meu estado de alma, avançando pela estrada do tempo, infla-se continuamente com a duração que ele vai juntando; por assim dizer, faz bola de neve consigo mesmo (E.C., p.2).

O passado não é, portanto, um presente que envelheceu. Rigorosamente falando, o passado é o único que “é” (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 32), pois ainda que inútil, inativo, pode atualizar-se em virtude da necessidade do presente, da vida presente, do corpo presente. Tudo o que se

⁹¹ Há muitos comentadores que aproximam Bergson de Proust. Deleuze (2006, p.46), por exemplo, afirma que ambos apontam uma espécie de “tempo puro”, ainda que Proust acreditasse que tal textura de tempo poderia ser experimentada no presente, enquanto Bergson afirma que a lembrança pura não é do domínio do vivido. Ambos ainda eram familiares por parte da esposa de Bergson. Há aqueles que dizem que “Em busca do tempo perdido”, obra prima de Proust, há subjacente a noção bergsoniana de duração.

é vivenciado está conosco. Inclusive na escola. Mas não ficamos rememorando tudo constantemente porque

(...) nosso destino é viver, agir, e a vida e a ação olham para frente. Não o podemos porque nesse caso o mecanismo cerebral tem precisamente a função de encobrir-nos o passado, de deixar transparecer dele, a cada instante, apenas o que pode aclarar a situação presente e facilitar nossa ação: é mesmo obscurecendo todas nossas lembranças exceto uma – exceto aquela que nos interessa e que nosso corpo já esboça por mímica – que ele evoca aquela lembrança útil (E.S., p.76).

Porém, a memória para Bergson, assim como sua compreensão dos fenômenos psicológicos em geral, não diz respeito à perspectiva subjetiva individualizante hegemônica no discurso científico da psicologia atual. O psicológico é para ele sempre uma abertura para o metafísico, para o ontológico. Bergson não se interessa apenas no estudo da psique humana enquanto depósito individual das vivências de um dado sujeito. Pelo contrário, ele procura encontrar sempre a dimensão universal metafísica que subjaz à duração de cada pessoa.

Frequentemente conceitua-se memória como uma faculdade mental de armazenamento de informações e/ou recordações. Todavia, “a memória, como procuramos prová-la, não é uma faculdade de classificar recordações em uma gaveta ou de inscrevê-las em um registro. Não há registro, não há gaveta” (E.C., p.5). Assim como BOSI (1994, p.43), abordamos nesta tese uma fenomenologia da memória.

Em sua obra *Matéria e Memória* (M.M, p. 178 e 190), Bergson sistematiza e representa o fenômeno da memória por meio de um cone invertido:

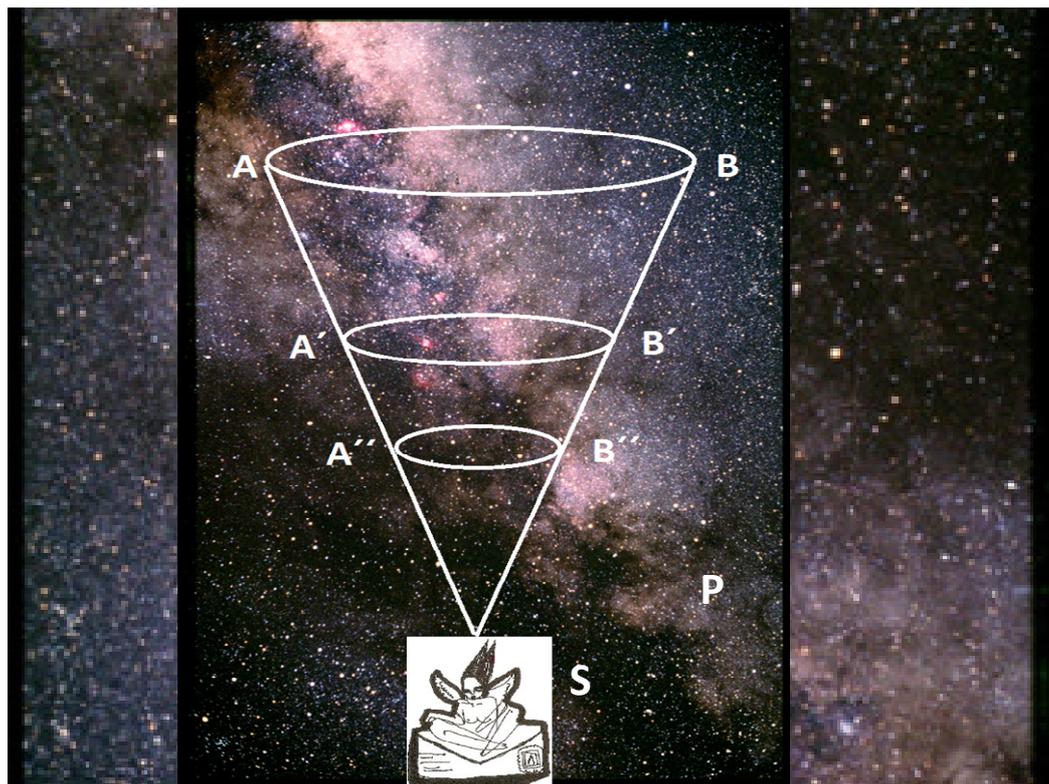


Figura 1: Cone da Memória de Henri Bergson - estilizado⁹²

⁹² Como pano de fundo do Cone da Memória proposto por Bergson utilizamos uma imagem do céu profundo do hemisfério sul, produzido pelo telescópio espacial Hubble. Assim o fizemos inspirados pela “Metáfora da Constelação”, que Walter Benjamin apresenta no prefácio de seu livro “A origem do Drama Barroco Alemão” (BENJAMIN, 1984, p.56-57). Somente quando as estrelas perdidas na imensidão do céu ganham um traçado comum que as reúne, por parte daquele que as observa, é que a constelação ganha um nome. Assim também, os fenômenos históricos só recebem nome, sentido e potência quando aquele que rememora e narra sua vida liga, conforme seu olhar, os pontos aparentemente dispersos pelo tempo, tecendo à sua maneira a intriga de sua história. Embora não abordemos neste trabalho de maneira direta o pensamento de Benjamin, acreditamos que seu pensamento é muito potente para estudarmos a narração e a memória. De maneira especial, também se destaca a sua obra *O Narrador* (1975), na qual esse filósofo aborda “a arte da narração”. A rememoração não significa somente a restauração do passado, mas também uma “transformação do presente tal que, se o passado perdido aí for encontrado, ele não fique o mesmo, mas seja ele também retomado e transformado” (GAGNEBIN, 1999, p. 16). Além disso, em nosso Cone de Bergson estilizado representamos o “Plano S” com um fragmento de um dos desenhos de Pedro Gutierrez. Nele há uma imagem de uma mulher com asas sentada sobre um envelope de carta. Ora, o Plano “S” do Cone de Bergson representa o corpo, que é “*nada mais que a parte invariavelmente renascente de nossa representação, a parte sempre presente, ou melhor, aquela que acaba a todo momento de passar. Sendo ele próprio imagem, esse corpo não pode armazenar as imagens, já que faz parte das imagens; por isso é quimérica a tentativa de querer localizar as percepções passadas, ou mesmo presentes, no cérebro: elas não estão nele; e ele que está nelas. Mas essa imagem muito particular, que persiste em meio às outras e que chamo de meu corpo, constitui a cada instante um corte transversal do universal devir. Portanto é o lugar de passagem dos movimentos recebidos e devolvidos, o traço de união entre as coisas que agem sobre mim e as coisas sobre as quais eu ajo, a sede, enfim, dos fenômenos sensório motores*” (MM, p. 177). Assim, inserimos o desenho de Gutierrez a fim de ilustrar o corpo dos participantes no momento de encontro com suas cartas, cinco anos depois.

Se eu representar o cone *SAB* a totalidade das lembranças acumuladas em minha memória, a base *AB*, assentada no passado, permanece imóvel, enquanto o vértice *S*, que figura a todo momento meu presente, avança sem cessar, e sem cessar também toca o plano móvel *P* de minha representação atual do universo. Em *S* concentra-se a imagem do corpo; e, fazendo parte do plano *P*, essa imagem limita-se a receber e a devolver as ações emanadas de todas as imagens de que se compõe o plano (*M.M.*, p. 178).

Sendo assim, estamos mais próximos de uma vida mental superficial à medida que nos ligamos mais firmemente à realidade presente, às reações motoras condicionadas ao hábito pelas necessidades de atenção à vida, representada no esquema acima pelo vértice *S*. A totalidade de nossas lembranças é representada em *AB*, sendo que nossa vida psicológica é representada repetida infinitamente pelas seções *A'B'*, *A''B''*, etc. A cada nível do cone “há todo o nosso passado, mas em graus diferentes: o presente é somente o grau mais contraído do passado” (DELEUZE, 1999, p.136).

Bergson se inspira em Plotino⁹³ para construir o “Cone da Memória”, tendo discutido amplamente o pensamento desse filósofo grego em seus “*Cursos sobre filosofia grega*” (*C.G.*, p 1-82). Porém, isso não significa que Bergson tenha sido discípulo de Plotino, tampouco que o francês tenha se filiado à mundividência do filósofo grego.⁹⁴

⁹³ A obra do filósofo grego Plotino (Πλωτῖνος, 205 Licópolis, Egito - 270 D.C.) chegou até nós pelo seu discípulo Porfírio, que publicou um livro sobre a vida de seu mestre. Além disso, ele também organizou os 54 tratados de Plotino na obra *As Enéadas*, composta por seis livros. Assim sabemos que Plotino pertencia a uma família romana que se estabeleceu no Egito. Foi estudar em Alexandria e, aos 28 anos, consagrou-se exclusivamente à filosofia. Ali se cultivavam há muito tempo um forte ambiente científico e filosófico, destacando-se os estudos das obras de Aristóteles e Platão. Plotino é considerado um dos maiores representantes do *neoplatonismo*.

⁹⁴ H. Hude (1990), que estudou e organizou os “Cursos sobre a filosofia grega”, proferidos por Bergson entre 1884 e 1889, afirma que o conhecimento e as afinidades de Bergson com Plotino eram de nível superficial. Porém, as sintonias entre ambos são assumidas pelo próprio Bergson. Ele chega a dizer em cartas que Plotino foi seu filósofo preferido. O fato é que a relação entre ambos é mais visível nos cursos do que no restante de suas obras. De qualquer sorte, nosso estudo das *Enéadas* foi fundamental para compreender mais profundamente os conceitos bergsonianos.

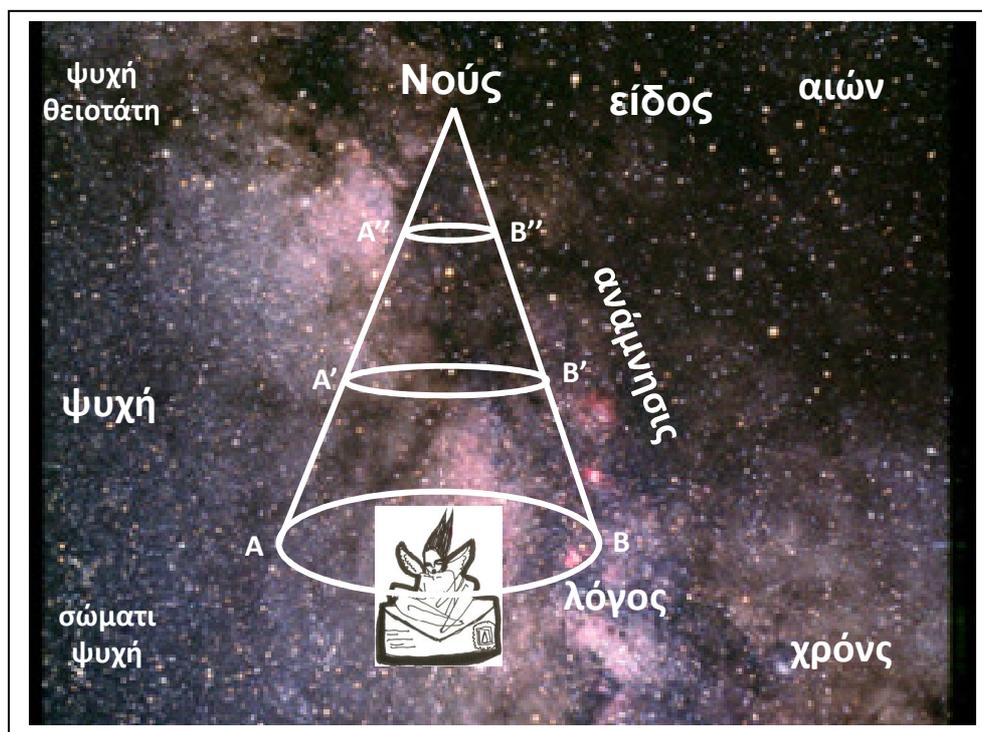


Figura 2: Síntese Geral da Teoria de Plotino⁹⁵

Para Plotino, a psique (*ψυχή*) é uma mistura (*μιγμα*) da alma do corpo (*σώματι ψυχή*) e da alma divina (*θειοτάτη ψυχή*). A inteligência (*λόγος*) é acionada enquanto resposta às necessidades imanentes da vida. A alma do mundo (*νοῦς*) é a produtora do corpo do mundo, sendo que a forma, a ideia (*είδος*) é acessada pela memória (*ανάμνησις*) (PLOTINO 2000; 2008).

Todavia, é importante ressaltar que, embora tenha se inspirado em Plotino para elaborar o seu Cone da Memória, Bergson critica fortemente o filósofo grego por ele continuar considerando, tal qual Platão, a Alma (*ψυχή*) enquanto uma queda da ideia (*είδος*). Para Plotino, recordar (*ανάμνησις*) era entrar em contato com um conhecimento ideal, eterno e imóvel de onde nossa Alma “caiu”. Para Bergson, o pensamento de Plotino era fundamentado na crença de que “Há mais no imóvel do que no movente, e passamos do estável

⁹⁵ A Figura 2 “Síntese Geral da Teoria da Alma de Plotino” é um quadro síntese que construímos a partir dos estudos que realizamos sobre o pensamento de Plotino. Procuramos dispor os principais conceitos que esse filósofo grego desenvolveu em sua teoria em local apropriado no esquema. Mantivemos o conceito original em grego arcaico, buscando sempre o significado histórico e contextualizado pelo Greek-English Lexicon (LIDELL & SCOTT, s/d).

ao instável por uma simples diminuição'. Ora, é o contrário que é verdadeiro" (*I.M.*, p.34).

Segundo Bergson, o tempo é o tecido que compõe a vida psicológica (*M.M.*, p.4). Contudo, o tempo real (a duração) não pode ser medido porque "A linha que medimos é imóvel, o tempo é mobilidade. A linha é o feito, o tempo é o que se faz e mesmo o que faz com que tudo faça" (*P.M.*, p. 102). Ao longo de sua obra, o filósofo nega o tempo enquanto uma grandeza mensurável e análoga ao espaço. Segundo ele, "o tempo espacializado é na realidade a quarta dimensão do espaço" (*D.S.*, p.69).

ROSSETTI (2001), a partir de uma leitura bergsoniana, afirma que boa parte dos recentes trabalhos científicos em psicologia tem abordado a multiplicidade quantitativa dos estados psicológicos como se esses fossem de natureza física. Em suma, eles estariam mensurando o incomensurável ao tomar o tempo, tecido da vida psicológica profunda, como uma dimensão do espaço.

A vida psicológica, em sua natureza profunda, não é feita de um tempo mensurável e cronológico (*χρόνος*). Ela é composta por lembranças puras que se diferenciam pela sua indivisibilidade e pela sua heterogeneidade pura. Ou seja, são aquelas memórias que estão conosco em todo instante (*αιών*), pulsando como acontecimentos que não param de emitir o *Elán Vital*, sua energia espiritual. Por natureza e grau, as lembranças puras são impossíveis de serem homogêneas, divididas e, por isso mesmo, medidas. Entretanto, nossa vida cotidiana é mais experimentada no espaço do que no tempo, mais na superficialidade do que em profundidade. O eu profundo, por sua vez, está presente, passível de ser atualizado.

Assim sendo, Bergson classifica a memória em duas formas, diferenciando-as pelo grau e natureza de seu envolvimento com a vida psíquica: a memória que "tem todas as características do hábito" (*M.M.*, p. 86) e a memória que "imprimiu-se necessariamente de imediato na memória (...) como um acontecimento" (*M.M.*, p.86).

Em nosso trabalho chamaremos a primeira de "Memória-Hábito"⁹⁶ e a segunda de "Memória-Acontecimento".

⁹⁶ Ao discutir "as duas memórias" de Bergson, BOSI (1994, p.48-51) denomina "memória-hábito" aquela relativa aos mecanismos motores e "memória-sonho" aquela relativa à

A “Memória-Hábito” está mais associada ao nosso eu superficial. Ela possui as características de um hábito e, portanto, é adquirida pela repetição de exercícios habituais do corpo, assentada na percepção. A memória-hábito constitui-se em uma memória dos mecanismos motores e está ocupada das necessidades ordinárias da vida, afinal, “basta o hábito e, no mais das vezes, basta-nos ir a esmo para dar à sociedade o que ela espera de nós” (*D.S.*, p.15). Bergson ilustra este tipo de memória por meio da necessidade de se “aprender” uma lição:

A lembrança da lição, enquanto aprendida de cor, tem todas as características de um hábito. Como o hábito, ela é adquirida pela repetição de um mesmo esforço. Como o hábito, ela exigiu inicialmente a decomposição, e depois a recomposição da ação total. Como todo exercício habitual do corpo, enfim, ela armazenou-se num mecanismo que estimula por inteiro um impulso inicial, num sistema fechado de movimentos automáticos que se sucedem na mesma ordem e ocupam o mesmo espaço (...) A lembrança da lição aprendida, mesmo quando me limito a repetir essa lição interiormente, exige um tempo bem determinado, o mesmo que é necessário para desenvolver um a um, ainda que em imaginação, todos os movimentos de articulação requeridos: portanto não se trata de uma representação, trata-se de uma ação (*M.M.*, p. 86).

A “Memória-Acontecimento”, por sua vez, está ligada ao nosso eu profundo. Ela não possui características do hábito, pois é composta por imagens que se imprimem de imediato à memória enquanto lembrança pura. Esta não tem qualquer existência psicológica porque ela é tomada como “virtual”, inativa e inconsciente⁹⁷.

lembrança pura. Utilizamo-nos do primeiro conceito em nosso trabalho por acreditar que ele se adéqua ao sentido original bergsoniano (BERGSON, 2010, p.85). Por outro lado, não usamos a denominação “memória-sonho” por acreditarmos que tal desígnio pode induzir uma associação nostálgica ao passado.

⁹⁷ É importante, contudo, lembrar que o Bergson não utiliza o termo “inconsciente” como o fez Freud. O pai da psicanálise designava por inconsciente uma realidade psicológica fora da consciência. Bergson, por sua vez, conceituava o inconsciente para designar uma realidade não psicológica, uma realidade ontológica e metafísica não presente.

A lembrança de tal leitura, a segunda ou a terceira, por exemplo, não tem nenhuma das características do hábito. Sua imagem imprimiu-se necessariamente de imediato na memória, já que as outras leituras constituem, por definição, leituras diferentes. É como um acontecimento de minha vida. (...) A consciência nos revela entre esses dois tipos de lembrança uma diferença profunda, uma diferença de natureza. A lembrança de uma determinada leitura é uma representação, e não mais que uma representação; diz respeito a uma intuição do espírito que posso, a meu bel-prazer, alongar ou abreviar; eu lhe atribuo uma duração arbitrária: nada me impede de abarcá-la de uma só vez, como um quadro (*M.M.*, p. 86-87).

Esses dois tipos de memória contribuem para que vivenciemos a atividade consciente em duas direções, correspondendo a dois aspectos do “eu”: *o eu superficial* e *o eu profundo*.

O *eu superficial* se ocupa do mundo dos objetos em virtude das necessidades da ação para as necessidades que a vida impõe para permanecer viva. Muitas vezes, contudo, permanecemos presos a esse exercício superficial do eu, condicionados a atividades práticas da rotina e do cotidiano.

O *eu profundo*, no entanto, se trata de uma espécie de coincidência da consciência interior com uma autenticidade vivida na dimensão universal metafísica. Atingimo-lo por meio de uma reflexão aprofundada. Todavia

Os momentos em que voltamos a ser donos de nós próprios são raros, e é por isso que raramente somos livres. Na maior parte do tempo, vivemos exteriormente a nós mesmos, não percebemos do nosso eu senão o seu fantasma descolorido, sombra que a pura projeção projeta no espaço homogêneo. A nossa existência desenrola-se, mais no espaço do que no tempo: vivemos mais para o mundo exterior do que para nós; falamos mais do que pensamos; “somos agidos” mais do que agimos. Agir livremente é retomar a posse de si, é situar-se na pura duração (*D.I.*, p. 173-174).

Duração



Foto 6: Fotograma da Cena do Café da película “A Liberdade é Azul”⁹⁸

Se eu quiser preparar-me um copo de água com açúcar, por mais que faça, terei de esperar que o açúcar derreta. Esse pequeno fato é rico de ensinamentos. Pois o tempo que tenho de esperar não é mais o tempo matemático que continuaria podendo ser aplicado ao longo da história inteira do mundo material, mesmo que esta se esparramasse de golpe no espaço. Ele coincide com minha impaciência, ou seja, com uma certa porção de minha duração própria, que não pode ser prolongada ou encurtada à vontade. Não é mais algo pensado, mas algo vivido. Já não é uma relação, é um absoluto (E.C., p. 10).

(...) Os cinco anos passaram tão rápidos, mas tão devagar ao mesmo tempo, que fiquei surpresa de finalmente (e tão rápido) recebê-la.

⁹⁸ “A Liberdade é Azul” (Trois couleurs: Bleu) é um filme francês, polonês e suíço de 1993, do gênero drama, dirigido pelo cineasta polonês Krzysztof Kieslowski. É o primeiro filme da série “Trilogia das Cores”, baseada nas três cores da bandeira francesa, e nas três palavras do lema da Revolução Francesa - liberdade, igualdade e fraternidade. Foi seguido pelos filmes Trois couleurs: Blanc (1994) e Trois couleurs: Rouge (1994). Julie, a protagonista do filme, é a esposa de um renomado maestro e compositor francês que morre em um desastre automobilístico com a filha do casal, de apenas cinco anos de idade. A mulher, única sobrevivente da tragédia, vê-se na situação de ter que lidar com essas perdas e seguir sua vida, recebendo a encomenda de finalizar uma composição para coro e orquestra que havia sido encomendada ao seu esposo, uma canção pela unificação da Europa. A tarefa a levará a descobrir detalhes da vida do esposo que ela desconhecia, e a se envolver com outro homem, amigo do casal. A famosa “Cena do café” deste filme (disponível através do link <http://www.youtube.com/watch?v=viXfr7hTI1o>, em 29/03/2012) pode ser utilizada como metáfora viva para explicar o conceito bergsoniano de *duração*.

Francelise Cappellaro (CC, 2008, linhas 2503-2505).

Se o tempo é uma linha, somos novo. ⁹⁹ Passado, presente e futuro não são tempos que se sucedem, mas se sobrepõem. Francelise deixa claro no fragmento acima que a vivência da espera de sua própria carta foi experimentada como rápida e lenta ao mesmo tempo. Mas como pode um tempo ser experimentado de duas maneiras tão distintas e até contraditórias? O que parece ser uma percepção idiossincrática do tempo de espera para receber sua própria carta é na verdade a vivência de um tempo absoluto. Trata-se do encontro de Francelise com aquilo que *dura*.

A intuição da duração foi considerada pelo próprio Bergson o princípio ¹⁰⁰ e o cerne de sua obra:

No meu entender, qualquer resumo dos meus pontos de vista os deformará no seu conjunto e os exporá, por isto mesmo, a muitas objeções, se não se coloca primeiramente e não se volta sempre àquilo que considero como o centro de minha doutrina: a intuição da duração (Carta a H. Höffding – Apêndice do livro de Höffding sobre Bergson, citado por Franklin Leopoldo e Silva, 1994, p. 35).

⁹⁹ Caderno de Campo, Mangunde – Moçambique, 06/03/06. Esse escrito foi produzido em meio às minhas convivências junto ao povo Ndau, no interior da Província de Sofala – Moçambique. A língua Ndau, assim como parecem ser outras línguas bantas, não conjuga seus verbos no tempo futuro. As pessoas não sistematizam seus tempos de vida em anos. As horas do dia também não são contadas. Para se marcar um encontro, combina-se um local e aponta-se com a mão onde o sol estará aproximadamente no momento agendado. Claro que existe naquela cultura o conceito de porvir. E, obviamente, ele está também relacionado aos ciclos da vida daquele cotidiano. Contudo, os modos de vida tradicionais parecem não serem atrelados a um tempo quantificável, mas qualificável. Ao perguntarmos, por exemplo, “Quanto tempo demorará uma refeição?” possivelmente ouviremos: “O tempo da refeição”. Ao indagarmos sobre “Quanto tempo levará esta celebração?” escutaremos: “O tempo da celebração”.

¹⁰⁰ Bergson diz numa carta que depois de ter tido a intuição da duração pensou que era tão evidente por si mesma que toda a gente o iria perceber. E de início estranhou que assim não fosse. Essa primeira intuição da duração surgiu a Bergson quando ele explicava numa aula os paradoxos de Zenão. Em seus *“Cursos sobre a Filosofia Grega”*, Bergson apresenta Zenão como pertencente à Escola de Eléia (C.G., p.86-79). Tal Escola se caracterizava pela crença no princípio: “o não-ser não é” (*τό μή ὄν οὐκ ἐστίν*). A partir desse princípio, acreditava-se na impossibilidade da mudança. Todo movimento era considerado, portanto, ilusório. Zenão postulou alguns argumentos contra o movimento. Talvez o que tenha ficado mais famoso foi o paradoxo de Aquiles, no qual o mais lento nunca será atingido pelo mais rápido, uma vez que, antes de alcançar aquele que foge, aquele que persegue deve primeiro alcançar o ponto de partida do outro, sendo que esse raciocínio pode ser repetido infinitamente. Ao falar sobre o paradoxo de Aquiles e da tartaruga, Bergson diz que percebeu que a tradição filosófica anterior tinha traduzido o tempo em espaço.

Costa (2009) ressalta que a tradução do conceito bergsoniano de *durée* parece ser consensual para o termo *duração*. Isso porque em português "duração" abarca o sentido de um certo período de tempo, mas também a ideia fundamental de algo que persiste ou resiste, que "passa" continuamente de um momento a outro. Segundo a autora, se traduzíssemos *durée* por "durabilidade", por exemplo, perderíamos a semântica própria de "duração":

Consideramos, ainda, digno de nota que, em termos etimológicos, no verbo latim *durare* - de onde provêm quer o termo francês *durée*, quer os ingleses *duration* e *durance*, quer o português *duração* -, se encontrem presentes significados como "endurecer", "fortificar", "subsistir" e "perseverar" que, em termos filosóficos, remetem para uma metáfora com que Bergson se refere à "duração". A "dentada"¹⁰¹ da duração deixa nos seres a marca da permanência temporal, endurece-os e fortifica-os, permitindo-lhes superar uma existência enquanto justaposição inconsequente de momentos desligados e autônomos e conferindo-lhes a perseverança do estofado mais resistente e substancial de todos: o tempo (COSTA, 2009, p. 4.).

À ideia de *duração* não remete ao sentido de formas imutáveis. Pelo contrário. Ao encontrarem suas próprias cartas de cinco anos atrás os participantes da Dinâmica das Cartas percebem o quanto mudaram. Pois "se hoje, sob a influência das mesmas condições exteriores, não procedo como o fazia ontem, isto nada tem de extraordinário, porque mudo, porque duro" (*D.I.*, p.158).

Além disso, cabe-nos aqui mais uma vez explicitar que a percepção de *duração* não remete a uma noção psicológica individualizante. Perceber a vida em duração é experimentar um eu profundo. E a noção psicológica profunda somente pode ser compreendida aberta para o universal.

Ser dono de seu próprio tempo é fortalecer-se por estar em consonância com sua *duração*. E isso é ao mesmo tempo singular e universal. Singular à

¹⁰¹ "A duração real é aquela que morde as coisas e nelas deixa a marca de seus dentes" (*E.C.*, p. 50).

medida que me reconheço em minha autonomia. Universal à medida que me sinto mais vivo por estar conectado à alma do mundo.

A dificuldade, mais uma vez, pode residir em nossa incapacidade, frente às demandas que a vida cotidiana e superficial nos impõe, em contemplar o tempo que não pode ser medido, mas apenas contemplado. A Dinâmica das Cartas, por sua vez, se constituiu em um dispositivo de reflexão sobre aquilo que dura e, portanto, fortalece o vivo. O fragmento abaixo de um e-mail de Clarissa de Souza Carvalho ilustra isso belamente:

(...) Não amei minhas ruínas porque não as respeitei, cometi um pecado historiográfico: o anacronismo. Justamente quando mais dentro do meu curso (História) estou. Não respeitei minhas ruínas porque esqueci que elas são datadas, tem e fazem parte de um tempo próprio - aquele tempo que vemos quando olhamos para as estrelas que não estão mais ali. Aquele tempo que não se repete. Se eu falava e escrevia com aqueles conceitos, era porque eu vivia aquilo, aquilo era coerente com aquele presente e foi parte importante da minha formação. Não é nem pode ser com o presente de hoje e tampouco posso medir aquele momento com meus instrumentos de hoje. Perceber isso me fez fazer as pazes comigo mesma (CC, 2008, linhas 3204-3213).

Pensar em duração é mirar com respeito¹⁰² a jornada da vida que está sendo percorrida, dando-se conta de que “aquele tempo que vemos quando olhamos para as estrelas que não estão mais ali” não pode ser medido porque ele é de natureza intensiva e não extensiva.

Cometemos “pecados historiográficos” quando tentamos homogeneizar o tempo para tentar medi-lo. Nesse caso, tentamos esquecer de que cada vivência faz parte de seu “tempo próprio” e tentamos atribuir à duração uma forma ilusória e homogênea (*D.I.*, p.82).

Durar significa continuar a ser. Para Bergson, a vida psíquica do sujeito é composta por sucessões e não por justaposições. As sensações que tivemos há cinco anos já não são as mesmas. A *duração* é experienciada por sensações que estão mudando constantemente e que se interpenetram de

¹⁰² Etimologicamente, a palavra respeito vem do latim *res-pectare* (CUNHA, 2001, p.678); re-espectar, re-ver.

uma forma que não permite ser desdobrada em momentos estanques. A ilusão de que se está a experimentar a mesma sensação de cinco anos atrás, por exemplo, decorre do fato de que os objetos causadores dessa sensação podem permanecer os mesmos, bem como as designações verbais que utilizamos para nomear essas sensações.

Por isso não efetuamos por meio desta tese uma análise comparativa entre a descrição dos estados de consciência dos participantes da Dinâmica das Cartas no intervalo de cinco anos. Isso seria um esforço inócuo e ilusório. Buscamos sim evidenciar os relatos nos quais eles, ao entrarem em contato com a duração de suas vidas, pensam e escrevem acerca dos objetivos e sentidos de suas vidas (individualmente e universalmente) por meio da intuição.

Experiência Integral: Inteligência, Intuição e *Élan Vital*

Hesitamos muito tempo em nos servir do termo “intuição”; e, quando nos decidimos a empregá-lo, designamos por esta palavra a função metafísica do pensamento: principalmente o conhecimento íntimo do espírito, subsidiariamente o conhecimento, pelo espírito, do que há de essencial na matéria, uma vez que a inteligência fora feita sobretudo para manipular a matéria e conseqüentemente para conhecê-la, mas não para tocar-lhe o fundo (*I.M.*, p.33).

Inteligência e Instinto possuem uma vinculação diferenciada em relação à natureza. A primeira possui uma relação indireta com a natureza. Trata-se de um processo que necessita de intermediações racionais e lógicas para produzir coisas úteis e práticas ao ser humano a partir da matéria, dos objetos. Assim sendo, ela não consegue penetrar na realidade movente da natureza. A segunda, por sua vez, possui uma relação simpática e íntima com a natureza, mas não consegue ultrapassar a materialidade em direção à consciência pura. Sintetizando esse dilema, Bergson afirma que “Há coisas que apenas a inteligência é capaz de procurar, mas que, por si mesma, não encontrará

nunca. Essas coisas, apenas o instinto as encontraria; mas não as procurará nunca” (*E.C.*, p. 164).

Durante a evolução da humanidade, a inteligência construiu um modo de pensar adequado à matéria inorganizada, considerando-a como descontínua e imóvel. Mas esse modo de produzir conhecimento continua sendo usado quando considera também o vivo organizado. Isso nos conduz a um vício original de supor que somente há este jeito de pensar, partindo de conceitos definidos para abarcar a realidade. Porém, nosso espírito pode seguir o processo inverso, aprendendo a realidade intuitivamente. Por isso que Bergson afirma que “Filosofar consiste em inverter a marcha habitual do trabalho do pensamento” (*I.M.*, p.31-32).

Porém, a maioria dos sistemas filosóficos não se ajusta a esse propósito por serem demasiadamente vagos e por lhes faltarem precisão (*P.M.*, p.101). Tais problemas teriam iniciado, para Bergson, “no dia em que Zenão de Eléia assinalou as contradições inerentes ao movimento e à mudança, tais como nossa inteligência os representa” (*P.M.*, p.104). Em outras palavras, a “frouxidão” dos sistemas filosóficos residia na intenção de procurar a realidade das coisas

acima do tempo, além do que se move, do que muda, substituindo à experiência móvel e plena, suscetível de um aprofundamento crescente, repleta por isso de revelações, um extrato fixo, seco, vazio, um sistema de ideias gerais abstratas, tiradas desta mesma experiência, ou antes, de suas camadas mais superficiais. Seria o mesmo que dissertar sobre o invólucro donde sairá a borboleta voando transformando-se, vivendo, tenha sua razão de ser e sua perfeição na imutabilidade daquela película (*P.M.*, p.105).

Além de um meio de conhecimento, portanto, Bergson concebe a intuição como um método filosófico, “o qual tem regras estritas que o determinam de forma própria e o distinguem do método filosófico tradicional tal como ele o compreende” (PINTO, p.111). Tal método objetiva afastar o pensamento dos universalismos abstratos e simbólicos para “o inserir, através da intuição, no imediato da realidade movente e concreta da duração viva das coisas” (PINTO, p.115).

Todavia, a intuição acaba por se utilizar de conceitos, da inteligência em última instância, para se exprimir. A inteligência, por seu turno, não necessariamente se utilizará da intuição para explicar a realidade. Ou seja, há uma “não-reciprocidade do relacionamento entre inteligência e a intuição” (NEVES, In *I.F.*, p. 29).

A ciência, portanto, enquanto obra da inteligência, somente nos traz uma tradução da vida de forma artificial e inerte, sem penetrá-la. Apenas a intuição nos conduz, enquanto um método, de maneira imediata, à reflexão profunda sobre a vida, impulsionada pelo *Élan Vital*.

Élan Vital é um termo bastante característico da filosofia de Bergson. É por meio de sua obra *Evolução Criadora*, de maneira especial, que o filósofo desenvolve a sua teoria da evolução, no qual o “*élan* original da vida” ocupa local central. Tal teoria da evolução bergsoniana¹⁰³ insiste em um *impulso vital* que marca todo ser vivo. O *Élan Vital* é a energia que impulsiona a recriação e a evolução de todas as formas de vida:

Quanto mais a duração marca o ser vivo com seu selo, mais evidentemente o organismo se distingue de um mecanismo puro e simples sobre o qual a duração desliza sem penetrar. E a demonstração adquire sua máxima força quando versa sobre a evolução integral da vida desde suas mais humildes origens até suas formas atuais as mais altas, na medida em que essa evolução constitui, pela unidade e pela continuidade da matéria animada que a suporta, uma única e indivisível história. Por isso, não compreendemos como é possível que a hipótese evolucionista passe normalmente por aparentada à concepção mecanicista da vida (*E.C.*, p. 40-41).

Pode-se compreender *Elán Vital* como um vento de vida que “irrompe em uma encruzilhada dividindo-se em correntes divergentes, que são todas apenas um único e mesmo sopro” (*E.C.*, p.55). Trata-se de um movimento de diferenciação e de criação da vida, concebendo-se “a diferenciação nunca

¹⁰³ A teoria da evolução bergsoniana é uma resposta à visão positivista e mecanicista da ciência contemporânea a Bergson. O filósofo se utiliza de inúmeros exemplos científicos de seu tempo, especialmente na obra *Evolução Criadora*, para formular seu pensamento. Como já afirmamos anteriormente, não é objetivo deste trabalho adentrarmos na natureza dos experimentos científicos utilizados por Bergson.

como uma negação, mas uma criação, e a diferença nunca como negativa, mas essencialmente positiva e criadora” (DELEUZE, 1999, p.82).

Em sua obra *As Duas Fontes da Moral e da Religião*, Bergson aponta ainda que o *Élan Vital* pode ajudar os seres humanos a transcender os modos de vida fechados, como àqueles das sociedades animais regidas pelo instinto. Apesar de termos essa potencialidade, a humanidade ainda não evoluiu (e talvez nunca evolua) ao ponto de vivermos em uma sociedade única que ofereça a conformação moral para acolhida de todos os humanos em seu seio. No entanto, Bergson avalia que a alguns seres humanos são concedidos a capacidade de transcender o que a natureza, pelo instinto, oferecera:

Assim como se encontraram homens de talento para ampliar os limites da inteligência, que se concedeu com isso a indivíduos, vez por outra muito mais do que fora possível dar à espécie de uma só vez, assim surgiram almas privilegiadas que se sentiam aparentadas a todas as almas e que, em vez de continuar nos limites do grupo e de se ater à solidariedade estabelecida pela natureza, portavam-se em geral para com a humanidade num **ímpeto de amor**¹⁰⁴. O aparecimento de cada uma delas era como a criação de uma espécie nova composta de um indivíduo único, conseguindo, **o impulso vital**¹⁰⁵, de longe em longe, em determinado homem, um resultado que não poderia ser obtido imediatamente em toda a humanidade. Cada um deles assinalava assim certo ponto atingido pela evolução da vida; e cada uma delas manifestava sob uma forma original um amor que parece ser a própria essência do esforço criador (*D.S.*, p. 78).

Concordamos com Bergson que, em conexão com o *Élan Vital*, os seres humanos podem se imbuir de um “ímpeto de amor”, se solidarizando com todas as almas e buscando o “sonho de uma revolução radical” (*D.S.*, p.78). Porém, acreditamos ser um risco atribuir às grandes inteligências ou às grandes almas uma concessão privilegiada de um talento da natureza. Talvez tal afirmação de Bergson tenha ocorrido porque ele, ao falar de educação, “preocupou-se antes em fixar ideias do que indicar normas e processos” (TREVISAN, 1995, p.129).

¹⁰⁴ Grifo nosso.

¹⁰⁵ Grifo nosso.

Martins (2008, p.21), por sua vez, ressalta o risco de atribuirmos o progresso da ciência a gênios como Einstein. A ideia de um cientista genial é, geralmente, uma distorção histórica. Ao mesmo tempo em que Einstein publicou sua teoria da relatividade, por exemplo, outros pesquisadores estavam caminhando para a formulação de trabalhos semelhantes:

A teoria da relatividade exige muito conhecimento matemático e tinha um grupo de italianos desenvolvendo esse trabalho. Pessoas como Hilbert¹⁰⁶, estavam também caminhando para a formulação de uma coisa parecida com a relatividade geral. Então a coisa estava “no ar”. Depois que as equações fundamentais da relatividade geral são publicadas, logo em seguida, praticamente todos os resultados mais importantes não são mais de Einstein. A primeira solução exata das equações de campo de Einstein, que descreve o campo, por exemplo, de uma estrela sem rotação, é chamada solução de [Karl] Schwarzschild¹⁰⁷, porque foi Schwarzschild quem a obteve – e que é fundamental até hoje para você estudar órbitas de planetas no campo do Sol, para entender buracos negros – e Einstein não conseguiu chegar nisso. Os modelos cosmológicos com expansão do Universo não são de Einstein, devem-se a outras pessoas. **Devemos começar a evitar um pouco essa questão do “grande gênio”, “a pessoa que faz tudo sozinha” porque distorce a realidade da pesquisa científica**¹⁰⁸ e principalmente é uma péssima mensagem para os jovens, porque se você acredita que de vez em quando parece um extraterrestre como Einstein, que nasce com uma cabeça privilegiada, então você passa essa ideia para os nossos jovens, aí um deles vai se lamentar: “Parece que não sou extraterrestre; tenho a certidão de nascimento aqui, eu nasci em Mogi Mirim e não acho que eu seja totalmente diferente dos meus colegas, então não sou um ‘Einstein’ O que vou fazer na vida? Não vou dar nenhuma contribuição importante para a ciência”. Acho que em termos de mensagem, você tentar mostrar que tem uma pessoa genial, muito melhor, é contraproducente, além de ser falso historicamente. Acredito que é conveniente começarmos a contar uma outra história e mostrar como a física é o resultado do trabalho de muitas pessoas que a gente não conhece – e não é que são as formiguinhas que ajudam com uma migalha, não; são pessoas que fazem coisas muito importantes, fundamentais, mas de que não ouvimos falar por causa dessas distorções. A gente quer ídolos, a gente quer o Super Homem, a gente não quer os seres humanos trabalhando.” (MARTINS, 2008, p.21)

¹⁰⁶ David Hilbert, matemático alemão (1862-1943).

¹⁰⁷ Karl Schwarzschild, físico alemão (1873-1916).

¹⁰⁸ Grifo nosso.

Martins é preciso ao demonstrar que a personificação da genialidade é uma distorção histórica e um desserviço para a ciência, pois afasta os jovens do trabalho científico. Afinal, se o jovem não nasceu um “Einstein” não poderia dar sua contribuição à ciência. Ora, sabemos que ninguém nasce inteligente ou “burro”. A inteligência, enquanto a capacidade de se adaptar e encontrar soluções para a vida prática,¹⁰⁹ parte de reflexos instintivos que evoluem processualmente em interação com o mundo. Nesse sentido, o papel do educador enquanto um mediador entre o conhecimento e o mundo é fundamental. Ou seja, há uma **“Pedagogia da Inteligência”** que se ocupa em desenvolver a inteligência e a construção de conhecimentos por parte dos educandos.

De maneira similar, personificar a magnanimidade¹¹⁰ também pode se constituir em um desserviço para uma ascese (*ασκησις*¹¹¹), para um aprimoramento da alma, para uma evolução espiritual. Afinal, se não somos um Francisco de Assis, por exemplo, não poderíamos dar nossa contribuição à evolução da humanidade. Portanto, discordamos de Trevisan (1995, p. 129) quando ele apresenta que “o herói, o gênio e o santo” apresentam o modelo, a plenitude e a totalidade de uma formação integral, nos moldes bergsonianos. Ora, ninguém nasce magnânimo ou desalmado. A Intuição é a capacidade de entrar em contato com o *Élan Vital* que está em todo ser vivo. Nesse sentido, o educador também possui um papel de um mediador entre a sabedoria e o mundo. Ou seja, há uma **“Pedagogia da Intuição”** que pode se ocupar em desenvolver processualmente a intuição, o aprimoramento amoroso de si e o *bom senso*¹¹² em vista de uma **experiência integral** por parte dos educandos. Afinal, o amor não é somente um “ímpeto”, mas um processo.

Insistimos no caráter processual de uma Pedagogia da Intuição por acreditar que é por meio da experiência integral que a vida se aprimora profundamente. O aprimoramento da sabedoria, por exemplo, exige tempo.

¹⁰⁹ Embora não caiba aqui desenvolver mais largamente o que entendemos por inteligência, é importante ressaltar a influência dos trabalhos de Jean Piaget (1964; 1969) para a formulação de nosso pensamento sobre o conceito.

¹¹⁰ Encontramos em Cunha (2001, p. 489) o significado etimológico do termo “Magnânimo”: Magno (grande importante) + animus (alma). Ou seja, “Grande Alma”.

¹¹¹ Exercício, prática, treino. Um modo, um estilo de vida. (LIDDELL & SCOTT, s/d, p. 124).

¹¹² O bom senso foi considerado por Bergson enquanto a “um certo hábito de permanecer em contato com a vida prática, mesmo sabendo olhar para mais longe “ (Carta ao Reitor Octave Gréard, In *E.P.*, vol 1, p. 83)

Mas nem todos parecem ficar sábios com o transcurso do tempo. Mais do que a quantidade do tempo, o diferencial para a formação de um sábio reside na qualidade do tempo vivido. Não é difícil transpor essa discussão para a escola. Há praticamente um consenso de que todas as crianças deveriam passar boa parte do tempo de suas vidas em instituições educacionais. Mas até que ponto o vivido na escola *dura* na vida das crianças? O que dita a quantidade e a qualidade do tempo do estudante? Qual pedagogia melhor contribuiria para que a educação se constitua enquanto uma experiência integral?

Já vimos então que inteligência e intuição, assim como a ciência e a filosofia, se distinguem pelo objeto de estudo e pelo método – “a primeira investigando a realidade material guiada pelo método da inteligência e a segunda buscando conhecer a realidade espiritual guiada pela intuição” (PINTO, p. 116). Todavia, embora se distingam pelo modo como apreendem o mundo, também se relacionam. Igualmente, também estudamos que se trata de uma relação de não-reciprocidade. Porém, resta-nos, ainda, uma pergunta fundamental para uma Pedagogia da Intuição: **Como integrar inteligência e intuição; ciência e filosofia?** Segundo Bergson, isso ocorre pela experiência. Mas não qualquer tipo de experiência; o método da intuição almeja a **experiência integral**.

Se atentarmos para a precisão do método da intuição, perceberemos que ele não ocorrerá por meio

(...) de um resumo ou de uma síntese de conhecimentos. Deles se distingue como o impulso motriz se distingue do caminho percorrido pelo móvel, como a tensão do elástico se distingue dos movimentos visíveis do pêndulo. Neste sentido, a metafísica nada tem em comum com uma generalização da experiência e, entretanto, ela se poderia definir como a *experiência integral* (I.M., p.39).

Bergson se utiliza do termo “experiência integral” em seu texto *Introdução à Metafísica*. Trata de um conceito central da obra de Bergson que surge enquanto uma proposição para o problema da ausência de uma teoria filosófica da relação entre matéria e espírito, inteligência e intuição, ciência e

filosofia. Uma teoria intuitiva que leve em conta os dados observados pela inteligência e pela ciência.

Encontramos no célebre texto de Bergson *Intuição Filosófica* uma espécie de proposição didática para a experiência integral:

Desçamos agora para o interior de nós mesmos: quanto mais profundo for o ponto que conseguirmos atingir, mais forte será o impulso que nos reenviará à superfície. A intuição filosófica é esse contato, a filosofia esse ímpeto (*élan*). Reconduzidos ao exterior por um impulso vindo de dentro, alcançaremos a ciência à medida que nosso pensamento desabrochar, dispersando-se (*I.F.*, p.58).

Inspirados pelo do trabalho de LEOPOLDO E SILVA (1994, p.43-45), propomos três etapas para a realização de uma experiência integral por meio de uma Pedagogia da Intuição: 1) Observação Interna; 2) Germinação do Pensamento e 3) Bom Senso.

1) Observação Interna:

Por meio da intuição descemos para o interior de nós mesmos ao encontro do nosso eu que dura. Afinal, “podemos não simpatizar intelectualmente, ou melhor, espiritualmente, com nenhuma outra coisa. Mas simpatizamos, seguramente, conosco mesmos” (*I.M.*, p.15). Ao encontraremos nosso eu profundo entramos em contato com o ritmo próprio da consciência, com nossa própria fluidez. E quanto mais profundo for o ponto atingido, maior a força do *élan vital*. Não se trata, todavia, de um movimento intimista e individualista, mas o reencontro com a duração psicológica,

2) Germinação do Pensamento

“Reconduzidos ao exterior por um impulso vindo de dentro (...)” há um processo de materialização progressiva da consciência. Neste segundo passo, a inteligência é encharcada da intuição. Trata-se de “uma intuição vaga do que possa ser a inserção do espírito na matéria” (LEOPOLDO E SILVA, 1994, p. 44). Com um pouco mais de distância, o sujeito contempla os fatos e pensa de

maneira fluída, mas ainda dispersa. A energia vital advinda da observação interior provoca a inteligência a encontrar uma fluidez e uma criatividade que acompanhe o movimento da vida.

3) Bom Senso

Depois de a Intuição ter nos conduzido para o interior de nós mesmos, encontrando nossa própria duração e o *Élan Vital*, e sermos reconduzidos à superfície, se faz necessário o reequilíbrio da inteligência “eliminando as ideias feitas para deixar o caminho livre às ideias que se fazem, e se modelando sobre o real pelo esforço contínuo de uma atenção perseverante” (B.S., p. 160). Para tanto, Bergson considerava o bom senso como “a atenção mesma, orientada no sentido da vida” (E.P., vol 1, p. 86). Assim, atingimos o equilíbrio entre a concretude da vida prática e a experiência que a consciência pode ter de si mesma. Ou seja, é pelo exercício do bom senso que a experiência se integra. Em suma, é pela intuição que a inteligência se educa:

Analisando a concepção bergsoniana de bom senso, talvez pudéssemos chegar à conclusão de que a dimensão pedagógica da intuição (e, de certo modo, também do bom senso), em seu sentido mais fundamental, seria a de educar a própria inteligência, impedindo-lhe os exageros e a confiança desmedida em suas deduções – tanto no campo da ciência e da filosofia, quanto no da vida prática –, por meio da concretização de uma maior simpatia do pensamento com a duração real e viva das coisas (PINTO, p.189)

A Pedagogia da Intuição objetiva, em outras palavras, ponderar inteligência com sabedoria; objetivos de vida com sentidos de vida. Ora, estabelecer um objetivo de vida é pretender chegar nalgum lugar. É traçar uma rota. Planificar. E, como geralmente temos pressa de chegar, buscamos a reta (que é a menor distância entre dois pontos) e o plano (porque desprendemos mais energia em terrenos acidentados). Assim, geralmente representamos um objetivo de vida como uma reta em um plano bidimensional. Olhando com bom senso, porém, percebemos facilmente que nada do que é vivo é reto. A reta é

uma pretensão humana. Tudo o que é vivo, em convivência com os outros seres e suas ambiências, precisa buscar caminhos que contornem obstáculos, que se bifurcam e se entrecruzam. Pois

(...) é em vão que se gostaria de conferir à vida um objetivo, no sentido humano da palavra. Falar de um objetivo é pensar em um modelo preexistente ao qual falta apenas realizar-se. É, portanto, supor, no fundo, que tudo está dado, que o porvir pode ser lido no presente. É acreditar que a vida, em seu movimento e em sua integralidade, procede como nossa inteligência, a qual é apenas uma vista imóvel e fragmentária que tomamos da vida e que se coloca sempre naturalmente fora do tempo. A vida, ela, progride e dura. Sem dúvida sempre será possível, deitando um lance de olhos ao caminho já percorrido, marcar-lhe a direção, anotá-la em termos psicológicos e falar como se tivesse havido persecução de um objetivo. É assim que nós próprios nos expressamos. Mas, acerca do caminho que iria ser percorrido, o espírito humano nada tem a dizer, pois o caminho foi criado ao mesmo passo que o ato que o percorria, não sendo mais que a direção desse ato ele próprio. A evolução deve portanto comportar a todo instante uma interpretação psicológica que, de nosso ponto de vista, é sua melhor explicação, mas essa explicação só tem valor e mesmo significação no sentido retroativo (idem, p.55-56).

Ou seja, os sentidos da vida se evidenciam à nossa consciência pela contemplação dos caminhos. E podemos contemplar nossas passagens enquanto as percorremos, mas também em algumas paradas pela estrada. Imersos no cotidiano, tendemos a não reparar as paisagens das quais fazemos parte. Tampouco, miramos as passagens pelas quais circundamos. Habitados à trilha já percorrida, parece-nos natural, percorrê-la. Com muita perspicácia, Anelise Valls nos aponta que a Dinâmica das Cartas também surge como uma clareira durante a caminhada feita no meio de uma floresta fechada. Nela há reduzidos caminhos visualizados para quem anda com pressa, com viseira imposta pelos seus muitos “que-fazer”:

Do contato com as cartas assimilo como uma espécie de acolhida de nós próprios, como um lugar de parada e de reencontro, onde nos acolhemos e nos sentimos novamente. O

material das cartas é um lugar que se abre, que criamos a abertura através do papel ao redigi-las e propor uma escrita a nós mesmos, dando vida nas escritas: primeiro a nós próprios numa nova perspectiva de esperança na releitura e, depois, às obras exprimidas no papel que passam a existir por si, que repousam em si mesmas e aguardam o seu momento de aparição novamente (depois de anos). Esse lugar aberto, iluminado, Heidegger chama de *clareira*. Tal como é: um lugar claro num âmbito de escuro, de floresta, de fechamento ao redor. Ele usa esse termo no sentido de possibilidade histórica: é um lugar acolhedor iluminado para resguardar, abrigar, são caminhos que não levam a lugar nenhum. São espaços de parada, tal como um caminhar pela floresta que nos faz deter, que nos desloca para uma clareira, um meio que não é nada, no sentido de que é uma possibilidade que envolve esta posição aberta, um círculo no qual nós podemos nos colocar. Num sentido profundo da experiência as cartas, enquanto nossas obras foram algo que tinham autonomia e se deram nesse espaço de abertura, elas erigiram-se, instauraram-se, levantaram-se, se apresentaram numa posição de abertura assumindo-se no campo da subjetividade. Anelise Valls (CC, 2008, linhas 2200-2266).

Heidegger elabora seu conceito de clareira como metáfora do modo e da tarefa do pensamento. O filósofo retoma o termo grego *Alétheia*¹¹³ para abordar o desvelamento que a “clareira do aberto” possibilita.

A claridade acontece no aberto e aí luta com a sombra. Em toda a parte, onde um ente se apresenta em face de um outro que se apresenta ou apenas se demora ao seu encontro (...) A clareira, no entanto, o aberto, não está apenas livre para a claridade e a sombra, mas também para a voz que reboa e para o eco que se perde, para tudo que soa e ressoa e morre na distância. A clareira é o aberto para tudo que apresenta e ausenta (...) A clareira nos afronta com a tarefa de, questionando o fenômeno, dele aprender, isto é, deixar que nos diga algo (HEIDEGGER, 2000, p. 102-103).

¹¹³ ἀληθεία: ato de vagar; errante (LIDDELL & SCOTT, s/d, p.35). É interessante também perceber que o termo *alethéia* é uma palavra composta: “a” significando “sem”, e “lethe”, referindo-se às águas do esquecimento que há no mundo ífero. Na mitologia grega, Letes é um rio de cujas águas a alma do falecido bebe enquanto deixa a existência terrena e adentra o *Hades*. Enquanto a alma bebe das águas do *Letes*, ela esquece a vida anterior. Platão, por sua vez, na *República*, diz que as almas que estão para nascer são requisitadas a beber as águas do *Letes* a fim de esquecer sua antiga existência celeste antes de encarnarem em uma nova vida. (EDINGER, 2005, p. 57). A verdade seria, portanto, alcançada pela ação do não-esquecimento que ocorre pela errância. É pela lembrança errante, despropositada, imediata, que a alma encontra a verdade.

A clareira propicia uma forma de conhecimento evidente por si mesma, “imediateza”, no sentido de se impor por si mesmo e de não necessitar de uma comprovação por parte de nenhuma outra faculdade. Para Bergson, é pela intuição que esse processo ocorre (*D.I.*, p.56-104).

Assim, acreditamos que a Dinâmica das Cartas se constituiu como um dispositivo de uma Pedagogia da Intuição. Ela se tornou uma “clareira” que gerou uma ruptura em meia à rota já traçada pela força do hábito do cotidiano. Assim, a Dinâmica proporcionou aos seus participantes extrapolar a dimensão de um tempo educativo mensurável, colocando-os em contato com o *Élan Vital* no fluxo de suas vidas *em duração*, e oferecendo a possibilidade de pensar de maneira mais fluída e viva, mediante o bom senso.

O fragmento do diálogo abaixo¹¹⁴ ilustra um pouco desse processo:

(...) Marcos Vinícius Vidor – Quando a gente é criança a gente quer ser mais velho, quer ser grande, quer crescer. Então a gente chega na adolescência, a gente está no Ensino Médio e quer estar na faculdade porque na faculdade eu vou estar estudando o que eu quero e não vai ter erro. E daí a gente tá na faculdade e está muito chato e a gente quer estar no mercado de trabalho. E daí a gente chega no mercado de trabalho e o mercado de trabalho é muito estressante e a gente quer se aposentar, e a gente se aposenta pra aproveitar a vida e daí a gente percebe que está no fim da vida e quer voltar a ser criança... mais ou menos isso...(risos)

Alexsandro Machado – E o que vocês acham que este tipo de raciocínio aí que o Vidor falou tem a ver, ou, o que a experiência da carta ajudou vocês a ver essas coisas? Ler vocês mesmos de cinco anos atrás fez vocês pensarem na relação que vocês estabelecem com o tempo de vocês?

Anelise Valls – Acho que a carta serviu pra eu tentar ver não a relação que eu estabeleço com o tempo, mas a relação que eu tenho comigo mesma. Eu versus eu, sei lá... Acho que a carta serviu pra tentar re-buscar, re-capturar e re-vificar pra agora e pra quando eu sair da faculdade e entrar no mercado de trabalho, e pra quando do mercado de trabalho eu me aposentar, e pra quando eu ficar velhinha, de tentar tornar sempre vivas coisas que eu encontrei lá (na escola) e que me fazem aumentar a **chaminha**¹¹⁵.

¹¹⁴ Fragmento da gravação da roda de conversa realizada durante encontro da Confraria da Pandora. Cozinha do Colégio La Salle São João, 07 de Novembro de 2008.

¹¹⁵ Grifo nosso.

Laura Azeredo – Eu acho que seja da amizade principalmente até porque minha carta foi bem diferente da Anelise. Foi uma lista com meus amigos da época pra eu conferir. Tava escrito: “confere aí!” E aí foi tipo um joguinho (risos). Tipo: “Ai, este aqui sim. Este aqui não.” Foi muito louco, assim sabe. Eu falei pro Alex que tem gente que hoje em dia está ali naquela lista e não sabe nem onde eu moro, o que estou fazendo. E têm outros que vejo 3, 4 vezes por semana.

Ari Job Júnior – Esta foi tua carta? Só uma lista?

Laura Azeredo – Não, tinha umas coisinhas umas coisinhas escritas mas...

Ari Job Júnior - ... o essencial, o que era mais importante pra ti, eram os amigos?

Laura Azeredo – Era o mais importante.... Os amigos, assim.. a essência da carta eram os amigos! (...)

Quando crianças queremos crescer. Vamos ganhando importância para o olhar adulto na proporção que deixamos de lado a vivência de um tempo livre. Progressivamente, cumprimos tarefas cujos sentidos – nos dizem – compreenderemos quando crescermos. Corre-se muito para percorrer os objetivos propostos, impostos. E nesse mundo cheio de propósitos, a escola vai ditando seus objetivos, com seus tempos “didáticos” mensurados.

Mas a vida também é feita de despropósitos¹¹⁶. E, no mundo escolar, também se encontram frestas para vivê-los. Esta pesquisa também demonstra que a *duração* da educação parece estar mais conectada aos despropósitos do que aos propósitos, mais ligada aos sentidos da vida do que aos objetivos que possamos traçar na vida.

E isso não se trata de uma ação somente retroativa. Muito pelo contrário. Entrar em contato com o *élan vital* pela *intuição* é tomar consciência através dos *dados imediatos* que se evidenciam pela *duração*, recriando o presente e transformando o futuro, porque

¹¹⁶ Ao nosso ver, a melhor definição sobre a função do despropósito na infância é dada pelo poeta Manoel de Barros: *O menino era ligado em despropósitos. Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos. A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio do que do cheio. Falava que os vazios são maiores e até infinitos (...) a mãe reparava o menino com ternura. A mãe falou: Meu filho, você vai ser poeta. Você vai carregar água na peneira a vida toda. Você vai encher os vazios com suas peraltagens e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos* (BARROS, 1999).

Toda consciência é uma atenção do futuro. Consideremos o direcionamento de nosso espírito em qualquer momento que seja: veremos que ele se ocupa daquilo que existe, mas tendo em vista principalmente o que vai existir. A atenção é uma espera, e não há consciência sem uma certa atenção para a vida. O futuro está ali; ele nos chama, ou melhor, nos puxa para si: essa tração ininterrupta, que nos faz avançar no caminho do tempo, é também a causa de agirmos continuamente. Toda ação é uma invasão ao futuro (*E.S.*, p.5).

Trata-se de uma tomada de consciência que ocorre ao atingimos nosso eu profundo, ao conhecemos com a alma inteira. E isso acontece quando são evocadas memórias-acontecimentos, geralmente expressados por meio de sentimentos, como o amor ou o ódio, como é belamente expressado por esse trechos de Bergson:

Cada um de nós tem a sua maneira de amar e odiar, e este amor, este ódio, refletem a sua personalidade inteira (...) Estes sentimentos, contanto que tenham atingido uma profundidade suficiente, representam cada um a alma inteira, no sentido de que todo o conteúdo da alma se reflete em cada um deles (...) Com efeito, é da alma inteira que emana a decisão livre, e o ato será tanto mais livre quanto mais a série dinâmica a que se liga tender a identificar-se com o eu fundamental (*D.I.*, p. 126-128).

Pela Intuição podemos conhecer mediante uma experiência integral. E assim, conheceremos com a memória-hábito e a memória-acontecimento; com o eu superficial e com o eu profundo; com a alma inteira, enfim.

Ao nosso ver, a “chaminha” abordada por Anelise no diálogo anterior é um nome carinhoso dado ao *élan vital*. Veremos adiante que são muitos os relatos de participantes, a exemplo de Laura Azeredo, que afirmam terem recriado suas vidas no passado e no presente por causa dos laços de amizade estabelecidos na escola.

Todavia, refletiremos no capítulo que segue que há muitas formas de amizade. Nalgumas vezes, a amizade pode se constituir apenas como uma lembrança nostálgica e narcísica. Porém, a amizade também pode se constituir em um autêntico gesto de decisão livre, imbuído de um sentimento profundo, construído de “alma inteira”, propiciando a (re) criação da vida:

A impressão que tenho é que a Dinâmica das Cartas nos ajudou a perceber que podemos criar ritmos absolutamente distintos daqueles que a escola formal nos ofereceu e nos juntou pela primeira vez com seus tempos e espaços bem delimitados (rotina das aulas, 50 minutos por período, recreios, boletins, férias, nova série, etc.) A Dinâmica das Cartas nos ofereceu uma acoplagem de nossos corpos e vidas mostrando-nos que ao longo do tempo podemos ir dando outras formas de organização para o sentido que cimenta, nos gruda (na tua opinião - e na minha também - tal sentimento é o amor-philia!). Alexandro Machado (CC, 2008, linhas 5621-5628) ¹¹⁷

Ao proporcionar uma conexão com o *Élan Vital*, a Dinâmica das Cartas não provocou somente um “ímpeto de amor”. Na verdade, o que sustentou a *duração* e o processo metodológico intuitivo da Dinâmica foram os laços amorosos que estabelecemos, educador e educandos, ao longo desse tempo. A natureza desse amor é a amizade (filos).

¹¹⁷ Enviei este e-mail no dia 04/09/2008 em resposta a uma mensagem de Tatiane Marques Cardoso.

3. A Dinâmica das Cartas e a Amizade



Foto 7: A amizade enquanto experiência integral ¹¹⁸

Vivemos em uma sociedade na qual as relações permitidas são extremamente reduzidas e simplificadas, já que uma sociedade que aceitasse e fomentasse um número maior de relações seria extremamente complexa de administrar e controlar. Todavia, os processos de diferenciação e de libertação característicos da sociedade contemporânea permitem questionar e relativizar a validade e o alcance dos vínculos orgânicos que garantiam a coesão das sociedades tradicionais: religião, família, trabalho, comunidade. O indivíduo deve aceitar esse processo como uma oportunidade para configurar as suas relações, para criar e experimentar novas formas de existência e de comunidade (ORTEGA, 2000, p.41-42).

Após termos discutido os conceitos bergsonianos de Memória, Duração e Experiência Integral, discutiremos neste capítulo o conceito da amizade. Não faremos isso somente porque a amizade é a mais frequente referência à vida

¹¹⁸ Foto de Alexandro dos Santos Machado. Participantes da Dinâmica das Cartas em atividade educativa na Casa de Formação La Salle, em Nova Santa Rita/RS, no dia 22 de Outubro de 2004.

escolar atribuída pelos participantes desta pesquisa, mas porque reconhecemos nela a força amorosa que sustentou a relação de uma Pedagogia da Intuição vivenciada pela Dinâmica das Cartas.

Para tanto, primeiramente teceremos uma breve genealogia da amizade tendo como fio condutor o termo grego *philia*. Em seguida, apresentaremos a amizade enquanto uma experiência integral pela Dinâmica das Cartas.

Uma breve genealogia da amizade

Compreendemos a genealogia como um recurso para a criação de um construto teórico que diz respeito a uma história voltada para o presente. A genealogia traz consigo “a possibilidade de utilizar o conhecimento histórico, tendo em vista o objetivo político de mudar o nosso tempo, constituindo-se, deste modo, em uma crítica da cultura” (CÉSAR, 1998, p.19). Sendo assim, percorreremos a seguir o percurso etimológico da *philia* grega, pois ela nos servirá de fio condutor para compreendermos as mudanças conceituais em torno da amizade.

A *philia* grega

Há quatro verbos em grego antigo que denotam os diferentes aspectos do amor: *eran* (ΕΡΑΨΩ), *stergein* (ΣΤΕΡΓΩ), *philei* (φιλέω) e *agapan* (αγάπη). O primeiro verbo faz referência direta ao deus *Eros*¹¹⁹. Trata-se de um amor apaixonado, sexual, fecundante de todas as coisas (LIDELL & SCOTT, s/d, p. 311). *Stérgein* remete a um amor mútuo estabelecido entre os membros de uma mesma família, entre os reis e seu povo, entre cônjuges. É um amor que concede senso de proteção e de co-responsabilidade. (LIDELL & SCOTT, s/d, p.744) *Philein*, por sua vez, significa um amor amigável, hospitalidade para com os estrangeiros. (LIDELL & SCOTT, s/d, p. 864) Por fim, *agapan* vai ao encontro do amor de deus para com os homens e dos homens para com deus.

¹¹⁹ Eros é uma das divindades mais literárias do panteão grego. Deus do amor muitas vezes representado por pintores e poetas. Contudo, em conformidade com o sentido do substantivo *eros* representava a força abstrata do desejo. Por isso, é o Eros primordial evocado em vários mitos da criação do mundo (BRUNEL, 1998, p.319).

E, mediante essa relação, à caridade e à irmandade (LIDELL & SCOTT, s/d, p.4)

Em um sentido afetivo, na Grécia Arcaica, *philia* é a expressão de proximidade e de relações de parentesco. Em Homero, por exemplo, esse termo referia-se aos homens e objetos que garantiam segurança e independência. Essa necessidade de segurança se exprime igualmente na importância dada às relações de hospitalidade. Trata-se de relações ritualizadas de aliança, uma ética fortemente codificada de acolhida do estrangeiro, do diferente (ORTEGA, 2002, p.18). Uma dessas instituições fundamentais gregas que permaneceu desde a época homérica até a democracia clássica foi a *heteria* (*ετερια*). Trata-se de uma relação política de camaradagem, de responsabilidade mútua (LIDELL & SCOTT, s/d, p. 320), um clube político e militar. Essa forma de associação teve um papel fundamental na vida pública grega. Ela se “constituía como um elemento indispensável da vida política da *polis*” (ORTEGA, 2002, p.22).

Com a passagem da Grécia homérica para a época clássica, e seu consequente deslocamento de uma cultura do clã e da aldeia para uma cultura urbana, houve uma transformação semântica do termo *philia*. De um sentido de parentesco e de proteção familiar, ela passa a compreender, sobretudo, um conjunto de relações interpessoais que englobam um sentido pessoal e emocional, uma experiência espiritual. Porém, a *philia* não perde sua dimensão política e pública, próprio das *heterias*.

Isso fica evidente na etimologia da palavra filosofia (*φιλοσοφία*). O filósofo não é o sábio, mas o amante, o amigo da sabedoria, da verdade e da liberdade (LIDELL & SCOTT, s/d, p.864-865). Trata-se de uma forma, de um estilo de vida, uma ascese. Ser filósofo implica, portanto, um “exercício espiritual” (ORTEGA, 1999, p. 53), mas não realizado de maneira intimista e solitária. Pelo contrário, a ascese filosófica era um exercício pessoal ético e ontológico que necessariamente só poderia existir por meio da vida pública e da política.

Em Platão, o filósofo não se apresenta como amigo de um outro indivíduo, mas em primeiro lugar como “amigo da verdade, da sabedoria e da beleza” (ORTEGA, 2002, p.13). E é por meio da escolha do diálogo que Platão

expressa essa ligação da *philia* com a filosofia. A posição platônica no *Banquete*, por exemplo, tende a dissolver a distinção entre *Eros* e *philia* existente na educação filosófica grega. Platão aponta uma relação de continuidade entre ambos, mas insiste no bom uso do primeiro.

Em Aristóteles, a amizade torna-se uma atividade. Ele propôs uma “fenomenologia da *philia*”, (ORTEGA, 2002, p.36). *Eros* torna-se uma paixão e *philia* um *ethos*. O *Eros* sublimado conduziria à *philia*, tendo um mau *Eros* que corresponderia ao *Eros* sexual. Com isso o componente racional será colocado acima do elemento afetivo. As amizades seriam, portanto, governadas pelas partes mais elevadas da alma.

Da *philia* grega ao *ágape* cristão

Essa relação entre amizade e filosofia permanece na Europa até o século XIII, quando ocorre o divisor de águas entre a teologia e a filosofia, em função da escolástica e do surgimento das universidades (ORTEGA, 2002, p.14). A filosofia passa a ser um discurso teórico. Ocorre então a “substituição da antiga *philia* pelo *ágape*, pelo amor ao próximo do cristianismo, que transformaria um vínculo afetivo, interpessoal, em uma relação abstrata e despersonalizada” (ORTEGA, 2000, p.58).

No Novo Testamento praticamente não são citados os verbos *stergein* e *eran*. Especialmente este último, devido suas relação com *Eros* (ORTEGA, 2002, 58-59). O termo *philia* aparece em uma única passagem, designando a relação de Jesus com seus discípulos, em João 15, 12-17.

Realizaremos agora uma hermenêutica livre desse trecho bíblico para compreendermos melhor a natureza da amizade proposta por Jesus Cristo.

O versículo Jo 15,12 sintetiza, em tom imperativo, o que Jesus espera de seus discípulos:

¹² αὕτη ἐστὶν ἡ ἐντολὴ ἡ ἐμὴ, ἵνα ἀγαπᾶτε ἀλλήλους καθὼς ἠγάπησα ὑμᾶς.

Poderíamos traduzir o versículo de Jo 15, 12 assim: “O meu mandamento é este, que vos ameis (*αγάπη*) uns aos outros assim como eu vos amei (*ηγάπησα*)”. Nesse versículo ainda não aparece nenhum termo referente à *philia*. Na referida citação, Jesus ordena seus discípulos que amem utilizando o verbo “*agapan*”. Mas qual seria a natureza de um amor vivido mediante uma ordem? O *ágape* não é, portanto, um amor espontâneo. Ele é vivido por meio de um exercício espiritual, de uma ascese, que tem Jesus como modelo. A *philia* só surgirá no versículo seguinte, em forma substantivada:

¹³ μείζονα ταύτης ἀγάπην οὐδεὶς ἔχει, ἵνα τις τὴν ψυχὴν αὐτοῦ θῆ ὑπὲρ τῶν φίλων αὐτοῦ.

“Ninguém tem maior amor (*αγάπη*) do que o de dar a própria vida em favor dos seus amigos (*φίλων*).” *Ágape* é o “maior amor” e se apresenta como um verbo. A *philia* é apresentada de maneira passiva. Os amigos (*φίλων*) são aqueles que são os motivos pelos quais aquele que ama divinamente doa a sua vida. É importante contextualizar o momento em que ele afirma isso. Segundo as escrituras, estava se aproximando o momento de sua “Paixão”. Jesus estava prestes a “entregar a sua vida” em nome de seus amigos. Mas qual a natureza da *philia* apresentada por Cristo? No versículo que segue Jesus deixa isso muito claro:

¹⁴ ὑμεῖς φίλοι μου ἐστε ἂν ποιῆτε ἃ ἐγὼ ἐντέλλομαι ὑμῖν.

“Vós sois meus amigos se fazeis o que eu vos mando.” Dentro da ótica cristã, portanto, se quisermos ser dignos do amor divino (*ágape*), expressado em seu gesto máximo que é a doação da própria vida pela morte na cruz, temos que obedecer a Cristo. Trata-se então de uma relação de amizade assimétrica. Porém, o que sustentaria uma relação de amizade assim? O próprio Jesus a explica no versículo seguinte:

¹⁵ οὐκέτι λέγω ὑμᾶς δούλους, ὅτι ὁ δοῦλος οὐκ οἶδεν τί ποιεῖ αὐτοῦ ὁ κύριος· ὑμᾶς δὲ εἵρηκα φίλους, ὅτι πάντα ἃ ἤκουσα παρὰ τοῦ πατρός μου ἐγνώρισα ὑμῖν.

“Já nos vos chamo escravos¹²⁰ (*δούλους*), porque o escravo não sabe o que faz o seu senhor, mas tenho vos chamado de amigos (*φίλους*) porque tudo quanto ouvi de meu pai vos tenho dado a conhecer.” Desse modo, o que sustentaria uma amizade tão assimétrica é uma relação com o conhecimento. A partir de sua condição especial de filho de Deus, Jesus tem acesso pela escuta à verdade. Isso o torna senhor. Porém, em um gesto de amor divino (*ágape*), ele está disposto a entregar sua própria vida àqueles que seriam escravos se não a conhecessem. E por conhecer a verdade pelo seu exemplo, os escravos passam a ser considerados amigos. Cristo está propondo uma amizade enquanto uma ascensão de libertação, uma conversão de escravos em amigos, mediante o acesso ao conhecimento divino pelo seu exemplo. E para selar essa relação, o versículo Jo 15, 16 registra uma espécie de contrato de amizade entre Jesus e seus amigos:

¹⁶ οὐχ ὑμεῖς με ἐξελέξασθε, ἀλλ’ ἐγὼ ἐξελεξάμην ὑμᾶς καὶ ἔθηκα ὑμᾶς ἵνα ὑμεῖς ὑπάγητε καὶ καρπὸν φέρητε καὶ ὁ καρπὸς ὑμῶν μένη, ἵνα ὃ τι ἂν αἰτήσητε τὸν πατέρα ἐν τῷ ὀνόματί μου δῶ ὑμῖν.

“Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros, e vos designei para que vades e deis frutos, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda.” Na primeira parte desse versículo Jesus ressalta ainda outra característica desta relação assimétrica: ele é quem escolhe os amigos. À outra parte, portanto, resta apenas a opção de aceitar ou não este contrato de amizade. Contudo, não aceitá-lo implicaria a escravidão pela ignorância do amor divino.

¹²⁰ Apesar da maioria das bíblias em português traduzirem *δούλους* como “servos”, o dicionário *Greek-English Lexicon* (LIDELL & SCOTT, s/d, p. 210) aponta que o termo mais fiel ao grego antigo seria “escravos”.

Na segunda e derradeira parte do versículo 16, finalmente são explicitadas as atribuições de ambas as partes neste contrato de amizade: a) Aos amigos, após serem libertos pela verdade, cabe seguir o exemplo de Cristo pelo trabalho que gera frutos perenes; b) Ao Cristo, cabe interceder junto ao seu pai, com quem tem relação privilegiada, para que tudo o que seus amigos pedirem, em seu nome, seja concedido. Trata-se, então, de um tratado de amizade de relações e direitos assimétricos que se desdobra em um compromisso de trabalho.

E para finalizar o contrato, Jesus relembra:

¹⁷ ταῦτα ἐντέλλομαι ὑμῖν, ἵνα ἀγαπάτε ἀλλήλους.

“Isto vos mando, que vos ameis uns aos outros.” Notemos que o contrato é firmado por meio de um mandamento amoroso. Mas o verbo utilizado é o *ágape*. O amor *philos* só aparece nos versículos 13 e 14 e, em ambos casos, servindo para adjetivar a relação entre o Cristo e seus amigos. O amor conjugado por Cristo é o amor *ágape*.

Em suma, a partir do exemplo de Cristo, o amigo cristão objetiva transformar-se pela imitação de um modelo ideal. E a partir de sua conversão e modelo de vida, almeja transformar o outro, num gesto de caridade, como extensão de si mesmo. A amizade com Jesus é aceita em sua assimetria, pois ele é, pela fé, um deus. A ascese no contexto cristão transforma-se em algo semanticamente oposta ao seu significado original na Grécia Clássica. Pertencente à mística cristã e a teologia, a ascese passa a ser concebida como abstinência e caminho de restrições a fim de se viver conforme a vontade e o exemplo de um Deus.

Amizade na modernidade

Na modernidade, a amizade é identificada como um processo de crescente decomposição do espaço público, de privatização e des-politização.

Segundo Ortega (2002, p.107) isso se deve, principalmente, a três fatores: a) O Estado passa a desempenhar um novo papel a partir do século XV, intervindo com mais frequência no espaço social antes entregue às comunidades; b) O desenvolvimento progressivo da alfabetização, o que permitiu formas de “reflexões solitárias”; c) Novas formas de religião, que permitiram o desenvolvimento de formas de devoção privadas.

Mas é o surgimento da família burguesa que se constitui um elemento principal desse processo (ORTEGA, 2002, p. 105). A valorização da sexualidade e sua conjugalização e familiarização consegue não somente relegar a amizade a um segundo plano, mas constituem, ao mesmo tempo, uma das principais estratégias de controle da vida moderna (ORTEGA, 2002, p.133).

Com a virada para o século XIX a amizade vai se descobrir dividida entre a exaltação do amor romântico e a intensificação dos vínculos familiares em sua versão nuclear, em particular conjugal. É o momento em que a amizade é relegada ao âmbito familiar (entre irmãos, cônjuges e pais e filhos). A amizade com membros de outras famílias é restrita basicamente à adolescência. Essa fase é concebida como um período de transição entre a infância e a vida adulta. Período de tempo onde os relacionamentos inter-familiares entre os jovens são tutorados para que esses busquem, de maneira “orientada”, boas relações de camaradagem e de casamento para o fortalecimento e prosperidade da família.

É neste momento também que a escola passa a ser um espaço tido como adequado para a convivência amistosa “saudável”. É na virada para o século XX que surge o discurso da adolescência com o intuito de produzir um “adulto ideal” mediante uma “liberdade vigiada”. Tal convivência para ser saudável precisa ser observada e tutorada por educadores.

Um interessante trabalho em torno do assunto é a obra “A invenção da Adolescência no Discurso Psicopedagógico”, de Maria Rita de Assis César (1998). Nesse trabalho, a autora pesquisa a invenção do conceito de adolescência por meio da análise de diversos manuais e tratados sobre o tema no século XX. Por meio deles, evidencia-se a busca incessante na modernidade pelo controle dos modos de vida dos adolescentes,

especialmente no que tange à sexualidade, por meio de um discurso higienista e biomédico.

A amizade é de certa forma estimulada na escola, mas dentro desse paradigma da “liberdade vigiada”. A adolescência passa a ser então o tempo da amizade burguesa, e a escola seu *lócus* privilegiado. Afinal, na vida adulta o sujeito não terá mais “tempo a perder”. Se tudo der certo, o bom estudante se transformará em um adulto produtivo, pertencente a uma família nuclear. Ele cultivará suas amizades em âmbito familiar e privado, será um cidadão regrado e se ocupará da vida pública somente no que tange as necessidades de segurança, proteção e bem-estar de sua família. Será trabalhador e um exemplo de moral. E usualmente iniciará um relato referente à sua juventude com a expressão “no meu tempo”...

A Amizade enquanto uma experiência integral pela Dinâmica das Cartas

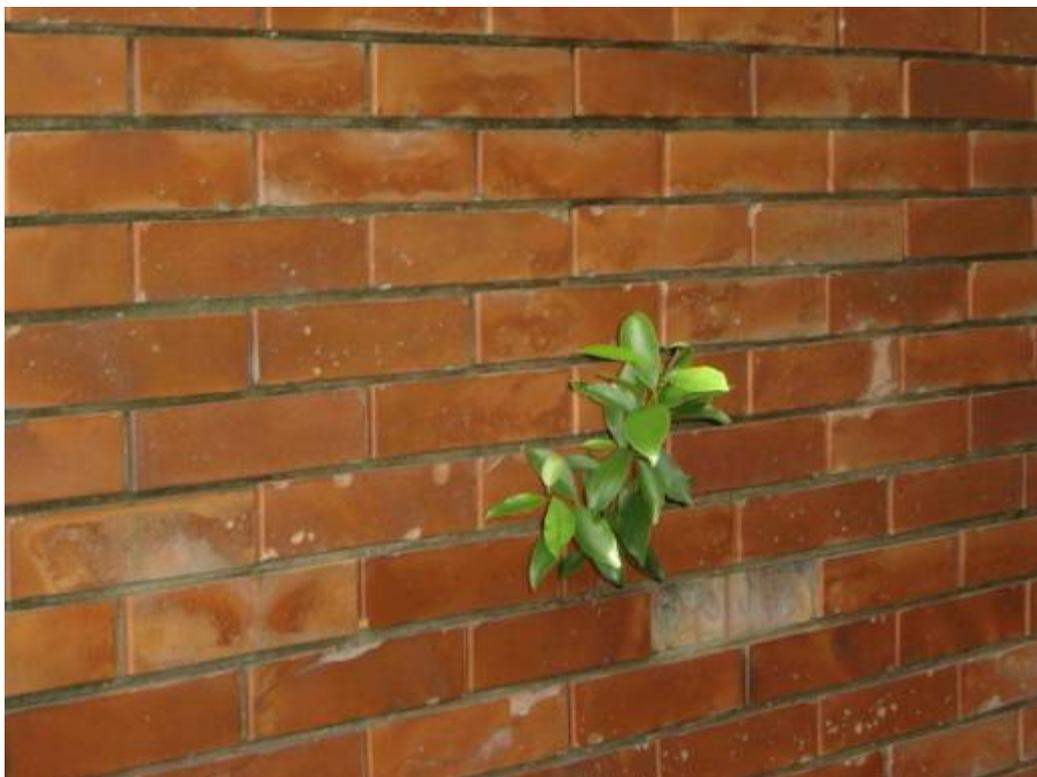


Foto 8: A vida que brota na escola¹²¹

(...) Não é porque temos vínculos com esse passado tão recente e especial que não podemos desfrutar das riquezas de um novo tipo de relação, quero dizer, de uma nova organização dessa relação, entende Alex? Não é porque não temos uma vivência diária que meu amor por vocês é menor, não mesmo! Um

¹²¹ Foto tirada por um participante da Dinâmica das Cartas durante Jornada de Formação para concluintes do Ensino Médio, em 17 de Dezembro de 2004, no Colégio La Salle São João – Porto Alegre /RS. Tratava-se de uma atividade especial onde todos os formandos participavam de uma espécie de rito de passagem da escola. Eles permaneceram 24 horas no colégio, sem dormir, participando de dinâmicas de grupo, rodas de conversa e atividades culturais. Em uma dessas dinâmicas, cada estudante tirou uma fotografia para expressar a sua experiência mais profunda naquela escola. Essas fotos foram projetadas em uma tela e motivaram uma intensa e emocionante roda de conversa sobre os seus processos formativos. Essas fotografias posteriormente foram impressas e compuseram uma exposição que acolheu todos os estudantes do colégio no primeiro dia letivo do ano seguinte.

exemplo disso é a minha amizade com a Flávia¹²²: nós temos vidas doidas, corremos cada uma pra um lado, mas a nossa amizade é linda! Sempre nos procuramos nem que seja pra dizer "Nêga, to com saudade!" por email ou por orkut, às vezes passamos meses sem nos vermos, mas a amizade está ali, dentro da gente, o amor que a gente sente não muda, a gente cresce, conhece gente, ama mais gente, mas o que fica das lembranças e das vivências não há o que apague, nem o tempo, e isso nos mantêm unidas desde que ela saiu do colégio até hoje (...) Tatiane Marques Cardoso (CC, 2008, linhas 5550-5561).

Retomemos: em 2003 eu era professor de Ensino Religioso do Ensino Médio de uma escola católica tradicional de Porto Alegre. Durante a realização das atividades da disciplina, eu convidei meus 246 alunos, a imensa maioria proveniente de famílias da classe média e alta da zona norte da cidade, a escreverem uma carta para si mesmos a ser remetida novamente a eles cinco anos depois. Nada mais natural, portanto, que a amizade, despolitizada e deserotizada, fosse muito rememorada por todos ao receberem suas cartas, em 2008. Afinal, como já discutimos anteriormente, a adolescência é o tempo da amizade burguesa e a escola seu *locus* privilegiado. Não nos deveria causar estranhamento que, cinco anos depois, um grupo de jovens iniciantes nos compromissos de uma sociedade que os cobra responsabilidades, reduzindo e simplificando o leque de relações permitidas no cotidiano, lembrasse com nostalgia do tempo em que podiam experimentar o descompromisso do cotidiano escolar de um adolescente burguês. A Dinâmica das Cartas, neste contexto, não seria nada mais do que uma moratória pastoral de um educador cristão que, imbuído de um amor (*Ágape*), estenderia pelo tempo e para além dos muros da escola a sua missão de se tornar exemplo a ser seguido pelos seus pupilos.

Talvez isso seja verdade. Mas somente parte da verdade. O fato é que, intuitivamente, ao propormos esta atividade, oferecemos aos jovens a possibilidade de, por meio da amizade, entrarem em contato com a *duração* de suas vidas e, frente aos processos de diferenciação e de libertação que a

¹²² Nome fictício.

sociedade contemporânea também oferece, questionarem, relativizarem e viverem novas possibilidades de vínculos e existência.

Falar de amizade é falar de relação. Todavia, de fato, muitas vezes podemos discursar sobre os relacionamentos simplificando a existência do outro, condicionando-a aos nossos modos de vida. Como demiurgos¹²³, podemos tentar modelar a ideia de amigo conforme os parâmetros que regem nossas vidas. Narcisicamente, podemos buscar semelhanças a serem valorizadas e diferenças a serem modificadas. Assim, por não conseguirmos acolher o que há de singular na vida do amigo, e seus inevitáveis estranhamentos aos nossos modos de vida, não permitimos que o outro contribua efetivamente para a nossa autotransformação e (re) criação.

Há uma forma de discurso sobre a amizade que reproduz a lógica do luto, em forma de epitáfio. Ele é abundante na tradição literária e continua sendo um modo usual de versar sobre o amigo. O discurso do epitáfio insere-se em uma lógica nostálgica, enlutada e comprometida de amar o amigo além da vida e da morte. A amizade seria a possibilidade de citar a si mesmo como um exemplo “pois o amigo é uma imagem (*exempla*), uma cópia de mim. Assinando de antemão a oração fúnebre.” (ORTEGA, 2002 , p.69).

Cícero escreveu por meio de diálogos uma série de reflexões acerca da amizade. Abaixo, um interessante fragmento do capítulo VII de sua obra *De Amicitia*, de 45 a.c:

Porque o verdadeiro amigo vê o outro como a uma imagem de si mesmo. E, assim, se fazem presentes ou ausentes, fartos ou necessitados, poderosos ou fracos, e o que é mais difícil de crer, vivos ou mortos. Tal é a honra, o desejo, a memória que sempre os acompanha dos seus amigos. Deste modo, a morte de uns parece ditosa e a vida dos outros digna de louvor. Mas se desterra do mundo a união da benevolência, nenhuma casa, nenhuma cidade subsistirá, nem ainda o cultivo dos campos poderá permanecer; e se por isto não se entende bastante quanta seja a força da amizade e da concórdia, poder-se-á entender. Porque, que casa há tão forte, que cidade tão estável, que os ódios e as discórdias não possam derrubar? De onde se pode conhecer quanto bem se encerra na amizade.

¹²³ Platão utilizou o termo demiurgo (*δημιουργός*) em seu diálogo “Timeu”. Numa exposição sobre cosmologia, o Demiurgo figura como o agente que, embora não seja o criador da realidade, organiza e modela a matéria caótica preexistente de acordo com modelos perfeitos e eternos.

Para falar desse amigo, que é uma extensão narcísica de si, erige-se um epitáfio em sua homenagem, um elogio épico em torno de uma espécie de alter-ego. Esta abordagem da relação de amizade é chamada por Ortega (2000, p.68-72), inspirado na obra de Derrida, de “tirania do amigo morto”.

Em minha opinião, a síntese mais precisa desse discurso no âmbito da escola, especialmente no que tange à relação entre educador e educando, pode ser ilustrada por meio de uma metáfora que ouvi de um palestrante durante uma Jornada Pedagógica.¹²⁴ Em sua exposição, ele apresentou tal metáfora para falar sobre o que ele denominava de “Educação pelo exemplo do educador cristão”.

Os estudantes seriam como plantas novas e os professores como estacas de madeira. Os laços afetivos entre estudantes e professores poderiam ser compreendidos como as cordas com as quais se amarrariam as plantas nas estacas. A missão dos professores-estacas consistiria em servir como referência, em sua retidão, para o crescimento dos alunos-planta em direção ao sol que simbolizaria Deus.

Nesse sentido, o palestrante insistia na necessidade do educador formar-se em retidão e, conseqüentemente, servir de exemplo aos estudantes, apontando o itinerário de crescimento: o céu, Deus.

A partir dessa metáfora, podemos propor alguns questionamentos:

a) Poderíamos denominar de “educação” um processo no qual há relação entre algo vivo (aluno-planta) e algo morto (professor-estaca)? – é importante ressaltar, nesse sentido, que a estaca é feita de madeira morta.

b) Poderíamos chamar de formação docente uma ascese que desvitaliza o professor até torná-lo reto? – o processo de formação seria o ato de se colocar o professor na forma de estacas. Relembremos: nada do que é vivo é reto!

c) Se não houvesse a estaca, o aluno-planta também não cresceria em direção ao sol? – haja vista que o *élan vital* busca sempre se diferenciar e se atualizar para evoluir criativamente.

¹²⁴ Jornadas Pedagógicas são períodos de formação docente. Nelas ocorrem palestras, informes, estudos e planejamentos escolares oferecidos aos educadores das escolas. Geralmente, ocorrem antes do início de cada ano. Omito o local e data da referida palestra a fim de preservar a identidade do palestrante.

d) Seria correto denominar de “laços de amizade” amarras que objetivam tornar o outro o mais próximo possível de si mesmo? – haja vista que é ilusório determinar um objetivo à vida. Pois a vida não tem objetivos. Ela só apresenta sentidos e, ainda assim, somente compreensíveis pela contemplação da sua trajetória evolutiva.

e) Poderíamos de fato educar para a vida por meio do exemplo particular de um educador? - se partimos da constatação de que a vida para permanecer viva precisa diferenciar-se singularmente, concluímos que se morre (ou, no mínimo, se desvitaliza) ao se imitar outra experiência singular.

A nosso ver, tomar a educação como uma experiência relacional pautada pelo exemplo é um ato de “tirania do amigo morto”, no qual os processos educativos são tidos como desvitalizantes e homogeneizadores.

Mas, então, seria possível uma amizade (*filos*) entre educador e educandos? O que seria então um “bom amigo”? Ou, mais diretamente: seria essa relação possível em uma disciplina de Ensino Religioso? Em nossa opinião, isso dependerá do quanto o educador esteja disposto e sensível à autotransformação. Nesse âmbito, Ortega (2000, p.80-81) nos faz pensar a partir de uma reflexão nietzschiana:

Nietzsche critica os “bons amigos”, que sempre dizem o que queremos escutar, sempre concordam, nunca criticam, pois eles fortalecem nossa identidade, impedem o desenvolvimento de uma sensibilidade para as diferenças e a alteridade. Esses amigos são “preguiçosos em excesso, pois na condição de amigos, acreditam ter direito à comodidade”. Devemos “conceder-lhes previamente campo livre para que lutem contra a incompreensão”. Daí a recomendação nietzschiana de “rir” e “desembaraçar-se sem mais desses bons amigos”¹²⁵. Já que, ao contrário de Aristóteles e da tradição, a amizade não fortalece a identidade, mas constitui antes a possibilidade de nos transformarmos, a amizade é, no fundo, uma ascese, isto é uma atividade de autotransformação e aperfeiçoamento.

¹²⁵ (NIETZSCHE, 1996, p.27)

Não há dúvidas que o contexto escolar em que nos inseríamos nos incentivava a buscar um educando-amigo a partir de uma matriz “pastor-pastoreado”. No entanto, não foi isso o que ocorreu. Na verdade, buscamos um educando-amigo como um companheiro de uma trajetória de autotransformação e recriação da vida.

É possível, portanto, experimentarmos amizades, inclusive com os educandos, que parecem transcender o tempo e a distância. Há experiências vivenciadas com amigos que parecem reverberar seu *élan vital* de maneira qualitativa no tempo presente. Estão sempre conosco em uma virtualidade pura, prontas a serem atualizadas por alguma necessidade da vida útil ordinária. A amizade que *dura* está associada à capacidade dos amigos viverem em *duração*, encontrando um sentido na trajetória de vidas (re) criadas em conjunto. Nesse sentido, a amizade que dura só pode ser compreendida enquanto ascese. E, em nossa avaliação, a Dinâmica das Cartas foi um dispositivo que facilitou esse processo por meio de uma experiência integral.

Anelise Valls, em um e-mail de agradecimento, avalia a relação educador-educanda que tivemos através da Dinâmica das Cartas:

Essas poucas linhas são uma espécie de agradecimento:

por te ter escorrendo na minha vida;
 por tu teres tido o gesto, numa espécie de “click”, que passou a existir e a nos estimular tão somente, creio eu, por já haver uma disposição anterior da nossa parte de ter tais experiências;
 pela tua criação imaginativa na proposta de nos fazer, em nos por, alegremente, a escrever cartas a nós mesmos sensivelmente (...)
 por ter me posto em movimento de saber ver, de deixar vir à tona pela mobilidade do olhar e que ainda dá reflexões de obscuridade, e aqui me refiro inclusive à celebração da experiência da carta, neste momento tão precioso e vital da minha vida,;
 por ter construído este espaço para a surpresa, com a nossa própria construção e reincorporação;

Eu imagino que tu estejas pra lá de tocado com tudo isso que se deu. É visível em ti a grandeza desta experiência.

Anelise Valls (CC, 2008, linhas 2148-2169)

Para além do agradecimento em si, acredito que Anelise nos oferece, por meio desse e-mail, substrato para analisarmos a Dinâmica das Cartas enquanto uma experiência integral pela amizade.

Podemos compreender o “te ter escorrendo em minha vida” como uma maneira poética de se referir a uma relação de amizade (*filos*), *em duração*, entre educador-educanda, que sustentou o sentido da atividade educativa tantos anos depois.

Também podemos compreender o “click” como a *intuição* propriamente dita que tivemos ao propor uma atividade a partir de uma Pedagogia da Intuição. A Dinâmica das Cartas, nesse sentido, se constitui em um gesto de “imaginação criativa” (“proposta”) de pôr os estudantes, “alegremente” e “sensivelmente”, a escreverem para si mesmos, a partir de uma “disposição anterior” dos educandos de terem “tais experiências”.

Anelise ainda agradece pela atividade ter se constituído enquanto dispositivo que a colocou em um “movimento de saber ver, de deixar vir à tona pela mobilidade do olhar”. A Dinâmica ofereceu, portanto, um olhar em movimento, um pensamento fluido e reflexivo, por ter se tornado um “espaço para a surpresa, com a nossa própria construção e reincorporação”. Além disso, ao citar que tal movimento “ainda dá reflexões de obscuridade”, ela demonstra que o exercício da Dinâmica não fora pueril ou romântico.

Em termos bergsonianos, a Dinâmica das Cartas ofereceu à Anelise, pela *intuição* e pela *memória*, o encontro com seu *eu profundo* e, conseqüentemente, com seu *Élan Vital* (Observação Interna). Em seguida, essa potente energia progressivamente “reincorporou-se”, se deixou vir “à tona”, ou seja, retornou ao *eu superficial*, se materializando progressivamente na *consciência*. (Germinação da Consciência) Em seguida, houve um processo de “própria construção”. (Bom Senso). Em suma, a Dinâmica das Cartas seguiu todos os passos que propusemos para uma Pedagogia da Intuição nesta tese.

Por fim, Anelise ressalta que a Dinâmica das Cartas, enquanto uma experiência integral baseada na amizade (*filos*), não transformou somente os educandos. Afinal, era (e segue sendo) “visível a grandeza desta experiência” na minha vida de educador.

Assim como Anelise, a maioria dos participantes considerou a Dinâmica enquanto um dispositivo que rompeu a rotina de suas vidas. Tratou-se, para a maioria deles, de um processo de reencontro consigo mesmo, com uma dimensão profunda de si, com sua própria fluidez que dura.

Boa parcela deles relatou encontros profundos com uma espécie de “duplo” de si. É como se o “eu superficial”, por meio da Dinâmica das Cartas, (re) encontrasse o “eu profundo”. Esse encontro profundo foi possível por meio desta Dinâmica que rompeu, por meio da memória, as demandas rotineiras que nos prendem à superficialidade das necessidades de atenção à vida ordinária.

A literatura tem, enquanto arte, a potencialidade de criar mundos e encontros para que possamos experimentar outros modos de perceber e sentir a vida. Nesse sentido, o *duplo* tem sido usado como um recurso literário e simbólico, propiciando reflexões sobre contrastes ou contrários no próprio sujeito, ou nos personagens aludidos pela literatura.

Por meio de seu universo de realismo fantástico, o autor argentino Jorge Luis Borges¹²⁶ talvez tenha criado uma das cenas mais geniais sobre o *duplo*, por meio do conto *25 de Agosto – 1983*. Em um e-mail datado de 29 de Maio de 2005, Cláudia Flores¹²⁷ comparou a sua experiência por meio da Dinâmica das Cartas ao referido conto. Abaixo, um fragmento de seu relato:

(...) Nessa função toda, lembrei de um conto do Jorge Luis Borges onde ele, um velho de sessenta anos, encontra consigo mesmo num banco de praça, um Borges então com vinte anos. O velho Borges sentava-se num banco na cidade de Boston. O jovem Borges sentava-se num banco em Genebra. E os dois ficavam ali conversando. Quem me dera, fiquei imaginando, eu pudesse marcar um encontro comigo mesma de tempos em tempos, só pra olhar um pouco pra mim e para os caminhos pelos quais eu andei (e continuo andando), rir um pouco das bobagens que a Claudinha às vezes inventa, e brincar com a sua/minha mania de querer controlar o próprio rumo (e para o qual tantas vezes não há controle... (...))

¹²⁶ Escritor, poeta, tradutor, crítico literário e ensaísta argentino (1899-1986).

¹²⁷ Cláudia Flores escreveu sua carta no ano 2000. Embora não esteja contida no grupo que escreveu esta tese conosco, ela também autorizou o uso do fragmento de seu e-mail para este trabalho, mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Assim ela se descreve hoje: *Cláudia Flores, 28 anos, jornalista e apaixonada por pessoas e biografias. Clau, 21 anos, estudante de jornalismo e apaixonada por enviar e receber cartas. Claudinha, 16 anos, escritora de diários, em busca de coisas ou pessoas apaixonantes. E tantas outras...*

Como se fosse um conto de realismo fantástico, Luiz Alberto Albe Rigon Filho¹²⁸, no e-mail abaixo, também relata as emoções que sentiu ao “conversar” consigo mesmo:

(...) Fiquei meio assim de ler a carta, não era medo, nem alegria, era tudo junto... Uma emoção cor branca, que pode ser todas juntas ou nenhuma. (...) Parece incrível como eu, mesmo tendo mudado muito, sentia que ia mudar. Não sabia racionalmente, mas parece que sentia (...) Na carta eu basicamente conto como eu era em 2004 e me questiono como eu sou hoje. Coisas como música, série de TV e tal da época que eu continuo gostando, e não tem nada escrito explicitamente que demonstra que eu tenha mudado. Mas não precisa estar escrito, eu sei como eu era... só não lembrava! Eu era uma pessoa muito sonhadora (que levava fé mesmo!) e ia à luta. Hoje em dia eu posso até ser muito sonhador ainda, mas sou muito mais acomodado. Na carta, pergunto que faculdade eu curso (cuja resposta é nenhuma!). Veja bem: o Luiz de 2004 pergunta isso, ele nem cogita que eu não fosse estar em nenhuma. Mas estarei, por ele. No final, esse rapaz incrível e nem um pouco bobinho fala meio assim: "Se a vida não estiver como tu quiser, não se preocupe, eu sempre estarei lá pra te ajudar"... Olha só que viagem, eu acabo de descobrir que sempre vou poder contar com... eu mesmo! (sic) Luiz Alberto Rigon Filho (CC, 2009, linhas 39-65)

Esse duplo de si é acessado pela lembrança e expressa uma dimensão de si mais profunda e pura, existente em um tempo não mensurável. Esse *duplo* se difere em grau e em natureza daquele eu mais superficial e ordinário, preso às demandas do tempo presente.

Nesse sentido, é importante que se diga que, sem dúvida, não temos apenas um *duplo*. Quantos “Luizes de 2004” não devem existir? Deve existir ainda os Luizes de 2003, os Luizes de 2002, os Luizes de 2001... Poderíamos ainda fracionar os “Luízes” em meses, dias, horas, minutos, segundos... E assim nos daríamos conta que este esforço é inócuo e sem sentido, pois o “Luiz de 2004” não se trata da relação de um Luiz com um tempo quantificável,

¹²⁸ Luiz escreveu a sua carta no ano de 2004, quando estava na 8ª série. Portanto, não faz parte do grupo de participantes que produziu esta tese. Contudo, solicitei a ele que eu pudesse utilizar este fragmento de seu e-mail nesta parte da tese. Ele autorizou prontamente meu pedido mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

divisível, homogêneo. O “Luiz de 2004” é uma referência à relação de um Luiz com um tempo qualitativo, indivisível e heterogêneo. Trata-se de uma lembrança pura.

Existem, portanto, infinitos “Luizes” a serem acessados pela memória. Porém, apesar de o Luiz possuir todos eles sempre consigo, em sua virtualidade pura, um deles só pode ser atualizado quando nossa vida ordinária clama sua presença. O encontro com um *duplo* rompe a rotina do dia-a-dia como uma clareira na floresta, evidenciando dados imediatos à nossa consciência.

Mas qual dos “Luizes” seria o “essencial”? É muito importante ressaltarmos que não podemos conceber o *eu profundo* enquanto uma essência imutável, um “Luiz Ideal”, acessado por reminiscências, nos moldes platônicos. O *eu profundo*, em termos bergsonianos, só pode ser concebido *em duração*, ou seja, *em movimento*.

Eduarda Bonora Kern, após participar da banca de qualificação desta tese, sintetizou a função da Dinâmica das Cartas enquanto uma possibilidade de um encontro com ela mesma para muito além de uma abordagem psicologizante ou essencialista:

Quero fazer alguns comentários que, ao menos a mim, são inevitáveis: ao ler meus e-mails de 2008 em 2011 me passaram as mesmas sensações de quando li a carta de 2003 em 2008. Ainda concordo comigo mesma que me reconheço em todas aquelas palavras e sentimentos. Me lembro que na tua qualificação¹²⁹, algum dos professores comentou sobre a questão de “essencializar” o “eu” que todos nós acabávamos fazendo (em relação a sermos os mesmos, mas diferentes). Porém, não vejo como uma questão de uma essência de si, e sim de percebermos como todos esses “eus”, nosso passado, nossas identidades atuais, vão se processando, se transformando e reconfigurando ao longo do tempo, e se unindo de uma forma que nos faça pensar “ah, mas era bem eu mesmo ali” e esse eu mesmo não é uma essência, e sim nossa percepção de como amadurecemos, de como sintetizamos nossas experiências dentro de um corpo único e presente. E para mim é incrível como isso tudo me faz pensar tanto. Acredito que é justamente o fato de tu nos colocares de frente a nós

¹²⁹ Vários participantes estiveram presentes no dia da Banca de Qualificação do Projeto desta tese, no dia 09 de Agosto de 2010, na FACED/UFRGS. Eduarda foi uma delas.

mesmos (fazer pensar em nós, no processo de construir juntos, nas cartas, nos e-mails e nos encontros), porque toda vez que a gente lê algo nosso, de um tempo atrás, ou de como isso foi interpretado e potencializador de outras análises, vem alguma reflexão e comentário. E como tu também estás integrando todos esses retornos no sentido de dar significado a todas essas experiências minimamente coordenadas, também gera uma curiosidade nossa em acompanhar, além de inevitavelmente contribuir, de uma maneira ou outra, pela troca de mensagens.¹³⁰

A Pedagogia da Intuição objetiva o processo de experiência integral que, conforme nossa proposta, somente pode ser compreendida *em duração*, seguindo os passos da Observação Interna, Germinação do Pensamento e Bom Senso. Sendo assim, seria possível o planejamento em uma Pedagogia da Intuição?

Acreditamos que, como em qualquer Pedagogia, podemos planejar seus objetivos, mas nunca seus sentidos. A Pedagogia da Intuição é uma obra educativa e artística. Portanto, leva em consideração que

(...) ninguém, nem mesmo o artista, poderia ter previsto exatamente o que seria o retrato, pois predizê-lo teria sido produzi-lo antes que fosse produzido, hipótese absurda que se destrói a si mesma. O mesmo vale para os momentos de nossa vida, dos quais somos artífices. Cada um deles é uma espécie de criação. E, assim, como o talento do pintor se forma ou se deforma, em todo o caso se modifica, pela própria influência das obras que produz, assim também cada um de nossos estados, ao mesmo tempo que sai de nós, modifica nossa pessoa, sendo a forma nova que acabamos de nos dar. Tem-se portanto razão em dizer que o que fazemos depende daquilo que somos; mas deve-se acrescentar que, em certa medida, somos o que fazemos e que nos criamos continuamente a nós mesmos. Essa criação de si por si é tanto mais completa, aliás, quanto melhor raciocinamos sobre o que fazemos (*E.C.*, p. 7).

Somos, portanto, criadores e artistas de nossas vidas. Mas esse ato contínuo de auto-criação exige reflexão sobre os objetivos e os sentidos de nossas vidas. Bergson aponta a alegria como principal sinal que a nossa própria natureza nos oferece para percebermos que “a vida venceu”:

¹³⁰ E-mail enviado por Eduarda em 04 de Julho de 2011.

Os filósofos que especularam sobre o significado da vida e sobre o destino do homem não observaram bem que a própria natureza se deu ao trabalho de informar-nos sobre isso: avisa-nos por meio de um sinal preciso que nossa destinação foi alcançada. Esse sinal é a alegria. Estou falando de alegria, não do prazer. O prazer não passa de um artifício imaginado pela natureza para obter do ser vivo a conservação da vida; não indica a direção em que a vida é lançada. Mas a alegria sempre anuncia que a vida venceu, que ganhou terreno, que conquistou uma vitória: toda grande alegria tem um toque triunfal. Ora, se levarmos em conta essa indicação e seguirmos essa nova linha de fatos, veremos que em toda parte há alegria, há criação: quanto mais rica é a criação, mais profunda é a alegria (*E.S.*, p.22).

Oxalá, tenhamos a coragem para sermos sensíveis o suficiente para propormos, por meio de uma Pedagogia da Intuição, uma educação que objetive, em primeiro lugar, a alegria da criação da vida, por meio de experiências integrais e profundas.

Aí está um bom propósito para uma vida inteira...

4. Intuições para uma Pedagogia da Intuição¹³¹



Foto 9: Guri¹³²

*(...) Um menino caminha
E caminhando chega num muro
E ali logo em frente
A esperar pela gente o futuro está
E o futuro é uma astronave
Que tentamos pilotar
Não tem tempo nem piedade
Nem tem hora de chegar
Sem pedir licença
Muda nossa vida
E depois convida
A rir ou chorar
Nessa estrada não nos cabe*

¹³¹ Esta carta por mim foi escrita e depositada dentro de um envelope que será enviado para minha casa daqui a cinco anos (novembro de 2017). Pedi gentilmente à minha orientadora, Prof^a Malvina do Amaral Dorneles, que seja sua guardiã e remetente no momento apropriado. Dentro do envelope também seguem alguns bilhetes e fotos.

¹³² Foto de Camila Domingues.

Conhecer ou ver o que virá
 O fim dela ninguém sabe
 Bem ao certo onde vai dar
 Vamos todos numa linda passarela
 De uma aquarela
 Que um dia enfim
 Descolorirá

Aquarela – Toquinho e Vinícius de Moraes

Num dia desses, depois de eu escutar essa música, imaginei um hipotético diálogo entre um pai e um filho:

A vida seguia simples para o menino. Simples como andar pra frente. Até que um muro apareceu em seu caminho.

- *Pai, que muro é esse?*
- *É o muro da escola, meu filho.*
- *E por que o senhor me trouxe aqui? E o que tem atrás deste muro?*
- *Eu te trouxe até aqui para seres alguém na vida. Atrás deste muro está o teu futuro.*
- *Então eu não sou ninguém nesta vida?*
- *Tu és alguém muito importante pra mim. Porém tu és só um menino. Quero que no futuro tu sejas um doutor, quero que não sejas tão pouquinho quanto eu.*
- *Pouquinho? Mas tu és um montão meu pai!*
- *Deixa de história e entra lá, meu guri. Estuda muito e faça teu futuro. Quero que meu filho seja um doutor!*
- *Mas o que é este tal de futuro? O que é um doutor?*
- *O futuro? Não sabemos, meu filho. É algo de um outro mundo. De um lugar onde as coisas não são, mas podem ser. A escola é um meio de transporte que te leva pra esse tal de futuro. E doutor eu também não sei direito. É tipo uma pessoa importante, que tem mais instrução e dinheiro que a gente. E, por isso, pode mandar mais do que ser mandado.*

- *Então é esta tal de escola que vai me levar pra ser doutor? E quem pilota a escola?*

- *A escola pode sim te levar pra ser doutor, meu filho. Os pilotos da escola são os professores.*

- *E o que são professores?*

- *Professores são pessoas que estudaram muito pra nos ensinarem coisas importantes para tu seres alguém no futuro. Obedeça a eles como tu obedeces a mim e a tua mãe.*

- *Professores são doutores?*

- *Não. Doutores ganham mais do que eles. Doutores usam jaleco branco ou terno e gravata.*

- *Então o senhor quer que eu entre num troço que vai me levar pra um lugar que não é, mas pode ser, conduzido por pessoas que eu devo obedecer, que estudaram muito, mas não são doutores, e que me ensinarão coisas importantes para eu ser alguém mais importante do que eles e mandar em pessoas como o senhor?*

- *Mais ou menos isso, meu filho! Agora vai lá e faz bonito! Aproveita que tu és guri novo e a vida é ainda colorida. Presta atenção nas cores, letras e números que vão te mostrar. Teu velho pai já tá gasto do tempo e já começa a descolorir. Minha alegria é ver tuas mãos mancharem o mundo com tuas cores.*

Como estarão minhas mãos em 2017?

Do que elas estarão manchadas?

Como terão sido teus cinco primeiros anos de doutor?

Estarás usando jaleco?

Terno e gravata?

Espero que o teu curriculum¹³³ Lattes esteja encharcado de vitae¹³⁴!

Espero, sinceramente, que o encontro com esta carta, daqui a cinco anos, se constitua em um acontecimento prenehe de devires. Provavelmente,

¹³³ Caminho em latim.

¹³⁴ Vida em latim.

ele se constituirá em uma abertura em meio à floresta, um acontecimento capaz de propiciar um encontro com meu teu eu profundo...

Espero que tenha muita saúde (por isso te cuida!) porque a obra é grande...

Lembra que encerramos o intenso e fecundo ciclo de doutoramento cheio de vontade de vida. Ele valeu muito a pena! De fato, a tese de doutorado foi um ponto de partida, não de chegada. Eu diria, com humildade e alegria, que este doutorado serviu, essencialmente, para duas coisas:

1) Para eu descobrir o método da Intuição. Isso somente foi possível mediante uma intensa e transformadora experiência educativa que nos propomos através da Dinâmica das Cartas e por meio do estudo da obra de Henri Bergson,; e

2) Para ter a Intuição da Pedagogia da Intuição. Aí parece residir o impulso vital capaz de te fazer movimentar profundamente por toda a tua vida acadêmica. Pessoalmente, viveste por meio desta tese uma experiência integral. O movimento da Dinâmica proporcionou uma experiência profunda, uma coincidência com o *Élan Vital*. Teu pensamento foi germinado, recriado. Espero que o bom senso te diga (ainda mais em 2017!) que o estudo sobre a Pedagogia da Intuição é teu projeto de vida em *duração*, em educação.

Ousamos “inverter a marcha habitual do trabalho do pensamento.” (*I.M.*, p.31-32) E, por isso mesmo, estamos cientes que o doutorado apenas apontou as primeiras pistas do que seria uma Pedagogia da Intuição por meio de experiências integrais. Espero que nesses cinco anos novos estudos e pesquisas atribuam maior consistência a esse projeto.

No âmbito das pistas apontadas, destacamos que este trabalho demonstrou que há uma relação entre a *inteligência* e a *intuição* no cotidiano escolar, mas que se precisa, com rigorosidade metódica, desenvolver uma proposta de uma Pedagogia da Intuição a fim de que as vivências educativas se constituam, cada vez mais, enquanto experiências integrais.

Também se torna fundamental desenvolver novos trabalhos a fim de aprofundar a noção processual da evolução da inteligência e da intuição na

rotina escolar. Vimos ainda que ambas se afastam e se entrecruzam em um misto de processos da mente e da memória que podem se entrelaçar por meio de *experiências integrais*. Pois, como verificamos em nosso trabalho, a integralidade não é privilégio de grandes inteligências ou almas, mas pode ser fruto de uma ascese, de uma *Pedagogia da Intuição*.

Aliás, esta obra também apontou que tal integralidade é fruto muito mais por uma experiência qualitativa do que quantitativa do tempo educativo. Parece-nos que seja importante ampliar as oportunidades educativas e a jornada escolar. Contudo, os principais desafios de uma educação que vise educar integralmente seriam no âmbito da formação docente, especialmente no que tange o desafio pedagógico de integrar os aprendizados que envolvem a memória-hábito enquanto um acontecimento na vida dos estudantes.

Por fim, também deveremos desenvolver novos trabalhos a fim de aprofundarmos a ideia da formação docente enquanto ascese fundada na amizade, na alegria e na criação. Nesse sentido, urge também mais estudos e pesquisas sobre a dimensão ascética da educação e suas implicações na vida dos educandos e dos educadores.

No mais,

Ps.1: Não te esqueça do teu mais ousado projeto: transformar a escola numa máquina do tempo. Tempo *que dura*.

Ps.2: Não te esqueça de que prometeste um ano sabático aos 40 anos!

Há-braços,

Alex

Referências Bibliográficas

Obras de Bergson

BERGSON, Henri. **A Energia Espiritual**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **A Evolução Criadora**. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.

_____. **A Intuição Filosófica**. Lisboa: Edições Colibri - Universalia, 1994.

_____. **As Duas Fontes da Moral e da Religião**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Cartas, Conferências e outros escritos**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores)

_____. **Cursos sobre a Filosofia Grega**. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.

_____. **Duração e Simultaneidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência**. Lisboa: Edições 70, 2011.

_____. **O Pensamento e o Movente.** In Cartas, Conferências e outros escritos. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. 99-152. (Coleção Os Pensadores)

_____. **Matéria e Memória.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **Introdução à Metafísica.** In Cartas, Conferências e outros escritos. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores)

_____. **Le bons sens et les études classiques.** In Écrits philosophiques. Paris: PUF, 2011, p. 152-164.

Obras Complementares

Livros, Artigos e Palestras

BARROS, M. **Exercícios de ser criança.** Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

BECKER, Howard Saul. **Métodos de pesquisa em ciências sociais.** 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BENJAMIN, Walter. **A origem do Drama Barroco Alemão.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **O Narrador – Coleção Os Pensadores.** São Paulo: Abril, 1975.

BITTENCOURT, Amanda Rosa de. **Borges e o outro: uma análise psicológica do duplo.** Anais do X Encontro de Letras da PUCRS – disponível

em:<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Amanda-Rosa-de-Bittencourt.pdf>

BORGES, J. L. **25 de Agosto, 1983**. Obras Completas de Jorge Luiz Borges. Lisboa: Editorial Teorema, 1998.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRUNEL, Pierre. **Dicionário de Mitos Literários**. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: história de deuses e heróis**. – 26ª ed. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CARROY, J.; OHAYON, A; PLAS, R. **Histoire de la psychologie em France: XIX - XX siècles**. Paris: La Découverte, 2006.

CÍCERO. **Diálogo sobre a amizade (De Amicitia)**. Cultura Moderna, São Paulo, s/d.

COSTA Carvalho, Magda. **A Intuição bergsoniana da duração: o tempo da ciência é o espaço**. Kairós: Revista de Filosofia e Ciência do Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa, n. 4, p. 87-104, 2012.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DELEUZE, Gilles. **BERGSONISMO**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____ e GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Lisboa: Editorial Presença, 1992.

DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

EDINGER, Edward F. **A Psique na Antiguidade.** São Paulo: Cultrix, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin.** São Paulo: Perspectiva, 1999.

HEIDEGGER, Martin. **O fim da filosofia e a tarefa do pensamento.** Heidegger - Coleção os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses.** São Paulo: Iluminuras, 2001.

HUDE, H. **Bergson.** Paris: Éditions Universitaires, 1990.

JÚNIOR, Bento Prado. **Presença e Campo Transcendental – Consciência e Negatividade na Filosofia de Bergson.** São Paulo: Edusp, 1989.

LALANDE, André. **Vocabulaire technique et critique de la philosophie.** Paris : PUF, 1947.

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. **Bergson: Intuição e Discurso Filosófico.** São Paulo: Loyola, 1994.

LIDELL AND SCOTT'S. **Greek – English Lexicon: an intermediate.** New York: Oxford Press, s/d.

MACHADO, Alessandro dos Santos. **Contar para viver: o (re)conhecimento da vontade de potência dos educadores pela narração de suas histórias de vida**. Porto Alegre: Nova Prova, 2005.

_____ e TASCHETO, Márcio da Silva (org.). **Metamorfose Educacional**. Porto Alegre: Nova Prova, 2004.

MARTINS, Roberto. **Espaço, tempo e éter na teoria da relatividade**. Palestra realizada em 18/10/2008 por ocasião da *Exposição Einstein*. Revista Pesquisa FAPESP online - disponível em 27 de julho de 2011: www.revistapesquisa.fapesp.br.

MOSSÉ-BASTIDE, Rose-Marie. **Bergson Éducateur**. Paris: Presses Universitaires de France, 1955.

NASCIMENTO, Ruben de Oliveira. **Uma perspectiva psicológica do duplo de Jorge Luis Borges**. Ibérica Revista Interdisciplinar de estudos ibéricos e ibero-americanos – disponível em 17 de Abril de 2012: <http://www.estudosibericos.com/arquivos/iberica9/borgesnascimento.pdf>.

NIETZSCHE, F. **Para além do bem e do mal – Nietzsche: obras incompletas**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e Estética da Existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **Genealogias da Amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

_____. **Para uma Política da Amizade: Arendt, Derrida, Foucault**. Rio de Janeiro: Sinergia: Relume Dumará, 2000.

PÉTREMENT, Simone & WILLEMETZ, Gérard. **Henri Bergson : exposition du centenaire.** Paris : Bibliothèque nationale, 1959.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia.** Rio de Janeiro: Forense, 1969.

_____. **Seis estudos de Psicologia.** Rio de Janeiro: Forense, 1964.

PLOTINO. **Tratado das Enéadas.** São Paulo: Polar Editorial, 2000.

_____. **Enéada III.8 [30]: sobre a natureza, a contemplação e o Uno.** Introdução, tradução e comentário: José Carlos Baracat Júnior. – Campinas, SP: UNICAMP, 2008.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido: No Caminho de Swann.** Porto Alegre: Globo, 1983.

RIQUIER, Camille. **Archéologie de Bergson: temps et métaphysique.** Paris : PUF, 2009

ROSSETTI, Regina. **Bergson e a Natureza Temporal da Vida Psíquica.** Porto Alegre: Psicologia: Reflexão e Crítica , vol.14 no.3 Porto Alegre, 2001.

TREVISAN, Rubens Maurílio. **Bergson e a Educação.** Piracicaba: UNIMEP, 1995.

Dissertações e Teses

ARENHALDT, Rafael. **Das docências narradas e cruzadas, das sur-presas e trajetórias reveladas. Os fluxos de vida, os processos de identificação e as éticas na escola de educação profissional.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul / PPGEDU, 2005.

_____. **Vidas (in)tensas / Trajetórias en(ter)laçadas: as disposições éticas, estéticas e afetuais que tecem e sustentam o Programa de Extensão Conexões de Saberes – UFRGS.** Dissertação de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul / PPGEDU, 2012.

CÉSAR, M.R.A. **A invenção da adolescência no discurso psicopedagógico.** Campinas, SP, 1998; Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação: UNICAMP.

COSTA Carvalho, Magda. **A noção de "natureza criadora" no evolucionismo metafísico de Henri Bergson: estrutura e alcance de um projecto bio-filosófico.** Tese de Doutorado em Filosofia. Ponta Delgada: Universidade dos Açores (Portugal), 2009.

MACHADO, Alexsandro dos Santos. **O (Re) Conhecimento da Vontade de Potência dos Educadores pela Narração de suas Histórias de Vida.** Dissertação de Mestrado. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria / PPGE, 2005.

PINTO, Tarcísio Jorge Santos. **O Método da Intuição em Bergson e a sua dimensão ética e pedagógica.** Tese de Doutorado em Filosofia – USP, São Paulo: 2005.

RIBEIRO, M. S. de S. **Les routines et leurs ajustements dans la pratique éducative de l'enseignante d'éducation infantine.** 2012. p. 252. Tese de doutorado. Université du Québec à Chicoutimi. Québec, 2012. (inérita)

Cadernos de Correspondências e de Campo

Caderno de Correspondências Participantes da Dinâmica das Cartas – Turma do ano 2000. Porto Alegre, 2005.

Caderno de Correspondências com Participantes da Dinâmica das Cartas – Turma do ano 2003. Sapucaia do Sul, 2008.

Caderno de Correspondências com Participantes da Dinâmica das Cartas – Turma do ano 2004. Brasília, 2009.

Caderno de Campo da Vida em África – vol 3. Mangunde – Moçambique, 2006.

ANEXOS

ANEXO I - CARTA DE MINHA AUTORIA QUE INSERI JUNTAMENTE COM A CORRESPONDÊNCIA DE CADA PARTICIPANTE.

Porto Alegre, 26 de maio de 2008

Queridos amigos e amigas,

Pois é, parece que foi ontem que escrevemos aquela carta, que a colocamos naquela caixa. Sonhos, projetos, amores... Cinco anos se passaram... somos os mesmos, ainda que outros... Em anexo, segue aquela carta. Como combinamos, tu estás recebendo ela em casa. Leia-a com carinho e atenção, afinal, não é todo dia que temos um encontro conosco mesmo, a nossa própria voz de cinco anos atrás.

Seria muito interessante se tu enviasses uma carta (ver endereço no envelope) ou e-mail (alexdesapucaia@yahoo.com) comentando das tuas reações ao ler o que escreveste há 5 anos. Além disso, estamos promovendo um galeto de reencontro com todos os alunos que participaram desta dinâmica no ano de 2003. Será no **dia 21 de Junho de 2008, sábado, às 10h30min, nas dependências do Colégio**. A idéia é matar a saudade, conversar um pouco, comer um galeto, jogar uma bolinha... No entanto, é importante que tu confirmes presença até o dia 06 de junho, ligando para o (51) 3337-8677.

Com carinho e saudade,

Prof. Aleksandro dos Santos Machado

Anexo 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: Kairós Corpóreo: Educação como a Arte do encontro – *(Re)criação ética e estética de si pela Dinâmica das Cartas*

Você está sendo convidado a participar em uma pesquisa. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que está sendo realizada. Sua colaboração neste estudo é muito importante, mas a decisão em participar deve ser sua. Para tanto, leia atentamente as informações abaixo e não se apresse em decidir. Se você não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Se você concordar em participar basta preencher os seus dados e assinar a declaração concordando com a pesquisa. Se você tiver alguma dúvida pode esclarecê-la com o responsável da pesquisa. Obrigado pela atenção, compreensão e apoio.

Eu, Alexsandro dos Santos Machado, em respeito aos direitos legais e à dignidade humana da pessoa participante desta pesquisa, peço respeitosamente a autorização da mesma, para que possa fazer parte do grupo para análise posterior e confecção de futuros resultados, de forma que se houver concordância, responsabilizo-me através deste termo a prestar toda a forma de esclarecimento para melhor entendimento do papel da entrevistada neste trabalho; citando-os desta forma abaixo:

1. O objetivo deste trabalho consiste em refletir acerca da (re) criação ética e estética de si pela Dinâmica das Cartas, que você participou.
2. Para tanto, o responsável por esta pesquisa sistematizará suas análises e construtos teóricos a partir dos e-mails e cartas enviados pelos participantes da Dinâmica, após o recebimento de suas próprias cartas escritas há cinco anos atrás. Também será utilizada a transcrição de encontros realizados entre os participantes, onde debateram sobre o assunto.
3. Coerente com o referencial teórico que embasa este projeto, o pesquisador apresentará os resultados prévios da análise e construção da tese para cada participante. O pesquisador respeitará os escritos de cada participante, referendando e explicitando a autoria das reflexões de cada um. Trata-se, portanto, de uma obra polifônica, construída coletivamente. Além disso, cada participante está convidado a participar como ouvinte da banca de defesa desta tese de doutorado.
4. Através deste documento fica assegurado ao participante de que terá todos os esclarecimentos relativos à pesquisa, garantidos, incluindo a metodologia utilizada. A partir do momento que o participante da pesquisa não desejar mais fazer parte da pesquisa, reserve-lhe o direito de retirar o seu consentimento, livre de sofrer qualquer penalização.
5. Não haverá qualquer tipo de despesa ao participante, no que tange a materiais ou testes.

6. Se no transcorrer da pesquisa, tiver alguma dúvida ou por qualquer motivo necessitar poderá procurar Alexsandro dos Santos Machado, responsável pela pesquisa pelo telefone (87) 9953-4208, pelo e-mail alexdesapucaia@yahoo.com.

Eu, _____,
dou consentimento livre e esclarecido, para que se façam as análises necessárias a esta pesquisa e posterior uso e publicação dos dados nos relatórios finais e conclusivos, a fim de que estes sirvam para beneficiar a ciência e a humanidade.

Porto Alegre (RS),

2010.

Participante

ALEXSANDRO DOS SANTOS MACHADO

ANEXO III – E-MAIL QUE ENVIEI PARA AQUELES QUE NÃO RECEBERAM
SUAS CARTAS PELO CORREIO, MAS QUE QUISERAM PARTICIPAR DO
PROCESSO DE NOSSO DOUTORAMENTO

E-mail enviado em 30 de Junho de 2008

*Assunto: Reencontro com a Cartinha Inexistente - ou existente nos oceanos da
vida...*

Tudo bem?! (Espero que sim!)

*Infelizmente, nenhuma das cartinhas de vocês retornou pelo correio à
minha casa. Espero que de alguma forma elas já tenham chegado até vocês.
Caso vocês tenham se mudado, procure na antiga residência. Se não for o
caso, confiemos no acaso (ou na Providência Divina, caso acreditem nela) para
que um dia elas cheguem até vocês de alguma maneira. Elas estariam agora
vagando como uma mensagem numa garrafa pelos oceanos da vida...*

*Mesmo sem cartinhas, espero que nosso reencontro tenha sido uma
possibilidade de vocês se reencontrarem com vocês mesmos de cinco anos
atrás, com os seus colegas e com vocês mesmo hoje.*

*Se mesmo assim vocês quiserem enviar um e-mail contando da
experiência do reencontro (mesmo sem cartinha), e participarem da história da
construção coletiva de uma tese de doutorado, sintam-se convidados!*

Grande e Fraternal Abraço,

Boa Semana,